**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**“Considerações sobre o psicodinamismo de famílias
homoparentais femininas: uma visão psicanalítica”**

Ana Laura Moraes Martinez

**Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Doutor em Ciências, Área: Psicologia.**

**Ribeirão Preto – SP
Ano 2011**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Considerações sobre o psicodinamismo de famílias homoparentais femininas: uma visão
psicanalítica”

Ana Laura Moraes Martinez

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das
exigências para a obtenção do título de Doutor em
Ciências, Área: Psicologia.

Ribeirão Preto – SP
Ano 2011

ANA LAURA MORAES MARTINEZ

“Considerações sobre o psicodinamismo de famílias homoparentais femininas: uma visão psicanalítica”

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências. (Versão revisada).

Área: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Barbieri

Ribeirão Preto – SP
Ano 2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Martinez, Ana Laura Moraes

Considerações sobre o psicodinamismo de famílias homoparentais femininas: uma visão psicanalítica. Ribeirão Preto, 2011.

190 p. : il. ; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.
Orientadora: Barbieri, Valéria.

1. Homoparentalidade. 2. Psicanálise 3. Famílias 4. Técnicas Projetivas.

Nome: Martinez, Ana Laura Moraes

Título: Considerações sobre o psicodinamismo de famílias homoparentais femininas: uma visão psicanalítica.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Gostaria de compartilhar meus agradecimentos com algumas pessoas, sem as quais este trabalho não poderia ter sido realizado:

À minha orientadora *Profa. Dra. Valéria Barbieri*, que desde o início desta jornada me acolheu com tolerância e paciência.

Ao meu querido marido *Rodrigo Sampaio* com quem tenho o prazer de compartilhar e construir quotidianamente uma parceira criativa e fértil.

À minha mãe *Sueli Moraes* por ter me concedido o prazer de existir e por ter me auxiliado bravamente na realização de muitos sonhos.

Ao meu pai *Gilberto Castanho Martinez* que me serviu de inspiração pela sua presença marcante em minha vida.

Ao meu querido irmão *Luiz Augusto* pelas horas gostosas de música e cantoria.

Às minhas queridas amigas *Lenice Frazatto, Taciana Calmon e Marcelle Freitas* com quem pude descobrir os prazeres de compartilhar intimidades, dores e alegrias e com quem aprendi que não há distância que impeça a construção de laços.

Às famílias participantes deste estudo que aceitaram participar e compartilhar comigo suas dores e angústias. Sem elas, este trabalho não teria sido possível.

Às contribuições valiosas feitas pela *Profa. Dra. Lucimar Fortes Paiva* em meu Exame de Qualificação e também por ter me apresentado à Psicanálise, ainda na Graduação.

À leitura atenta e cuidadosa do *Prof. Dr. Daniel Kupperman* que me auxiliou de forma precisa na ressignificação de meu olhar sobre os dados.

E por fim, à minha analista *Cora*, com quem tanto tenho aprendido sobre mim mesma.

RESUMO

Martinez, A. L. M. (2011). Considerações sobre o psicodinamismo de famílias homoparentais femininas: uma visão psicanalítica. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

As famílias atuais comportam arranjos que vão além do modelo tradicional da família nuclear heterossexual. Uma destas “novas” configurações, que tem tido cada vez mais destaque social, diz respeito à família homoparental, composta por dois homens ou duas mulheres e seus filhos, sendo o acesso à filiação dado pela adoção, pela inseminação artificial, ou ainda, pela co-parentalidade. Diferente de outras configurações, mais tradicionais, a família homoparental causa debates acirrados por ser vista como uma ameaça à norma social vigente, baseada na diferença entre os sexos. Algumas vertentes da Psicanálise têm se posicionado radicalmente contra a homoparentalidade, pois compreendem-na como uma instituição que nega a diferença entre os sexos. Diante deste acirrado debate, o presente trabalho teve como objetivo investigar o psicodinamismo de três famílias homoparentais femininas e como o cuidado parental se estabelece em cada uma delas. Utilizou-se o referencial psicanalítico, tanto em termos teóricos quanto metodológicos para a construção e análise dos dados. Foram utilizados os seguintes instrumentos para a construção dos dados: entrevista individual com cada membro do casal; aplicação do instrumento projetivo Desenho de Família com Estórias; Entrevista Familiar Diagnóstica e devolutiva aos membros do casal. Os dados foram transcritos logo após cada contato, baseando-se no modelo de entrevistas psicanalíticas. Como resultado, observou-se nestes casais um predomínio de angústias primitivas pré-genitais que desempenharam papel importante na homossexualidade dos mesmos. Tais angústias, que não puderam ser devidamente elaboradas, permearam o cuidado parental oferecido por tais famílias interferindo na relação entre as parceiras. Nas duas famílias em que a homoparentalidade se deu pela via da co-parentalidade, observou-se a repetição, na relação afetiva e parental, de conflitivas pré-edipinas, com o predomínio de vivências persecutórias e ameaça de fragmentação diante da perda do objeto. Na família em que a homoparentalidade foi conseguida graças à inseminação artificial, observou-se o predomínio de angústias primitivas, relacionadas à separação self-objeto, seja na relação entre as parceiras, seja na relação entre elas e seus dois filhos. Diante de tais dados, sugere-se que todos os interlocutores que refletem e trabalham com a homoparentalidade possam se instrumentalizar com conhecimentos específicos sobre as angústias e dificuldades que tais famílias enfrentam, não no sentido de estigmatizá-las ou de impedi-las de realizar o sonho da parentalidade, mas no sentido de auxiliá-las neste processo, que, conforme os dados mostraram, foi vivido por elas com grandes doses de angústia.

Palavras-chave: Homoparentalidade. Psicanálise. Família. Técnicas Projetivas.

ABSTRACT

Martinez, A. L. M. (2011). *Considerations about the psychodynamics of female homoparental families: a psychoanalytical vision*. Doctoring Thesis, Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto.

Families nowadays bare arrangements that go beyond the traditional model of the heterosexual nuclear family. One of these “new” configurations, which has been getting more and more social notability, regards the homoparental family, composed by two men or two women and their children, having access to filiation granted by adoption, artificial insemination, or co-parenthood. Different from other configurations, which are more traditional, the homoparental family causes heated debate because it is seen as a threat to the established social norm, based on the differences between sexes. Some branches of psychoanalysis have been positioning themselves radically against homoparenthood, for they perceive it as an institution that denies the difference between the sexes. In face of this heated debate, the present work aimed at investigating the psychodynamics of three female homoparental families and how parental care has been and is performed in these families. The psychoanalytical referential was used, both in technical and methodological terms, to build the analysis of the data: individual interview with each member of the couple; use of the projective instrument Family Drawing with Stories; Diagnosis Family Interview and feedback to the members of the couple. The data were transcribed right after every contact, based on the psychoanalytical narrative model. As a result, it has been observed a predominance of pre-genital primitive anguishes in these couples, which developed an important role in their homosexuality. Such anguishes, which could not be adequately elaborated, have permeated the parental care provided by such families, interfering in the relationship between partners. In the two families in which homoparenthood happened through co-parenthood, a repetition of the pre-edipian conflicts in the affective and parental relationship was observed, with the predominance of persecution experiences and fragmentation threats in face of the object loss. In the family in which homoparenthood was obtained through artificial insemination, a predominance of primitive anguishes related to the self-object separation was observed, either in the relationship between the partners or in the relationship between them and their two children. In face of such data, it is suggested that all the interlocutors who contemplate and work with homoparenthood be able to equip themselves with specific knowledge about the anguishes and difficulties such families face, not meaning to stigmatize them or stop them from fulfilling their parenthood dream, but meaning to aid them in this process which, according to what the data have shown, was experienced by them with great amounts of anguish.

Keywords: Homoparenthood. Psychoanalysis. Family. Projective Techniques.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Primeira unidade de produção de Joana no DF-E.....	103
Figura 2. Segunda unidade de produção de Joana no DF-E.....	104
Figura 3. Terceira unidade de produção de Joana no DF-E.....	105
Figura 4. Quarta unidade de produção de Joana no DF-E.....	107
Figura 5. Primeira unidade de produção de Mônica no DF-E.....	113
Figura 6. Segunda unidade de produção de Mônica no DF-E.....	114
Figura 7. Terceira unidade de produção de Mônica no DF-E.....	115
Figura 8. Quarta unidade de produção de Mônica no DF-E.....	116
Figura 9. Primeiro desenho produzido por Pedrinho na EFD.....	122
Figura 10. Segundo desenho produzido por Pedrinho na EFD.....	122
Figura 11. Primeira unidade de produção de Maria no DF-E.....	132
Figura 12. Terceira unidade de produção de Maria no DF-E.....	133
Figura 13. Primeira unidade de produção de Flora no DF-E.....	134
Figura 14. Terceira unidade de produção de Flora no DF-E.....	136
Figura 15. Primeira unidade de produção de Carla no DF-E.....	148
Figura 16. Segunda unidade de produção de Carla no DF-E.....	150
Figura 17. Terceira unidade de produção de Carla no DF-E.....	151
Figura 18. Quarta unidade de produção de Carla no DF-E.....	152
Figura 19. Primeira unidade de produção de Sofia no DF-E.....	153
Figura 20. Terceira unidade de produção de Sofia no DF-E.....	154
Figura 21. Quarta unidade de produção de Sofia no DF-E.....	155

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	19
1. INTRODUÇÃO.....	23
1.1. Grupos familiares na contemporaneidade.....	23
1.2. A homossexualidade na Psicanálise.....	28
1.2.1. Revisitando o conceito de homossexualidade na obra freudiana.....	28
1.2.2. Revisitando o conceito de homossexualidade na obra kleiniana.....	35
1.2.3. A homossexualidade na Psicanálise contemporânea.....	40
1.3. A homoparentalidade.....	52
1.3.1. A homoparentalidade no campo jurídico.....	58
1.3.2. A homoparentalidade na Psicanálise.....	59
1.4. O cuidado parental suficientemente bom.....	68
2. OBJETIVOS.....	79
3. MÉTODO.....	81
3.1. O referencial psicanalítico.....	81
3.2. As famílias participantes.....	90
3.2.1 Joana, Mônica e Pedrinho.....	90
3.2.2 Flora, Maria, Beatriz e Pedro.....	91
3.2.3 Carla, Sofia e Harry.....	92
3.3. Procedimentos e Instrumentos.....	93
3.4. Análise dos dados.....	97
3.5. Aspectos éticos.....	97
4. RESULTADOS.....	99
4.1. Joana, Mônica e Pedrinho.....	99
4.1.1 A entrevista com Joana.....	99

4.1.2	Aplicação e interpretação do DF-E de Joana.....	102
4.1.3	Síntese do caso.....	108
4.1.4	A entrevista com Mônica.....	110
4.1.5	Aplicação e interpretação do DF-E de Mônica.....	112
4.1.6	Síntese do caso.....	117
4.1.7	A hora lúdica com Pedrinho.....	118
4.1.8	Interpretação da hora lúdica.....	119
4.1.9	A Entrevista Familiar Diagnóstica.....	121
4.1.10	Interpretação da EFD.....	123
4.1.11	Síntese do caso.....	124
4.1.12	Interlocuções com a literatura.....	125
4.2.	Flora, Maria, Beatriz e Davi.....	128
4.2.1.	A entrevista com Flora e Maria.....	129
4.2.2.	Aplicação e interpretação do DF-E de Maria.....	131
4.2.3.	Aplicação e interpretação do DF-E de Flora.....	134
4.2.4.	Síntese do caso.....	137
4.2.5.	Interlocuções com a literatura.....	140
4.3	Carla, Sofia e Harry.....	143
4.3.1	A entrevista com Carla e Sofia.....	144
4.3.2	Aplicação e interpretação do DF-E de Carla.....	148
4.3.3	Aplicação e interpretação do DF-E de Sofia.....	152
4.3.4	Síntese do caso.....	156
4.3.5	Interlocuções com a literatura.....	157
5.	DISCUSSÃO.....	161
5.1.	De filhas a mães.....	161
5.2.	E o pai?.....	167
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171

REFERÊNCIAS.....175

ANEXOS.....187

APRESENTAÇÃO

Fernando Pessoa (1997/2006) em *O livro do desassossego* já dizia que a angústia de escrever ou de finalizar um trabalho se deve ao fato de que, naquele instante, o autor se depara com algo dele impresso na finitude do papel. Assim, no momento em que escolhe um caminho de escrita, tem que abrir mão de todas as outras possibilidades que se afiguram e se responsabilizar por aquilo. Segundo ele, quando se lê algo escrito por outro há maior liberdade, inclusive, de criticar a obra lida, já que o próprio autor não se vê ali. Mas, ao se deparar com a sua própria criação, o mesmo tem maior responsabilidade sobre ela porque está implicado com a mesma. Bion (1962/1991) aponta para o mesmo sentido em outros termos. Segundo ele, os esforços humanos por conhecer algo através da razão são infrutíferos porque o conhecimento, que ele chama de K, tem como característica primordial o fato de ser inacessível em si mesmo. O que se tem são aproximações de K. Por isso, segundo ele, há que se ter tolerância com o fato de se estar sempre diante do desconhecido, do não saber. Correlacionando as ideias de Fernando Pessoa e de Bion, pode-se pensar que pesquisar e escrever sobre algo é um desafio porque consiste em fazer uma escolha ou, conforme afirma Bion, em saturar o material com um sentido provisório, exercício que sinaliza a todo instante as limitações do saber racional.

No caso específico deste trabalho, os desafios foram ainda maiores porque as duas temáticas investigadas – a homossexualidade e a homoparentalidade – são, ambas, causadoras de muitas polêmicas e discussões por se tratarem de campo complexo. No caso da primeira, conforme será mostrado adiante, as discussões são infinitas e, com frequência, acaloradas. Desde os *Três Ensaios*, escrito por Freud (1856 – 1939) em 1905, os psicanalistas vêm tentando compreender o complexo universo da psicosexualidade humana. Mais especificamente no caso da homossexualidade, é um desafio compreendê-la como uma expressão inerente ao psiquismo sem lançar mão de categorizações patológicas, nem tampouco romantizá-la, mantendo uma visão total e não parcial da realidade.

Nesse sentido, apesar de Freud ter sido claro em suas ideias sobre a inversão, modo como ele chamava a homossexualidade no texto de 1905, muitas distorções foram feitas sobre o tema, obscurecendo a discussão e gerando embates difíceis de serem solucionados. Em parte, julga-se que isso ocorre porque discussões sobre a sexualidade, incluindo a

homossexualidade, não são possíveis de serem feitas sem neutralidade. Ou seja, quando um autor se propõe a adentrar pelos meandros da sexualidade humana, inevitavelmente estará sendo mobilizado pela sua própria sexualidade, pelas suas repressões e pontos cegos. Nessa linha de argumentação, o psicanalista Bonasia (2003), em um artigo em que se propõe a discutir o aparente silenciamento sobre a contratransferência erótica nos relatos de sessões de analistas, questiona porque as “forças altamente explosivas” da sexualidade do analisando e, mais particularmente, do analista não comparecem nas discussões de casos clínicos ou são trazidas somente com algum desconforto e embaraço. Para ele, um grande silêncio recaiu sobre a sexualidade e sobre a contratransferência sexual, sentida por pacientes do sexo oposto ou do mesmo sexo, e é este silenciar sobre o assunto “proibido” que contribui para as inúmeras atuações do analista, tão comuns no passado, no sentido de envolver-se sexualmente com seu paciente.

Nesse sentido, é possível compreender que o aparente desaparecimento da sexualidade do analista na sala de análise e o grande estardalhaço social em torno da homossexualidade são sinais que expressam como a temática mobiliza conteúdos internos difíceis de serem metabolizados e pensados, mesmo aos analistas. Voltando a Bonasia (2003), ele afirma que há várias razões para este grande silêncio em torno da sexualidade no campo analítico, sendo um deles, mas não o único, de ordem teórica. Assim, ele enfatiza que houve, desde as contribuições freudianas até as kleinianas, um deslocamento paulatino do modelo psicosssexual e pulsional para a relação de objeto e para a destrutividade primitiva. É o que Green (1995) chamou de dessexualização das teorias psicanalíticas. Bonasia chama atenção para um apagamento do corpo, fonte de prazer sexual e sensual nas teorias que enfatizam as relações objetais, provavelmente visando negar a própria corporeidade, de modo a não se ter que lidar com angústias específicas, particularmente as de ordem sexual. Estas teorias também subestimam, segundo ele, a intensa e agradável troca sensual entre o corpo do bebê e o dos pais e, mais adiante, os desejos eróticos dirigidos a partes concretas do corpo do próprio analista.

No caso da homoparentalidade, que é foco do presente estudo, os primeiros movimentos engendrados por homens e mulheres homossexuais que desejavam ter filhos iniciaram-se entre 1965 e 1970 na costa da Califórnia. De lá pra cá, discussões vêm sendo travadas particularmente entre o campo do Direito e da Psicanálise, permeadas pelo discurso religioso, que se coloca radicalmente contrário a este tipo de família. Trata-se de

uma arena de debates bastante tensa, que divide os psicanalistas, assim como no campo da homossexualidade, em basicamente duas posições. A primeira considera que a família homoparental é danosa ao desenvolvimento infantil porque dois homens ou duas mulheres não podem oferecer diferenciações sexuais à criança, no sentido de ela poder viver a triangulação edípica de forma satisfatória. A segunda considera que a família homoparental não apresenta riscos ao desenvolvimento infantil, já que o fato de se tratarem de dois homens ou duas mulheres não significa que este casal não seja capaz de exercer funções diferentes no cuidado com a criança e, portanto, de oferecer a ela diferenciações em termos de gênero. Esta segunda corrente argumenta, ainda, que não existem diferenças fundamentais entre casais heterossexuais e homossexuais e lembra que há inúmeras famílias heterossexuais em que, apesar de haver diferenciação sexual entre o casal, as diferenciações em termos psíquicos não estão preservadas.

Feita esta breve apresentação do debate, é importante considerar que o presente trabalho não teve a pretensão de esgotar o assunto da homossexualidade e da homoparentalidade, pois, conforme se partilha com Bion, a ideia de esgotar algo contém, em si mesma, uma fantasia de chegar ao fundo de uma questão, colonizá-la por inteiro, o que esconderia, provavelmente, uma voracidade do próprio pesquisador impaciente com as limitações do seu olhar.

Diante disso, o que se pretendeu foi compreender, através do estudo de três casos clínicos, o psicodinamismo de casais homoparentais femininos buscando conhecer como cada um dos membros do casal se relacionava com seus objetos internos e como tais relações foram atualizadas no contexto da família atual e no cuidado parental oferecido. Vale ressaltar que estudos psicanalíticos sobre as famílias homoparentais ainda são raros no Brasil, não acompanhando a realidade de crescimento cada vez maior destas. Além disso, grande parte dos estudos empreendidos sobre as famílias homoparentais brasileiras tem focado os aspectos sociais e políticos da homoparentalidade, sendo de extrema relevância porque chama atenção para a hetero-normatividade, com a qual se busca compreender diferentes configurações familiares. Desta forma, sem deixar de considerar a relevância de tais estudos, que são fundamentais para o exercício de uma sociedade mais justa e humana, considera-se que estudos psicanalíticos sobre a homoparentalidade ainda precisam avançar, instrumentalizando profissionais da área que atuam junto a estas famílias. Ressalta-se ainda que, ao longo da exposição do texto, priorizou-se manter a

nomenclatura original com que cada autor se referiu à homossexualidade, apesar de não se ignorar o fato de que o termo mais atual e que se situa dentro das discussões sobre a inclusão da diversidade sexual seja homoafetividade. Ainda nesse sentido, considera-se que, apesar de esta nomenclatura atual contribuir para uma nova compreensão dos direitos humanos ligados à diversidade sexual e romper com a ideia patologizante que o termo homossexualidade carregou em sua história, a etiologia do termo homo (igual) afetividade não é a mais correta para nomear as vivências homossexuais, já que o que ocorre nestes casos é o endereçamento da sexualidade para pessoas do mesmo sexo e não da afetividade, como o termo sugere.

Visando atingir os objetivos propostos, será apresentado na Introdução um capítulo sobre a diversidade de configurações familiares da contemporaneidade e, em seguida, um capítulo que versa sobre os modos pelos quais a homossexualidade foi e vem sendo compreendida dentro da Psicanálise, desde Freud até os dias atuais, para, então, introduzir a questão central do trabalho, que é a homoparentalidade. Neste item, será apresentado o modo como o cenário jurídico, em seus aspectos legais, vem compreendendo a homoparentalidade, tanto no Brasil como em outros países. Em seguida, será apresentado um panorama das discussões mais recentes que os psicanalistas vêm fazendo sobre a homoparentalidade. E, para finalizar, uma discussão sobre o cuidado parental suficientemente bom na ótica da Psicanálise.

No Método, expor-se-á a discussão que vem sendo feita sobre as diferenciações entre a pesquisa em Psicanálise e a pesquisa que utiliza o referencial teórico psicanalítico, diferenciação esta que situa o presente trabalho em termos de sua orientação metodológica. Além disso, serão relatadas as etapas metodológicas que foram previstas no trabalho, bem como os instrumentos que foram utilizados para a coleta dos dados. Nos Resultados, serão apresentados de forma separada os dados referentes a cada uma das famílias investigadas e algumas propostas interpretativas para tais dados, ancorando-se na teoria psicanalítica. Por fim, na Discussão, buscar-se-á tecer correlações entre os dados encontrados no presente estudo e a literatura psicanalítica que versa sobre a homossexualidade e a homoparentalidade.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Grupos familiares na contemporaneidade

A Família, instituição que representa os valores e normas de uma sociedade, tem sido compreendida, desde as mudanças históricas advindas com o projeto da modernidade, como uma entidade natural e sacralizada. A despeito desta naturalização, é sabido que a família “padrão”, composta por mãe, pai e filhos, não só não corresponde à realidade encontrada atualmente, como não está presente em todas as culturas nem pôde ser encontrada em momentos históricos passados (Costa, 1983; Amazonas & Braga, 2006).

Assim, apesar de os antropólogos terem sinalizado há algum tempo que, em praticamente todas as culturas, é possível encontrar algum tipo de organização familiar, tais formas podem variar muito de cultura para cultura e de um momento histórico para outro (Durham, 1983). Dentro de um continuum da história, na sociedade ocidental, é sabido, por exemplo, que na Idade Média as famílias se organizavam de forma bastante distinta das famílias nucleares burguesas: eram extensas (composta por vários agregados) e não valorizavam tanto os laços consanguíneos, tal como ocorreu na família nuclear moderna. Além disso, a afetividade, tão presente nas relações familiares nucleares, não era um fator estruturante das relações conjugais e parentais (Costa, 1983).

Ariès (1973/1981) descreveu extensivamente tal organização familiar, apontando para o papel que as mulheres e as crianças ocupavam nesta sociedade e chamando a atenção para a importância de reconhecermos a produção histórica de conceitos como família e crianças. Ele afirma, por exemplo, que na Idade Média as crianças eram tratadas como mini-adultos e não havia, tal como ocorreu na modernidade, uma preocupação extensiva com seus cuidados e educação.

Se todas estas mudanças puderam ser vistas ao longo do tempo, algo permaneceu intocado na história das famílias: a necessidade de um homem e uma mulher para procriar (Héritier, 1996; Lévi-Strauss, 1982). Este modelo naturalizado do encontro entre um homem e uma mulher pode ser encontrado nos relatos bíblicos de Adão e Eva no paraíso e culmina na construção de uma forma de pensamento estruturante da sociedade, assentada

na ideia de que a união entre um homem e uma mulher, fora de seus núcleos familiares de origem, é condição inerente à passagem do homem animal ao homem social.

Para Lévi-Strauss (1982), uma entidade familiar, independente da cultura, é formada pela união mais ou menos duradoura e socialmente aprovada de um homem, de uma mulher e de seus filhos, sendo que esta aliança, junto do tabu do incesto, é condição necessária para que o homem rompa com sua natureza e ingresse no universo simbólico da cultura. Retomando as ideias de Lévi-Strauss, Roudinesco (1999/2003) defende ser necessário admitir que no seio destas duas grandes ordens – do biológico (diferença sexual) e do simbólico (proibição do incesto) – se desenrolaram as transformações históricas no âmbito das famílias que, segundo ela, se dividem em três fases principais: a família “tradicional”, a família “moderna” e a família “pós-moderna”.

Na família “tradicional”, os casamentos eram arranjados entre os pais dos noivos visando assegurar a transmissão do patrimônio familiar. A figura patriarcal, transposição direta do poder monárquico, representante, por sua vez, do direito divino, regia um mundo imutável e submetido às leis divinas. Nesta família, era a voz do *pater* (pai que reconhece seu filho por adoção, que o conduz pela mão) que reconhecia ou não a filiação. Ou seja, a filiação biológica não tinha sentido sem a palavra ou o gesto de reconhecimento. Com o declínio da monarquia, na sociedade do século XIX, iniciou-se uma nova forma de soberania patriarcal, estabelecida num território privado e familiar (Roudinesco, 1999/2003). Iniciava-se aqui o movimento da família “moderna”.

Segundo Roudinesco (1999/2003), esta ordem familiar burguesa repousava em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação da mulher e a dependência dos filhos. Nesse novo cenário social, a mulher passou a ser vista como potencialmente preparada para a maternidade e, por isso, destinou-se a ela a função de educar os filhos. Além desta divisão sexual do trabalho (mulheres responsáveis pela manutenção do lar e educação dos filhos e homens responsáveis pelo domínio do espaço público), novas preocupações com o desenvolvimento e educação infantil passaram a surgir, ficando a orientação das famílias modernas a cargo dos inúmeros manuais médicos e psicológicos que começavam a proliferar. Em suma, a maternidade e a infância, que até o período anterior não eram compreendidas como vivências importantes, passaram a ser valorizadas e cada vez mais investigadas pelo discurso médico e científico. Com tudo isso, a mulher

passou a ganhar cada vez mais destaque social, seja por sua função materna, seja por sua emancipação social, que seria conquistada paulatinamente.

Um segundo passo na consolidação do movimento de feminização social se deu com o advento do divórcio, consolidado em 1884, que trouxe à mulher a possibilidade de se desvencilhar de um casamento infeliz, hipótese até então considerada impensável. Outro acontecimento que marcou decisivamente este movimento foi o avanço das técnicas contraceptivas. Após a Segunda Guerra Mundial, as técnicas de regulação dos nascimentos foram substituindo o coito interrompido e outras técnicas “caseiras” e, com o advento de métodos anticoncepcionais mais eficazes (pílulas, dispositivos intra-uterinos, etc), as mulheres foram conquistando, passo a passo, maiores direitos e poderes que lhes permitiam agora exercer sua sexualidade não mais atrelada à maternidade. Mais adiante, em 1950, iniciavam-se os primeiros tratamentos contra a esterilidade, permitindo congelar o sêmen masculino. Pela técnica da Inseminação Artificial Interconjugal, pôde-se promover o nascimento de crianças com a ajuda de uma ampola. Era a primeira vez na história que a ciência substituíu o homem, trocando o ato sexual por uma atitude médica (Roudinesco, 1999/2003). Estavam lançadas as bases para profundas alterações sociais que permitiriam o desentrelaçamento entre a constituição de uma família e a procriação.

Tudo isso irá culminar nas famílias ditas “pós-modernas”, cuja marca fundante é a ausência de um modelo familiar dominante. Singly (2007) chama estas famílias de “famílias modernas II”. Tais famílias estão assentadas na lógica contemporânea, marcada pelo maior domínio do destino individual, bem como pela recusa dos sujeitos em seguirem costumes referentes ao desempenho de papéis sociais advindos de gerações passadas. Nestas famílias, a lógica da individualização ganha força máxima e os desejos individuais, mais do que as regras e os valores familiares tradicionais, são colocados em primeiro plano. Tais considerações também são colocadas por Guiddens (1993) que aponta que, ao contrário do que se poderia pensar, o casamento não deixou de existir na pós-modernidade. Para ele, o que tem havido é uma transformação das relações amorosas, que perdem seus “ares românticos” e passam a se centrar em valores e interesses individuais mútuos mantidos pelos parceiros. Guiddens chama esta nova modalidade de “amor confluyente”, na qual está implícita a ideia de uma confluência de sentimentos entre o par, que busca igualdade na doação e no recebimento emocional focalizada somente no aqui - agora. Tal modalidade mais fluida de relacionamento tem culminado, por outro lado, num

esvaziamento das relações afetivas significativas e duradouras, já que o que impera no âmbito das relações atuais, assim como a sociedade em geral, é a busca pelo prazer imediato e a pouca tolerância às frustrações (Bauman, 2004).

Obviamente, todas estas alterações sociais abalaram seriamente as estruturas da família nuclear moderna. No Brasil, segundo Samara (2002), apesar de em 1836 as famílias nucleares predominarem na sociedade, 26% das famílias se organizavam em uma modalidade extensa e, já na primeira metade de século XIX, as famílias pobres eram chefiadas prioritariamente por mulheres, quadro que também é verdadeiro na atualidade.

Segundo o último censo realizado pelo IBGE (Brasil, 2001), que comparou dados relativos à população brasileira entre 1991 e 2000, houve um aumento considerável da proporção de divorciados, assim como um aumento do número de pessoas vivendo sozinhas. Também aumentou o número de pessoas vivendo em uniões consensuais: de 11,7% em 1980 para 28,6% em 2000. Enquanto isso, o número de casamentos feitos através de união civil e religiosa decaiu de 63,9% em 1980 para 49,4% em 2000, assim como mulheres sustentando seus lares computaram 26,5%. O número de filhos por família também foi reduzido neste período. Neste mesmo censo, o número de pessoas vivendo em união (casamento, união estável) correspondeu a somente 33,8% das famílias, sendo o restante dividido entre outras modalidades familiares: monoparentais, recompostas, unipessoais ou de “outros tipos”.

Nascimento (2006), em uma revisão dos principais dados trazidos por todos os censos realizados no Brasil desde 1872 até 2000, mostrou em sua análise que atualmente as famílias brasileiras são compostas de diversas estruturas: famílias monoparentais; famílias adotivas; famílias recompostas ou reconstituídas, dentre outras.

No cenário mundial, o quadro não difere. Castells (2000), realizando um amplo estudo sobre dados populacionais das últimas décadas do século XX dos Estados Unidos e parte da Europa, afirmou que as organizações nucleares tradicionais vêm declinando paulatinamente.

Tais arranjos familiares diferentes que compõem o cenário atual têm exigido uma série de questionamentos da ordem familiar até então estabelecida, já que, apesar de atualmente as famílias continuarem se organizando de forma nuclear, a predominância do modelo tradicional (pai-mãe-filho) tem sido cada vez mais rara.

A Psicanálise sentiu estas transformações de forma direta, principalmente através das novas demandas emergentes nos consultórios de terapeutas e analistas: famílias recasadas, constituindo uma rede relacional tão extensa que exige a construção de genogramas para serem compreendidas; casais inférteis desejando ter filhos através das novas tecnologias reprodutivas; pessoas cuidando sozinhas de seus filhos, compondo as famílias monoparentais; homens e mulheres que assumem sua homossexualidade, seus parceiros e seu desejo de terem filhos desta nova relação, sendo que muitos destes casais já tinham filhos de relações heterossexuais anteriores; e ainda, casais homossexuais reclamando seu direito pela adoção de crianças ou pelo acesso às Novas Tecnologias Reprodutivas.

Toda esta nova demanda, particularmente a dos casais homossexuais pelo direito à homoparentalidade, gerou e tem gerado polêmica e opiniões controversas sobre o assunto. Tais reações inflamadas, prós e contrárias à homoparentalidade, surgem pelo fato de que estas novas famílias representam uma séria ameaça, pelo menos no imaginário social, às estruturas elementares formadoras da sociedade: a família assentada na diferença entre os sexos (Roudinesco, 1999/2003). Segundo Roudinesco, enquanto os homossexuais restringiam suas práticas amorosas ao âmbito privado, a sociedade, de forma geral, mantinha-se tolerante a eles, algo que começou a mudar quando estes decidiram se “normatizar”, ou seja, quando os homossexuais passaram a reivindicar os mesmos direitos que até então vinham sendo compreendidos por eles próprios como normatizadores e tradicionais, tais como se casar e ter filhos. Na medida em que as práticas homossexuais começaram a se tornar menos privadas e mais públicas, as reações contrárias a este movimento de “normatização” da família homoparental começaram a se intensificar. A Psicanálise não ficou de fora desse movimento e muitos psicanalistas, particularmente os franceses, posicionaram-se no debate. A homossexualidade, ao contrário, já vinha sendo foco de investigações psicanalíticas desde o seu surgimento com Freud, cujas contribuições auxiliaram enormemente no sentido de problematizá-la como uma degenerescência ou patologia grave. Desde então, muitos estudiosos vem se debruçando sobre o tema. É sobre o modo como a homossexualidade, e depois a homoparentalidade, foi e vem sendo compreendida pela Psicanálise, desde Freud até os autores contemporâneos que se tratará agora.

1.2 A homossexualidade na Psicanálise

1.2.1 Revisitando o conceito de homossexualidade na obra freudiana

Freud fez importantes contribuições sobre a sexualidade humana e, como não poderia deixar de ser, também construiu formulações bastante válidas para a compreensão da homossexualidade.

No que tange à sexualidade humana, em seu texto magistral “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/1996), chama atenção para a série de concepções errôneas que o senso comum possui sobre a sexualidade, particularmente que ela teria como única finalidade a procriação. Desta forma, chama a atenção que a libido (pulsão sexual) tem como finalidade a obtenção de prazer e que pode ser investida em vários objetos, sendo somente um deles o órgão genital. Ele inicia o seu texto tratando da questão da inversão, modo como nomeia o homossexualismo, e diz que há uma variabilidade de comportamentos enorme entre estas pessoas: (1) há os invertidos absolutos, ou seja, aqueles que têm como objeto sexual somente pessoas do mesmo sexo, sentindo-se avessos ao sexo oposto; (2) há os invertidos anfígenos (hermafroditas sexuais), seja do ponto de vista físico ou psíquico, o que corresponderia àquelas pessoas que têm como objeto libidinal os dois sexos; (3) há também os invertidos ocasionais, ou seja, que buscam objetos do mesmo sexo somente diante de certas condições externas, que podem ser tanto a inacessibilidade do objeto sexual normal ou a imitação, por exemplo, no caso das relações homossexuais que ocorrem em prisões pela impossibilidade do contato com pessoas do sexo oposto. Ainda sobre este aspecto, Freud chama a atenção de que há invertidos que aceitam sua condição como algo natural e outros que se rebelam contra isso, vendo neste comportamento uma compulsão patológica, posição esta que, segundo ele, impulsiona concepções de que a inversão pode ser tratada com a sugestão hipnótica ou com a Psicanálise.

Há ainda outras variações que concernem às relações temporais, ou seja, ao período em que o traço de inversão se tornou preponderante: pode vir de longa data, até onde sua

memória consegue alcançar, ou só se fazer notar em um período posterior, antes ou depois da puberdade. Ele pode conservar-se por toda a vida ou estar temporariamente suspenso. Ou então, pode constituir-se um episódio pontual no caminho para o desenvolvimento normal. Ainda, pode se exteriorizar pela primeira vez em época posterior da vida, após um longo período de atividade sexual normal, principalmente naqueles casos em que houve uma experiência penosa com o objeto sexual normal. Neste trecho, Freud adiciona uma nota de rodapé importante em que chama a atenção para a ausência de fidedignidade das lembranças dos invertidos no que se refere ao aparecimento temporal de sua tendência, particularmente pela ação do recalçamento. Todas estas tendências, aponta, coexistem de forma independente, sendo que a sexualidade humana teria um caráter extremamente dinâmico e fluido, particularmente em relação ao investimento libidinal em diferentes objetos (Freud, 1905/1996).

Em seguida, Freud (1905/1996) passa a discutir a impropriedade do termo degeneração na concepção da inversão e lembra que inicialmente a inversão foi concebida como um sinal inato de degeneração nervosa, principalmente porque foi observada pela primeira vez em doentes nervosos ou em pessoas que pareciam sê-lo. Ele argumenta contra esta teoria apontando dois aspectos: (1) a frequência com que a inversão era encontrada em povos primitivos, chegando a constituir quase uma instituição; (2) a degeneração é um conceito próprio das civilizações elevadas e não dos povos selvagens.

Discutindo a argumentação de que a inversão seria inata, Freud (1905/1996) sustenta que isso só faria sentido nos invertidos que, em nenhum momento da vida, tiveram outro investimento sexual que não com pessoas do mesmo sexo, algo que não ocorreria nos invertidos ocasionais. Apesar disso, não nega que haveria um componente inato nesta inclinação. O oposto desta argumentação estaria no caráter adquirido da pulsão sexual, que se apoiaria nas seguintes considerações: (1) na vida de muitos invertidos é possível observar a influência de uma impressão sexual prematura; (2) outras influências externas, favorecedoras ou inibidoras, levaram à fixação prematura ou tardia da inversão, por exemplo, companheiros de guerra, detenção em presídios, celibato etc.; (3) a inversão pode ser eliminada momentaneamente pela sugestão hipnótica, o que levaria à contestação de uma inversão inata. Freud finaliza afirmando que, em sua opinião, a discussão inato/adquirido na inversão permanece incompleta e é a partir daí que passa a oferecer

importantes contribuições para a compreensão da temática, inserindo o conceito da bissexualidade humana.

Freud (1905/1996) inicia sua argumentação lembrando como são frágeis as concepções que compreendem o ser humano como tendo nascido homem ou mulher e relembra que a ciência já mostrara há algum tempo como os caracteres sexuais podem ser confusos e combinados em uma pessoa, o que aponta para a existência de um hermafroditismo anatômico em todos nós, ou seja, de uma predisposição originariamente bissexual. Apesar disso, alerta que não é possível fazer equivalentes precipitados entre o hermafroditismo físico e psíquico, pois há invertidos masculinos que continuam tendo como traços físicos a virilidade e a masculinidade. Por isso, afirma que a substituição do problema psicológico pelo anatômico é inútil e injustificada. Ele termina sustentando que, a seu ver, a inversão trata mais de perturbações que afetam a pulsão sexual em seu desenvolvimento.

Argumentando contra a teoria do hermafroditismo psíquico, Freud (1905/1996) assevera que se esta estivesse correta, o homem invertido se sentiria uma mulher e buscaria um homem, algo que não corresponde à verdade no âmbito das inversões, pois muitos deles, apesar de terem como objeto sexual pessoas do mesmo sexo, preservam o caráter psíquico da virilidade, tendo poucos caracteres secundários do sexo oposto, ou seja, não são homens afeminados. Segundo ele, a situação é menos ambígua nas mulheres invertidas ativas que exibem caracteres sexuais mais masculinos e, com frequência, buscam a feminilidade no objeto sexual. No final deste trecho, acrescenta uma nota de rodapé, em 1915, que é importante para a compreensão da homossexualidade. Nesta nota, Freud afirma que a Psicanálise contribuiu para compreender o mecanismo psíquico da inversão e descobriu que, em todos os casos investigados de inversão masculina, estas pessoas, nos primeiros anos da infância, permaneceram fixadas na mulher (mãe). Após a superação dessa fixação, estes tornaram a si mesmos objetos sexuais, ou seja, a partir do seu narcisismo, buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles deveriam amar tal como a mãe os amou. Ou seja, segundo ele, a aspiração compulsiva deste homem a outros se mostrava condicionada à sua fuga incessante da mulher. Diante das inúmeras críticas posteriores que a Psicanálise recebeu no sentido de promover uma patologização da inversão, Freud argumenta que a investigação psicanalítica se opõe a qualquer tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos, já que qualquer

pessoa é capaz de fazer uma escolha de objeto homossexual, como de fato o faz, embora esta tenda a ficar inconsciente. Além disso, relembra que os sentimentos libidinais por pessoas do mesmo sexo são fatores importantes na vida anímica normal tal como, por exemplo, na amizade. Segundo ele, a Psicanálise considera que a base originária do desenvolvimento ou não da inversão reside, antes de tudo, nas condições primitivas da infância e na possibilidade de se ter ou não à disposição objetos masculinos e femininos com os quais se identificar. Relembra ainda que a conduta sexual só se define plenamente após a puberdade e resulta de uma série de fatores, ainda desconhecidos, de natureza constitucional e ambiental. Em geral, o que há é uma infinidade de fatores que resultam na mesma infinidade de condutas sexuais humanas. Freud considera ainda que, nos invertidos, o que prepondera é o predomínio de constituições arcaicas e mecanismos psíquicos primitivos, sendo que a vigência da escolha narcísica de objeto e a fixação na zona anal figuram como características essenciais. Entretanto, a diferença entre uns e outros é basicamente quantitativa e não qualitativa. Como fatores ambientais, ressalta que a intimidação sexual precoce e, principalmente, a ausência de um pai forte na infância podem favorecer a inversão. De qualquer maneira, aponta que é a partir do complexo jogo de identificações edípicas ocorrido na infância que se define a orientação sexual humana.

Ao final do texto, Freud (1905/1996) argumenta sobre a prevenção da inversão, apontando que, no caso da inversão masculina, esta pode ser favorecida por meninos criados por pessoas do mesmo sexo ou por uma mãe que se dedica de forma extenuante a seu filho. Além disso, acrescenta que a ausência precoce de um dos pais, seja por morte ou separação, também parece contribuir para a inversão, já que a figura remanescente tende a absorver a totalidade do amor da criança.

No seu trabalho intitulado “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, Freud (1910/1996), através de um estudo patográfico desta figura notória, chama atenção para a sua homossexualidade sublimada. Neste texto, ele sublinha o desejo que os próprios homossexuais têm de serem compreendidos como uma classe diferente ou como o “terceiro sexo”, postura que é apoiada por seus teóricos defensores, que argumentam que a disposição para a homossexualidade é orgânica. Para ele, entretanto, deve-se tomar cuidado com esta posição apressada que deixa de levar em conta as disposições psíquicas da homossexualidade, pois, em todos os seus casos investigados, havia uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente a mãe, durante o primeiro período da infância,

fato este que permaneceu “esquecido” por causa da repressão. Esta ligação poderia ter sido reforçada, segundo ele, pela demasiada ternura da mãe em relação ao filho e pelo papel secundário ao qual o pai era relegado no interior da família. Freud reassegura que não pretende com isso exagerar a importância dos fatores psíquicos da homossexualidade, embora também diga que estes não podem ser menosprezados.

Em 1920, Freud (1920/1996) escreve outro trabalho seminal para a compreensão da homossexualidade, particularmente a feminina. Trata-se do artigo “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. Inicia atentando para o fato de que o homossexualismo nas mulheres, apesar de ser comum, embora menos manifesto que nos homens, têm sido ignorado tanto pela lei quanto pela pesquisa psicanalítica. Passa, em seguida, a descrever o caso que irá analisar: trata-se de uma jovem de dezoito anos que desenvolvera uma devotada adoração por uma “dama da sociedade” dez anos mais velha que ela. Freud analisa a atitude do pai diante da homossexualidade da filha, descrevendo que esta despertava nele a mais profunda amargura e pesar. Já a mãe, apresentava certo grau de indiferença em relação ao envolvimento amoroso da filha, sendo áspera com esta e excessivamente indulgente com os três filhos. Investigando mais detidamente a dinâmica psíquica da psicosexualidade humana, Freud faz duas perguntas referentes ao caso: esta jovem apresentava características físicas pertinentes ao sexo oposto? E ainda: tratava-se de um homossexualismo congênito ou adquirido?

Problematicando a primeira questão, Freud (1920/1996) relembra que características do sexo oposto estão presentes mesmo em indivíduos que não apresentam qualquer tipo de inversão. Relembra ainda que o grau de hermafroditismo físico independe do grau de hermafroditismo psíquico e que tal independência é mais evidente em homens que em mulheres, nos quais traços corporais e mentais pertencentes ao sexo oposto tendem a coincidir. No caso em questão, diz Freud, a paciente, apesar de não possuir caracteres secundários masculinos, assumiu a posição masculina diante do objeto amado, ou seja, posicionava-se como o amante e não o amado.

Visando responder a segunda questão, Freud (1920/1996) apresenta uma análise concisa da história sexual da paciente na infância, que culminou em sua inversão: a jovem, que havia vivenciado o Édipo de maneira não invertida, ou seja, manifestando desejos em relação ao pai e, posteriormente, a um irmão mais velho na infância, viu-se diante de mudanças externas na puberdade que a fizeram recorrer à inversão. O que ocorreu foi que,

quando ela tinha dezesseis anos, sua mãe engravidou novamente. Nesta época, em que a paciente experimentava a revivescência de seu Complexo de Édipo infantil, esta sofreu grande desapontamento por ter sido a mãe e não ela a ter um filho do pai. Furiosamente ressentida, afastou-se do pai e dos homens, voltando sua libido para uma mulher mais velha, substituta de sua mãe. Freud complementa dizendo que ela se comportou exatamente como muitos homens que, após uma experiência amorosa penosa, passam a odiar para sempre as mulheres. Em suma, ele sustenta que, no decorrer da vida, a libido oscila entre objetos masculinos e femininos. Neste caso extremo, o que houve é que ela se transformou em homem e tomou a mãe como objeto de amor. Com isso, ela conseguia ao mesmo tempo desagradar o pai e deixar os homens para sua mãe, que ainda era jovem e muito sedutora, evitando rivalizar com esta.

Ao final do artigo, Freud (1920/1996) acrescenta uma diferenciação importante e diz que a literatura do homossexualismo não dá muita importância a tal discriminação: trata-se da escolha de objeto, por um lado, e da atitude sexual do sujeito, por outro, já que ambos não são correspondentes. Oferece como exemplo homens que são masculinos em sua atitude sexual, apesar de serem invertidos, ou seja, terem como objeto libidinal outros homens. Da mesma forma que há homens cuja atitude sexual predominante é a feminina e que têm como objeto amoroso as mulheres. Por isso, segundo ele, o mistério da homossexualidade é mais complexo do que se imagina e não corresponde aos ditos populares de que o que há nestes casos é “uma mente feminina, num corpo de homem”. Ao contrário, para ele, qualquer teoria da homossexualidade deve compreender três aspectos diferentes: os caracteres sexuais físicos, os caracteres sexuais mentais e o tipo de escolha de objeto. Em sua opinião, a literatura tendenciosa sobre o assunto coloca em destaque o primeiro e o terceiro aspectos, que são os únicos que impressionam o leigo, negligenciando a complexidade da questão. Com isso, deixa-se de lado alguns fatos fundamentais sobre a homossexualidade: o primeiro é que os homens homossexuais experimentaram uma fixação especialmente forte pela mãe; o segundo é que, apesar da heterossexualidade manifesta, uma medida considerável de homossexualidade inconsciente pode ser detectada em todas as pessoas. Com isso, cai por terra o argumento de que a natureza haveria criado um “terceiro sexo”. Termina este texto dizendo que não cabe à Psicanálise resolver o problema da homossexualidade e que ela deve se contentar em revelar os mecanismos

psíquicos que culminaram na escolha do objeto, remontando-os aos caminhos até as disposições instintuais.

Na análise que Freud (1911/1996) fez sobre o caso de Schreber, através do contato que teve com a publicação de suas Memórias, cujo estudo resultou no artigo “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”, ele chega à conclusão de que a doença mental do paciente fora gerada por seus impulsos homossexuais dirigidos ao seu médico (provavelmente uma figura substituta de seu pai ou irmão). Assim, a figura que antes era amada transforma-se agora em perseguidor. Vale ressaltar que esta associação entre paranoia e homossexualidade será confirmada mais uma vez por Freud (1922/1996) em seu artigo “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo”, em que afirma, referindo-se ao caso de Schreber e a outros casos de paranoia investigados por Jung e Ferenczi, que, em todos eles, foi possível observar intensos impulsos homossexuais reprimidos que culminavam nos delírios de perseguição. Dito de outro modo, o perseguidor, na verdade, era o objeto de desejo transformado. Freud relembra que na homossexualidade há sempre uma escolha de objeto narcísica, já que o homossexual manifesto busca no outro seus próprios órgãos genitais. Afirma também que, após a escolha heterossexual ter sido atingida, particularmente após a puberdade, as tendências homossexuais não são postas de lado ou interrompidas, mas permanecem desviadas de seu objeto sexual e aplicadas a novos objetos, contribuindo enormemente para os instintos sociais, para a amizade e camaradagem entre pessoas do mesmo sexo e para o amor à humanidade em geral. Freud descreve que, via de regra, muitos homossexuais manifestos participam ativamente nos interesses gerais da humanidade, interesses estes que se originam da sublimação de instintos eróticos. No caso dos paranoicos, estes se esforçam para se proteger contra qualquer tipo de sexualização de suas catexias sociais, o que leva a supor que o ponto fraco em seu desenvolvimento está entre o auto-erotismo, o narcisismo e o homossexualismo. A proposição, segundo ele, seria a seguinte: (1) eu amo aquele homem; (2) eu odeio aquele homem; (3) aquele homem me odeia (por projeção). Do mesmo modo, nos delírios de ciúmes, a pessoa enciumada projeta no parceiro amoroso seus desejos homossexuais, ou seja, passa-se do “eu a desejo” para “ele a deseja”. Trata-se novamente aqui de uma organização narcísica.

Feita esta explanação, é importante ressaltar que Freud (1905/1996; 1911/1996; 1922/1996), ao escrever sobre os invertidos, já se dirigia a um discurso médico presente na

época que associava a homossexualidade à degenerescência. É provavelmente por isso que Freud parecia ser tão cauteloso em suas afirmações, fazendo questão de conceber a homossexualidade não como uma doença, mas como uma dimensão inconsciente da mente de todos nós. Por outro lado, quando ele (1910/1996) se refere ao desejo dos homossexuais de serem compreendidos como um “terceiro sexo”, também se dirige a um discurso muito presente, particularmente na militância homossexual. Referindo-se também a esse discurso militante, Green (2000) afirma que os homossexuais buscam até hoje o reconhecimento de sua absoluta não diferença em relação à heterossexualidade normativa. Neste aspecto, as interpretações dos psicanalistas, por mais abertas que sejam, tais como foram as freudianas, não lhes agradam de modo algum. A ideia de que a homossexualidade teve origem na infância também é rejeitada, talvez porque os obrigaria a admitir um aspecto subjetivo em sua homossexualidade, que teria sido determinado nas relações com seus pais, e isso eles também recusam. Conforme afirma Green (2000), a estridência com que se coloca o orgulho de ser homossexual deriva do desejo por uma liberdade total em que as sequelas da infância seriam completamente negadas, assim como o casal de pais. Tal posição militante, que busca uma vitória definitiva de um lado sobre o outro, relativiza e banaliza o sexual, já que toda sexualidade se equivale. Este clima que segundo Green remete a um desejo de vingança em memória de iniquidades muito dolorosas sofridas no passado, não favorece o avanço das investigações sobre a homossexualidade, pois paralisam e impedem o pensar com liberdade. Diante disso, os próprios psicanalistas, submetidos à pressão popular, recuam diante de um campo de saber que lhes é muito próprio que é o da sexualidade.

Tendo apresentado as contribuições freudianas para a compreensão da homossexualidade, serão apresentadas agora as ideias de Melanie Klein (1882 – 1960) sobre a homossexualidade, a segunda psicanalista que mais trouxe contribuições no âmbito das relações edípicas precoces e, portanto, da sexualidade humana.

1.2.2 Revisitando o conceito de homossexualidade na obra kleiniana

Enquanto as ideias freudianas permaneceram em certa medida apegadas à necessidade de colocar a Psicanálise nos esquadros da ciência, lançando mão para isso de concepções um pouco mecânicas da mente, o movimento kleiniano foi quem melhor adentrou pelo dramático e intenso mundo das relações objetais inconscientes. Assim, enquanto Freud (1895/1996) concebia que no início o bebê era uma espécie de reservatório energético dotado de pulsões, Klein (1945/1996) compreendeu que o bebê, desde muito pequeno, é capaz de fazer relações de objeto com o seio e com o pênis, podendo apreender, inclusive, a relação sexual dos pais em seu mundo fantasmático, o que ela denominou cena primária: percepção inconsciente e inata do coito dos pais. Através da figura dos pais combinados, a criança viveria o Complexo de Édipo Precoce: imaginando o seio e pênis numa relação de extremo prazer e satisfação mútua, a criança atacaria vorazmente o seio ao mesmo tempo em que nutriria sentimentos de amor em relação aos objetos parciais, o que a lançaria, desde muito pequena, para o sentimento de ambivalência.

Em seu livro *Psicanálise de Crianças*, Klein (1975/1997) apresenta dois artigos referentes ao desenvolvimento sexual de meninas e meninos. No que se refere à menina, como resultado das frustrações orais vividas com a mãe e incrementadas pelo desmame, esta se afastaria do seio e tomaria o pênis do pai como objeto de satisfação oral. Além disso, nesse período, a menina desenvolveria fantasias de que a mãe introduz o pênis do pai no interior do seu corpo e dá a ele o seio, o que despertaria nela profundos sentimentos de inveja e ódio por sentir que é frustrada por ambos. Tal teoria sexual incrementa na menina fantasias sádicas de atacar e destruir o interior materno e, pelo medo da retaliação, ela também passa a temer que seu próprio corpo seja destruído, o que, segundo Klein, configura uma das ansiedades mais primitivas da menina. O estágio inicial do conflito edipiano tem início quando a menina volta seus desejos orais para o pênis paterno. Estes dois ressentimentos em relação à mãe – de ter-lhe negado a gratificação com o seio e de negar-lhe o acesso ao pênis paterno – configuram a fonte mais profunda do ódio que a menina sente pela figura materna, sentimento que marcará decisivamente a relação entre as mulheres. Neste momento, duas coisas podem ocorrer: se a menina se mantiver numa posição predominantemente feminina diante do pênis (alvo de admiração e desejo), poderá assumir uma postura amorosa em relação ao sexo masculino; por outro lado, se ela nutrir pelo pênis intensos sentimentos de ódio, por sentir que este negou a ela as gratificações que ansiava, poderá assumir uma posição masculina, o que dará origem à inveja do pênis. Tudo

irá depender, segundo Klein, da intensidade do sadismo oral da criança. Se este for muito intenso, a menina poderá encarar o pênis do pai dentro da mãe como algo a ser odiado, invejado e destruído, e isso pode culminar, na vida adulta, em graves danos ao seu desenvolvimento, principalmente porque ela terá uma atitude distorcida em relação ao sexo masculino. Terá também, graças a seu intenso sadismo oral, uma relação defeituosa com seus objetos e será incapaz de superar completamente o estágio de amor parcial. Por isso, é decisivo para a formação do superego e para o desenvolvimento da vida sexual da menina se as fantasias prevalentes são as de um pênis bom ou de um pênis mau. Vale ressaltar que, segundo Klein, a menina permanece mais subordinada ao pai introjetado, para o bem ou para o mal, do que o menino, devido à sua tendência maior de incorporação oral do pênis, o que será ainda mais complicado quando acrescentados os sentimentos de culpa da menina em relação à mãe. Ou seja, a atitude da menina para com o pênis introjetado dependerá de sua atitude para com o seio materno. Dito de outro modo, a relação que a menina possui com o seio irá influenciar decisivamente sua atitude subsequente em relação aos homens.

Mais tarde, quando as tendências à restauração começarem a ganhar força na menina, ela terá desejo de ter um pênis mágico e poderoso para si, para que possa restaurar os danos que provocou, em fantasia, à sua mãe. Se tais fantasias forem muito prementes, poderá instalar-se aqui uma atitude homossexual. Um fator importante nesse sentido é o grau em que esta sente que o pai ficou incapacitado de fazer restituições aos danos causados por ela, seja porque acredita que o castrou, seja porque o transformou em um pênis mau. Se ela acreditar fortemente nisso, terá que desempenhar o papel do pai e adotará uma posição homossexual diante do objeto materno. Vale ressaltar que esta posição, de tomar o pênis para si, também traz sentimentos de culpa na menina, que sente ter destituído o pai de sua função. Assim, para Klein (1975/1997), a decisão pelo caráter masculino ou feminino da criança do sexo feminino irá depender de suas tendências reativas, da estrutura e força de seu ego, bem como da força de seus impulsos. Se as fantasias dela centralizam-se em danificar o corpo materno, diante de suas tendências de restauração, ela poderá manter sua posição feminina e realizar, por exemplo, o ato sexual com um pênis curativo e gerar bebês (o que implica na esperança de que seu corpo tem bons objetos internos). Neste caso, há uma crença básica de que os pais podem ser restaurados e permanecer unidos em harmonia. Klein concluiu que o desenvolvimento

sexual final de cada indivíduo é o resultado de um prolongado processo de flutuação entre as várias posições (feminina e masculina), construída sobre um grande número de soluções de compromisso entre o ego e o superego e entre o ego e o id. Na medida em que os sentimentos de culpa e as ansiedades vão se modificando na análise, é possível observar novas soluções de compromisso. No caso da menina, quanto mais ela avança para o estágio genital, mais facilidade terá de reconhecer o papel materno e feminino da mãe, devolvendo-o a ela. Ao mesmo tempo, ela própria poderá assumir um papel semelhante e sublimar seus componentes masculinos.

Os meninos, segundo Klein (1975/1997), também vivenciam um período de intenso sadismo oral voltado contra o seio materno, principalmente a partir do desmame. Nesta fase, que ela denomina fase feminina do desenvolvimento do menino, este tem uma fixação oral de sugar o pênis do pai, já que fora frustrado pela mãe. Segundo ela, a fixação neste período é a base da verdadeira homossexualidade masculina. Relembra que Freud (1910/1996) havia chegado às mesmas considerações no texto sobre Leonardo da Vinci, quando concluiu que a homossexualidade do artista estaria relacionada a uma fixação no seio que fora deslocada para o pênis do pai. Segundo a autora, o menino fantasia que no interior da mãe há inúmeros pênis recebendo gratificação do seio e, por isso deseja arrancá-los violentamente de dentro dela. Tal desejo desperta no menino o medo da retaliação e por isso ele passa a sentir medo da mãe.

Nesse sentido, o que faz com que o menino fortaleça sua posição heterossexual é, ao mesmo tempo, o temor de manter a mãe como rival e o seu medo do pênis paterno, internalizado como uma figura perigosa. Na vivência edípica normal, o menino logo desiste de rivalizar com a mãe e a toma como objeto de amor, identificando-se com o pai. Entretanto, se o seu medo da mãe como rival e do pênis do pai forem excessivos, ele terá dificuldade de assumir sua posição heterossexual, em resumo, de disputar com o pênis paterno o amor da mãe.

Klein (1975/1997) argumenta que meninos e meninas possuem formas diferentes de lidar com as ansiedades internas. Assim, as meninas, por não poderem ter acesso ao interior do seu corpo (que em fantasia foi atacado e destruído), fazem uso de defesas mais silenciosas, através de ataques vindos dos excrementos, por exemplo, como o envenenamento, ataque com flatos e com urina, o que corresponderia aos ataques sutis vindos de fofocas e intrigas, tão comuns entre as mulheres. No caso dos meninos, por seu

pênis ser visível e visto como um órgão ativo, oferecendo-lhe um teste de realidade sobre o seu corpo, ele é utilizado como forma de dominar a ansiedade interna e de provar para si mesmo a superioridade sobre os perigos externos e internos. Por isso, ele equipara seu pênis (de forma onipotente) a armas poderosas ou feras devoradoras e assassinas, conforme pode-se observar frequentemente nas brincadeiras infantis. O interior do corpo da mãe passa a ser, na mente do menino, o lugar em que há muitos objetos, dos quais ele deseja tomar posse, copulando com ela. Segundo Klein, este sentimento de onipotência sádica do pênis tem importância fundamental para a posição masculina do menino. No ato da cópula (no homem adulto), é comum que a fantasia subjacente seja a de subjugar ou eliminar o pênis do pai que está dentro da mulher. Da mesma forma que na menina, na medida em que as tendências à restituição ficam mais evidentes, o menino, sob a supremacia do estágio genital, irá atribuir ao pênis na cópula não apenas a função de dar prazer à mulher, como também de restaurar o dano que o seu pênis e o pênis paterno fizeram a ela. Ou seja, se o seu ego for capaz de tolerar seus sentimentos destrutivos e se sua crença no pênis bom do pai for suficientemente forte, ele poderá manter a rivalidade com o pai (essencial para o estabelecimento de uma posição heterossexual) e sua identificação com ele. Segundo ela, é essencial, portanto, que o menino tenha êxito em superar sua fase feminina arcaica para que sua posição heterossexual seja assumida. Para isso, a criança deve ser capaz de superar seus sentimentos de inveja, ódio e ansiedade em relação à mãe, sentimentos originados na fase feminina. Só desta forma é que o menino será capaz de consolidar sua posição heterossexual no estágio de dominância genital.

Segundo ela, um dos fatores que geram perturbações no desenvolvimento sexual do menino diz respeito às fantasias dos pais combinados que geram ansiedades arcaicas. Se o sadismo oral é muito forte e prematuro, o menino irá fazer ataque a estes pais combinados na cópula e ficar aterrorizado com a imagem deles ao mesmo tempo em que ficará impedido de formar uma boa imagem materna, que poderia apoiá-lo em situações de extrema ansiedade. Sentindo que seu corpo está tomado de maus objetos (seio e pênis) e ficando impedido de acreditar na potência de seu pênis interno reparador, o menino poderá se afastar cada vez mais das mulheres como objeto de amor, vindo a sofrer sérias perturbações de sua potência sexual ou se tornar homossexual. Em casos extremos, poderá ainda ser incapaz de manter sua libido em qualquer uma das posições.

No final do artigo sobre o desenvolvimento sexual do menino, Klein (1975/1997) apresenta um tópico intitulado “Adoção da homossexualidade”, em que argumenta que uma das precondições para o estabelecimento da homossexualidade masculina é que tenha havido um deslocamento de tudo o que é assustador e perigoso para o interior do corpo feminino. Diz que na atitude normal do menino, o seu pênis representa o seu ego e sua consciência, ao passo que os conteúdos internos (e não visíveis) do seu corpo ficam associados ao inconsciente. Por isso, segundo ela, na homossexualidade um dos modos do ego dominar a ansiedade se dá através da negação e do controle sobre o inconsciente, por meio de uma ênfase excessiva na realidade e no mundo externo. Ressalta que, se uma imago materna boa não tiver sido introjetada satisfatoriamente, o menino irá se aliar ao pai ou a um irmão (e futuramente ao objeto amoroso masculino) para atacar a mãe em fantasia. Ou seja, o objeto de amor homossexual representará um aliado contra os perseguidores internos. Argumenta, portanto, que em toda atividade homossexual estão presentes elementos de paranoia, sendo o ato sexual uma forma de satisfazer os impulsos sádicos.

Conforme visto acima, Klein (1975/1997) compreende que a homossexualidade é um arranjo encontrado para lidar, defensivamente, com angústias intensas geradas pelas vivências edipianas, particularmente aquelas vividas no período pré-genital. Vários psicanalistas que se seguiram a ela e continuaram investigando a homossexualidade chegaram às mesmas conclusões (Glover, 1933; Rosenfeld, 1949/1965).

Após um intenso movimento de ideias que se seguiu à escola kleiniana, outros dois psicanalistas ofereceram contribuições notórias e revolucionárias à Psicanálise contemporânea. São eles Donald Woods Winnicott (1896 - 1971) e Wilfred Ruprecht Bion (1897 – 1979). Apesar de nenhum deles ter discutido especificamente a questão da homossexualidade, muitos autores contemporâneos, aproximando-se das contribuições de ambos, propuseram-se a pensar e a discutir o tema.

1.2.3 A homossexualidade na Psicanálise contemporânea

Donald Winnicott (1966/1994) não falou especificamente sobre a homossexualidade, mas, ao considerar a existência dos elementos femininos e masculinos

como partes constituintes da psicosssexualidade humana, sendo o elemento feminino aquele relacionado ao *ser* e o elemento masculino, ao *fazer*, contribuiu para que autores contemporâneos pudessem compreender o encontro amoroso a partir desta perspectiva.

Uma destas autoras é Bittencourt (2003), que produziu um artigo interessante sobre a temática da relação amorosa e da bissexualidade humana partindo da análise da obra proustiana “Sodoma e Gomorra” e dos Três ensaios de Freud (1905/1996) para chegar ao conceito winnicottiano de espaço transicional. Ela inicia o texto apresentando o mito do deus Hermafrodito, filho de Hermes e Hermafrodite, que despertou a paixão da ninfa Sálmacis. Esta, cheia de paixão e desejo, ao ver Hermafrodito mergulhar na fonte em que ela habitava, envolve-o em longo e estreito abraço. Tendo sido repudiada pelo jovem, roga aos deuses que os mantenham unidos para sempre. Nesse instante, ambos se metamorfoseiam em um novo ser possuidor da dupla natureza feminina e masculina: criatura estéril, aparentemente dupla, mas una. Diz Bittencourt (2003) que, em decorrência desta condição fusional, esta nova criatura se tornou impotente para o coito e para a fecundação. Relembra ainda que, apesar da figura do deus Hermafrodito ser cultuada na Grécia, havia, na realidade, um verdadeiro horror ao hermafroditismo. Prova disso é que todas as crianças que nasciam hermafroditas eram mortas pelos pais.

Bittencourt (2003) apresenta o mito para discutir uma das ideias centrais trazidas no texto: a de que o encontro fusional com o outro, seja ele do mesmo sexo ou não, de onde se nega ao objeto sua condição de alteridade, não pode produzir nada senão a degenerescência e a esterilidade. Desta forma, segundo ela, qualquer experiência de fusão e completude com o outro é sempre ilusória, mítica e transitória, embora intensamente buscada como forma de aplacar as dores da incompletude humana. Ao contrário, afirma, uma relação fecunda pressupõe sempre separação, pois só a separação pode gerar um estado de tensão entre o sujeito e objeto que, por sua vez, produzirá o desejo próprio dos seres sexuados. Neste sentido, ela relembra que a palavra sexo está etimologicamente ligada à *secção*, que quer dizer *separado* ou *dividido*. Sendo assim, o que faz uma relação (analítica ou amorosa) ser fértil é a possibilidade de a dupla ser e viver criativamente em um espaço potencial que, segundo ela, é condição inerente a toda experiência estética verdadeiramente criativa.

Para Winnicott (1951/2000), o espaço transicional consiste no “espaço virtual” que se cria entre a mãe e o bebê num momento em que o último está tomando consciência de

sua condição de ser separado do objeto materno. Assim, para amortecer este choque, o bebê necessitará da produção desse espaço potencial, que não é nem dentro nem fora, nem é externo nem interno a ele. Tal espaço potencial permite ao ser o viver criativo bem como a manutenção de relações intersubjetivas férteis. De qualquer forma, o que ressalta Bittencourt (2003) é que, diante da impossibilidade de o bebê vivenciar um espaço potencial, em que as ilusões são criadas, ele suportará mal o espaço que há entre ele e o objeto, ou entre ele e a realidade externa e não poderá criar nada a partir daí. Tais falhas na vivência deste espaço potencial, conforme descreve Bittencourt, podem ser acompanhadas nos consultórios quando o paciente, impossibilitado de ficar só na presença do analista, não consegue se deitar no divã e usufruir do momento de criação que pode ser uma análise. Ao contrário, ele necessita permanecer “grudado” nos olhos do analista (ou de seu parceiro amoroso) porque, conforme se considera aqui, não foi possível a ele construir este espaço que amortece a percepção de estar separado de alguém. Por outro lado, será somente na presença viva e atenta do outro que este sujeito poderá, de fato, encontrar seu viver criativo. É isso que quer dizer Bittencourt quando, ao final do artigo, cita que só a experiência de uma relação amorosa cura. Certamente ela se refere a uma experiência amorosa em que existe, entre os dois amantes (ou, fazendo uma analogia com a experiência analítica, entre analista e analisando), a possibilidade de um viver criativo, ou ainda, de um espaço potencial mantido entre os parceiros:

O espaço potencial, tal qual o zangão mensageiro, entreunindo e separando, torna o tabique intra e intersubjetivo permeável, permitindo a germinação. Se ele puder ser criado, os dois sexos não morrerão cada um para o seu lado e a condição bissexual humana não mais será impedimento para a fecundação, mas de ligação, através do amor ou da arte. (p.441)

Dito isso, pode-se argumentar que, na visão de Bittencourt (2003), a homossexualidade ou a heterossexualidade não são o que na verdade definem a “morte” ou a criatividade de uma relação amorosa, mas sim a possibilidade de ambos os parceiros poderem suportar este estado tensionado do espaço transicional, a partir do qual se poderá viver uma relação criativa e fértil do ponto de vista mental. Ainda nesse sentido, argumenta-se que nessa visão uma relação homossexual (entre iguais) é ser buscada

quando o sujeito não pôde vivenciar a contento a transição da onipotência infantil rumo à percepção da alteridade, ou seja, da existência do outro como entidade separada.

Ainda numa visão winnicottiana, Abadi (1997) compreende a homossexualidade não como uma estrutura psíquica, mas como um fenômeno observável nas clínicas, derivado de uma formação falso *self*. Nesse sentido, diz que o tratamento de pacientes homossexuais frequentemente tem revelado como uma pessoa pode esconder seu verdadeiro *self* atrás de patologias, algo que pode ser revertido com um correto sustentamento de um ambiente facilitador. Abadi continua lembrando que, para Winnicott (1960/1983), a separação da personalidade em verdadeiro e falso *self* advém de uma insuficiente adaptação da mãe às necessidades do bebê em desenvolvimento. É este desencontro que produz uma dissociação da personalidade, visando defender o seu núcleo verdadeiro. Como consequência desta dissociação, a personalidade perde sua capacidade espontânea, pulsional e agressiva. Assim, para Abadi, o falso *self* homossexual não tem como objetivo a proteção de uma parte do corpo ameaçada pela castração, como é comumente compreendido na literatura psicanalítica. Esta ameaça, contudo, é sentida pela pessoa sobre o seu *self* total, ficando a verdadeira personalidade oculta atrás da organização homossexual. Nos casos referidos por Abadi, o que não é tolerado pela mãe – ambiente é a masculinidade (ou feminilidade) da criança bem como suas manifestações prematuras. Com isso, a mesma deverá ocultar através de um falso *self* sua masculinidade ou feminilidade, deixando de lado a pulsionalidade e o seu narcisismo primário, que só poderia se sustentar, sem sustos, com ajuda da contenção materna.

Abadi (1997) argumenta que, antes de se falar em elaboração edípica, ausência de interdição paterna e renegação como saída ante a angústia da castração (perversão), é importante compreender que, em muitos casos, o que houve foi uma alteração prematura do desenvolvimento do *self*, influenciando na conduta sexual do indivíduo. Neste sentido, apresenta um trecho de material clínico bastante elucidativo. Trata-se de um homem de 40 anos, homossexual, que relembra em seu divã as situações (repetitivas) que se passavam entre ele, seu irmão e sua mãe. Estavam os três na cama da mãe. Quando esta ia trocar de roupa sempre pedia ao irmão que saísse do quarto, mas não ao paciente. Então, o paciente relembra, ofendido e surpreso, porque a mãe não lhe mandava sair e conclui que certamente ele não era um homem para ela. Desta forma, a autora discute que a homossexualidade, derivada de uma formação tipo falso *self*, pode servir para proteger a

masculinidade ou feminilidade ameaçada, conservando o núcleo verdadeiro à espera de um novo começo.

Netto (1985), autor que se ancora em concepções bioniana para compreender a homossexualidade, parte da ideia central de que esta se trata de um arranjo mental peculiar desenvolvido em certos indivíduos de forma manifesta ou fantasiada, que serve para preencher o lugar deixado pelo objeto ideal e pela relação ideal com ele. Apesar de assegurar não pretender dizer que todo arranjo homossexual se dê com esta finalidade, aponta que em todos os casos já atendidos por ele, esta modalidade defensiva esteve presente. Segundo Bion (1962/1991), a meta do crescimento mental e emocional é tornar a mente cada vez mais funcional diante das angústias, sendo que há basicamente dois modos de se lidar com ela: evadindo-se dela ou transformando-a. Modificar angústias consiste, neste caso, na capacidade da mente de promover alterações no contexto intrapsíquico onde estão presentes fantasias ameaçadoras, sejam elas de cunho paranóide ou depressivo. De qualquer forma, para que a angústia seja modificada, o indivíduo deverá ser capaz de tolerar dentro de si sentimentos dolorosos ou então lançará mão de arranjos mentais onipotentes, ingressando pelos caminhos da psicose. É exatamente neste ponto, da (in) capacidade de tolerar sentimentos dolorosos, que certos indivíduos, segundo Netto (1985), desenvolvem o arranjo denominado de homossexualidade:

Neste sentido, uma relação sensual e/ou sexual, imaginária ou real, entre indivíduos do mesmo sexo pode conformar o espaço onde na mente de um deles, ou de ambos, está acontecendo a suposta realização de um estado de gratificação absoluta com a suposta vantagem de que as semelhanças físicas atenuam ou fazem desaparecer a “incômoda verdade” de que o outro é o outro mesmo. Assim, este estado alucinado tem a função não só de manter a crença numa relação idílica com o objeto, como amenizar a angústia que decorre das fantasias de dependência absoluta dele que sendo, em fantasia, praticamente idêntico ao sujeito, dá a ilusão de se ter alcançado a auto-suficiência absoluta. (p.11)

Nota-se que Netto (1985) utiliza as formulações de Bion acerca dos estados de alucinação para compreender o arranjo homossexual. Segundo Bion (1973), os estados de alucinação, muito diferentes das alucinações grosseiras observadas na linguagem psiquiátrica, referem-se a estados mentais que não fazem parte do funcionamento patológico nem do normal. A alucinação surge quando um acontecimento mental, normalmente indesejável e pouco tolerado pela mente, é transformado em impressões

sensoriais que são descartadas pela mesma. Nestes casos, a transformação em alucinação, advinda de estímulos sensoriais excessivos e impossíveis de serem pensados, não tem um significado na mente, nem de amor (L), nem de ódio (H), nem de conhecimento (K), vínculos necessários para que haja alguma transformação dos estímulos sensoriais em algo pensável:

A ameaça do ego advinda do uso excessivo de transformações de emoções em impressões sensoriais descartáveis como se dá na alucinação, precede aquela da não totalização da auto-imagem, ao não fornecer elementos para que ela exista, mesmo que parcialmente. (p.13)

Mas o que ocorre é que, diante dos resultados insatisfatórios da alucinação, o objeto passa a ser visto como imprescindível à própria sobrevivência do ego e à unificação de sua mente. Assim, sua falta torna-se absolutamente ameaçadora. Surge então o arranjo homossexual para lidar com a falta do objeto. Conforme Netto (1985), os homossexuais procuram pessoas do mesmo sexo com as quais vivem a suposição de poderem dispensar os objetos, livrando-se da angustiante lembrança de que a existência do objeto implicaria na possibilidade de ter que lidar com sua falta, diante da qual o que resta é o caos:

A impressão de sua perda (do objeto) vem, portanto, acompanhada do temor de se estar perdendo o próprio significado, a própria auto-imagem coesivante, restando em seu lugar uma emoção turbulenta, por exemplo, um sentimento de desamparo, de depressão, de ódio e de inveja. Um acontecimento mental como este, enquanto não é tolerado, é transformado nos domínios da alucinação, em impressões sensoriais e, como tais, supostamente descartados da personalidade. Tem-se assim um círculo vicioso (...) (p.14)

Para finalizar, Netto (1985) chama a atenção que o aspecto homossexual, ao dispensar a necessidade de um objeto externo por temor à dependência absoluta, torna este arranjo defensivo ameaçador na medida em que a negação da dependência parece interferir negativamente na unificação do próprio ego e na manutenção de sua auto-imagem. Termina dizendo que o homossexualismo expressa a persistência prolongada de um estado anárquico, esquizoide e retardador do crescimento mental.

Outro autor que, inspirado em Bion, também traz contribuições valiosas à compreensão da homossexualidade é Antonino Ferro. Em um artigo muito interessante

sobre modalidades de funcionamento mental homossexuais, Ferro (2008) assevera que o psicanalista deveria prestar mais atenção aos tipos de funcionamento mental que podem ser chamados de homossexuais, independente do sexo biológico do sujeito. Para ele, há basicamente quatro formas de funcionamento mental que se poderia chamar homossexual.

A primeira implica numa forma específica de aplacar uma parte de si mesmo, temida como muito violenta e impossível de ser contida, que é sedada através da masturbação, da felação ou da sodomização, ficando este conteúdo mental não contido projetado no outro. Tal modalidade é utilizada quando o indivíduo carece de recursos para administrar aspectos psicóticos ou primitivos de sua mente.

A segunda forma remete a uma espécie de auto-aconchego defensivo, que vai desde uma tonalidade narcísica em que o que há é uma relação homossexual consigo mesmo, negando a ausência e necessidade do outro/diferente, até formas mais excitantes nas quais a homossexualidade e suas consequentes culpas e autocríticas servem a um propósito antidepressivo, sendo usada como uma droga.

Uma terceira forma é aquela que, conforme diz Ferro (2008), desliza ao transexualismo, sendo esta uma forma de aplacar e conter o excesso de ♂, que é administrado com a feminilização do sujeito ou através de fantasias de submissão àquele que personifica o excesso de ♂¹.

Há, por fim, uma quarta forma que é mais encontrada entre as homossexuais femininas. Neste caso, a homossexualidade é buscada como forma de manter a ilusão de uma harmonia indiferenciada, que serve como barreira de proteção para amortecer as emoções das quais se teme uma irrupção violenta.

Do ponto de vista do funcionamento mental, Ferro (2008) chama de homossexualidade masculina (que pode estar presente tanto em homens quanto em mulheres, assim como em casais homossexuais e heterossexuais) aquela relacionada à problemática de aplacar os hiperconteúdos mentais ♂, através de modalidades do tipo masculino ♂♂, já que falta capacidade de continência. Já a homossexualidade do tipo feminina é aquela em que prevalece nitidamente um funcionamento ♀² ♀, na qual a busca por uma completa harmonia tem o objetivo de evitar o surgimento de hiperconteúdos não

¹ Símbolo grego que está relacionado ao masculino.

² Símbolo grego que está relacionado ao feminino.

administráveis. Vale ressaltar que Ferro compreende por hiperconteúdos aqueles excessivos à capacidade de contenção da mente. Ou, utilizando uma linguagem bioniana, trata-se de um conteúdo excedente em relação à capacidade do continente (Bion, 1962/1991). Segundo Ferro (2008), esta modalidade de homossexualidade ♀ ♀ é mais arcaica e persecutória porque nela há uma intensa evitação fóbica dos hiperconteúdos ♂, que ficam ameaçando emergir. Já na modalidade ♂ ♂ (masculina), tais conteúdos já emergiram e o problema é como lidar com eles.

Ferro (2008) fornece um trecho de material clínico em que exemplifica uma relação homossexual ♀ ♀ entre um casal cuja sexualidade biológica era heterossexual: Mariella e Stefano estavam casados há muitos anos, mas tinham mantido somente dez relações sexuais ao longo deste tempo. Gostavam de ficar abraçados na cama acariciando as costas um do outro. Viviam uma relação emocional totalmente pacífica, sem conflitos e sem emoções violentas, imersos em um clima de ternura recíproca, até que tem negada pela Justiça a solicitação para adotarem um menino. Foi somente neste ponto que algo “explode” rompendo de forma abrupta o que Ferro denominou de o “paraíso terrestre” deste casal. Os cônjuges passaram, a partir deste momento, a uma modalidade de relações heterossexuais (♀ ♂) na qual puderam se confrontar com protoemoções e capacidades/incapacidades de administrá-las. Conclui ele que, até então, o funcionamento de suas mentes havia sido do tipo homossexual feminino, já que a afetividade, a eliminação de diferenças e de possíveis conflitos servia para manter fora do campo as emoções não pensáveis.

Ferro (2008) finaliza trazendo ideias fundamentais para sua linha de argumentação:

Não seria pouco se a Psicanálise nos levasse a nos ocupar de casais fenotipicamente heterossexuais, mas na realidade muito homossexuais, ou que indagasse sobre eventuais duplas fenotipicamente homossexuais, mas na realidade mais heterossexuais do que duplas oficialmente heterossexuais: isto nos levaria a um desenvolvimento revolucionário, a partir do qual se poderia também pensar a Psicanálise como algo capaz de, realmente, abrir vértices de pensamento “escandalosos”, em que ficaria evidente que existem verdades mais verdadeiras do que aqueles que aparecem (assim é se lhe parece!). (p.102)

Outro autor que vem se debruçando sobre a homossexualidade há algum tempo é Jean Bergeret. Junto com sua equipe de trabalho, ele coordena há alguns anos um grupo de discussão sobre o tema. Segundo Bergeret (2004), há atualmente uma grande incerteza

conceitual, comportamental e política sobre o que se tem denominado “homossexualidade”, da qual o psicanalista não deve ficar alheio. Refazendo cuidadosamente o desenvolvimento das ideias freudianas, relembra que Freud conceituou o desenvolvimento da psicosexualidade humana a partir de duas ondas: a primeira erótica-narcísica, ainda profundamente aliada às forças do id, e a segunda sexual-edípica (elaboração da fase genital). Ou seja, o que ele argumenta é que o termo homossexual é errôneo porque parte do pressuposto de que o que há é uma sexualidade edípica desenvolvida, quando, na verdade, trata-se mais, como Freud lembrou, de uma escolha de ordem erótica-narcísica. Neste sentido, Bergeret relembra que há duas situações que culminam no homoerotismo: 1) uma fixação num homoerotismo pré-púbere (narcisista); 2) uma regressão a este homoerotismo em função da falência da elaboração sexual e edípica.

Bergeret (2004) relembra que o termo homossexualidade, surgido no vocabulário ocidental somente no século XIX, carrega inúmeros sentidos diferentes, às vezes permissivos, às vezes condenatórios. No âmbito da Psicanálise, diz, é válido lembrar que o termo sexualidade, cuja raiz latina exprime a ideia de cortar em dois, ou seja, de algo que é separado, dividido, faz alusão ao mito platônico da androgenia, fantasia universal e primitiva do humano, retomada na representação bíblica da sexualização do primeiro ser humano:

Em primeiro lugar, Adão é criado à semelhança de Deus. Em outras palavras, como Deus. Ele não é nem homem nem mulher, mas ambos ao mesmo tempo e, assim, a forma pura do mais completo e bem-sucedido narcisismo – poder e majestade. A seguir, em segundo lugar, Deus criou a mulher a partir dessa substância humana fundamental e narcísica. Assim, este foi o momento em que Adão deixou de ser um ser humano indiferenciado e se tornou um homem, ao lado de uma mulher, com um status identificatório secundário diferente – igual em potencialidade, mas complementar nos seus papéis objetivos. (p.64)

E continua, apontando para a incompatibilidade do uso do termo homossexual:

O prefixo “homo” sinaliza que a relação se dá com uma criatura igual e que, assim, ainda não entra na questão da sexualidade do objeto, necessariamente diferenciado em identidades secundárias. A justaposição do prefixo homo (semelhante) com o adjetivo sexual (diferente) corresponde àquilo que em gramática se chama barbarismo ou incompatibilidade de linguagem. Ninguém pode estar ao mesmo tempo na posição relacional de “homo” e de “sexual”. (p.65)

Portanto, conclui Bergeret (2004), a satisfação erótica buscada pelo homófilo é sempre de natureza narcísica, forma de obtenção de prazer que, apesar de muito intensa, não constitui um verdadeiro prazer sexual no sentido freudiano. Assim, o prazer é buscado em um objeto narcísico e não sexual, objeto este que reflete o sujeito e é visto como um ser similar e idealizado. Tudo isso serve para evitar que se entre em uma série de questões verdadeiramente sexuais e conflitivas.

Bergeret (2004) defende que há em todos nós uma forma latente de homoerotismo, estruturante e inconsciente, algo com o qual particularmente o adolescente tem que lidar de forma tensionada. Mas, diz ele, é importante diferenciar o homoerotismo estruturante daquele configurado como forma de defesa, de duração indeterminada, que serve mais para evitar que ansiedades do mundo edípico eclodam com violência. Por isso, Bergeret propõe que se divida o homoerotismo em quatro categorias principais de acordo com suas formas clínicas: 1) homoerotismo derivado de um bloqueio do desenvolvimento localizado na adolescência. Este homoerotismo normalmente tem uma natureza funcional e transitória e uma função defensiva, tipo de vivência que normalmente permanece em registro latente, apesar de trazer muito sofrimento ao jovem; 2) a única que, segundo ele, poderia merecer o uso do termo “homossexualidade” por se aproximar, mais do que as outras, da conflitiva edipiana. Trata-se de uma falência da estruturação neurótica, ou seja, o conflito edipiano tentou exercer seu primado, permitindo uma verdadeira relação de objeto triangular e sexualizada. Entretanto, deficiências narcísicas ocorridas na infância impedem o sujeito de permanecer neste nível relacional, fazendo ocorrer uma regressão na direção de fixações anteriores (estágio do falicismo narcísico), particularmente fazendo-o recorrer à satisfação homoerótica, já que esta é a única forma de gratificação possível ao sujeito dada sua precariedade emocional; 3) defesa homoerótica contra a depressão. Esta forma clínica ocorre quando, diante das intensas ansiedades e, com vistas a manter a segurança narcísica do sujeito num nível suficiente, a única possibilidade de satisfação libidinal é a homoerótica; 4) tipo mais frequente na vida diária, mas não nos consultórios. Trata-se não de uma parada desenvolvimental ou de um recuo frente à crise edípica, mas sim de um desvio muito arcaico e real, tanto da experiência narcísica quanto da vivência edípica. Neste caso, há uma maciça negação das diferenças entre os sexos, além de vigorosa

negação da realidade. Assim, não se trata mais da ansiedade do incesto, mas da invasão do pensamento por processos delirantes, sendo estes fenômenos de natureza psicótica.

Por fim, Bollas (1998) tece interessantes considerações sobre o que ele denominou “arena homossexual”. Ele utiliza este termo para designar o universo das discotecas, saunas e boates gays nas quais ocorre o que ele chamou de promiscuidade homossexual. Bollas propõe como linha de argumentação que o que ocorre nesta “arena homossexual” é, na verdade, uma interrupção da própria identidade pessoal, como se naquele momento se esvaísse qualquer possibilidade de um sentimento pessoal, de existência própria para surgir um objeto indeterminado que emerge de dentro do lugar do desejo, ou seja, passa-se de um *self* para um *isso*. Aponta que esta “arena” pode ser um lugar especial onde o gozo e a alegria (gay) encobrem uma profunda e intensa solidão do sujeito. Neste cenário, o objeto serviria para livrar o organismo de sua excitação, que não pode ser transformada neste momento em algo pensável. Por outro lado, Bollas acrescenta que para muitos homossexuais esta mesma “arena” é percebida como um teatro misterioso no qual se busca o amor, única salvação diante da morte e do aniquilamento da mente, pois só este pode triunfar sobre o instinto de morte. Ele afirma ainda que, em sua opinião, a recuperação das condições traumáticas da “arena” costuma acontecer através da cópula homossexual bem sucedida. Encontra-se um parceiro constante diante do qual o homossexual “se cura” das lesões obtidas na “arena”. Ao mesmo tempo, mesmo nos casais estáveis, mantém-se um medo constante de que o parceiro quebre a relação e saia sorrateiramente para a “arena”. Isso, segundo ele, não costuma ser sentido como uma traição, diante de uma nova escolha de objeto, mas como uma triste retomada da cena de erradicação ou extinção. Sendo assim, a “arena” encontra-se sempre presente, temida e excitante ao mesmo tempo, mesmo que não seja mais frequentada pelos parceiros. Isso ocorre porque, conforme Bollas destaca, a “arena” representa ao homossexual, ao mesmo tempo, local de anulação, onde a excitação pode apagar o *self* num orgasmo punitivo, e lugar de profunda solidão, onde o sujeito perdeu seu verdadeiro senso de *self*, que ficara completamente aprisionado dentro do objeto.

Bollas (1998) finaliza o artigo argumentando que o sofrimento psíquico do homossexual é, muitas vezes, sustentado pela própria ambivalência dos heterossexuais em relação a eles, algo que perdura há alguns séculos. Para explicar esta relação tensa entre heterossexuais e homossexuais, cita Foucault (1984), autor que recoloca a questão da

homossexualidade compreendida como um campo discursivo de saberes e poderes. Para ele, enquanto os heterossexuais podem viver seus jogos de dominação e submissão com aceitação social, os homossexuais, por serem impedidos de declararem sua homossexualidade, acabam por centralizar seu encontro no ato sexual, normalmente vivenciado de forma clandestina. Acossado por esta clandestinidade, tem de lidar ainda com a des-subjetivação que o indivíduo heterossexual lança sobre ele através de nomeações frequentemente utilizadas, tais como “*Ele é gay? Ele é esquisito. Será que ele é?*”, o que o transforma em um ser despersonalizado, em um *isso* (coisa), processo equivalente ao que o homossexual vivencia na “arena”. Para finalizar, Bollas diz:

Espero que o espírito desse texto deixe claro o que eu considero problemático para o mundo do homossexual que busca relações fugazes: um apagamento do self, que é revivido na “arena”, um local que parece simbolizar uma experiência interna mantida por alguns homossexuais em relação à mãe (...). Eu não acredito que qualquer homossexual que vá a uma sauna, discoteca ou parque, procure o sexo da morte do promíscuo (...). Em vez de ser caracterizado pela estética do espaço, a “arena” existe no enquadre da mente do indivíduo que busca relações superficiais. (p.131)

Conforme se pôde depreender acima, vários autores psicanalíticos vêm, desde Freud, oferecendo contribuições importantes para compreender as vivências homossexuais. Freud contribuiu enormemente para a questão chamando atenção para o fato da bissexualidade humana; Klein enfatizou que muitas vivências homossexuais consistiam em reações defensivas diante das angústias edípicas precoces; e autores que se ancoraram em Bion compreenderam que no funcionamento homossexual está implicado uma economia narcísica muito mais do que edípica. Todas estas contribuições são valiosas no sentido de oferecer ao estudioso do tema elementos que favoreçam a compreensão acerca das motivações inconscientes que podem estar implicadas em cada vivência homossexual específica.

Paralela a esta discussão de ordem teórica, o que se têm desde a década de 60 é a busca dos homossexuais pelo acesso ao direito de serem pais e mães, ou seja, pela homoparentalidade. É exatamente neste ponto que a discussão se torna ainda mais nevrálgica e barulhenta porque agrega, de forma polarizada, basicamente duas correntes –

a dos que são favoráveis e a dos que são contrários – cisão esta que ocorre mesmo dentro da Psicanálise. É deste grande embate que se tratará agora.

1.3 A homoparentalidade

Os primeiros homossexuais que expressaram o desejo de se tornarem pais e mães foram os da costa californiana, entre 1965 e 1970. Durante esse período, tais situações eram pouco numerosas, mas a partir de 1975 elas foram se multiplicando na medida em que se lutava contra a descriminalização dos homossexuais, bem como dos negros e das minorias étnicas (Roudinesco, 1999/2003). Iniciava-se aqui o debate sobre a questão das origens, pois, enquanto as famílias heterossexuais podiam dissimular as condições biológicas para a geração de um filho, os casais homossexuais eram incapazes de tal simulação, já que dois homens ou duas mulheres não podem gerar um filho no encontro sexual. Tal desejo representou uma ameaça social muito grande, pois consistia na tentativa de transgredir dois mil anos de uma noção de família assentada na diferença sexual (formada por um homem e uma mulher), tal como já havia apontado Lévi-Strauss (1982). Por isso, grande parte dos debates atuais sobre a homoparentalidade gira em torno do temor do apagamento das diferenças sexuais, sendo as seguintes indagações sintomáticas deste mesmo temor: a criança também se tornará homossexual? Como ela saberá o que é ser homem ou mulher com dois pais ou duas mães?

A partir deste movimento dos homossexuais é criado em Paris, em 1997, o neologismo homoparentalidade pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL). Esta nomeação descreve a situação em que pelo menos um adulto que se autodesigna homossexual é ou pretende ser pai ou mãe de, no mínimo, uma criança (Zambrano, 2006). Há basicamente quatro formas de um homossexual ter acesso à homoparentalidade, conforme descreve Zambrano. A primeira é através de filhos advindos de uma relação heterossexual anterior. A segunda é através da adoção, que pode ser legal ou informal. Atualmente, é comum que esta adoção seja buscada por um dos membros do casal, já que há o temor por parte do casal de que a homossexualidade do par interfira negativamente na avaliação do juiz. Neste caso, o membro do casal que adotou legalmente

a criança passa a ter com esta um vínculo de filiação irrevogável, enquanto o outro cônjuge permanece ligado à criança através dos vínculos afetivos. Esta situação traz prejuízos à criança uma vez que esta não terá direito ao nome, à filiação e à herança do parceiro do pai/mãe adotante. Neste caso, a criança fica desamparada legalmente em caso de morte ou separação dos pais ou das mães.

Uma terceira via de acesso à homoparentalidade é através das Novas Tecnologias Reprodutivas, o que possibilita o nascimento de filhos biológicos. O método mais utilizado pelas mulheres lésbicas é a Inseminação Artificial ou Fertilização Medicamente Assistida, seja com doador conhecido (geralmente um amigo gay), seja com doador desconhecido através de banco de espermatozoides. Os homens que desejam filhos biológicos o fazem através do procedimento denominado útero de substituição, medida considerada ilegal no Brasil. A quarta possibilidade é a co-parentalidade, em que os dois membros do casal cuidam conjuntamente da criança. Isso pode acontecer tanto pela via da adoção conjunta (casos ainda raros no Brasil), em que os dois parceiros têm direitos e deveres legais sobre a criança, quanto pelo cuidado que o casal homossexual oferece ao filho ou filhos de um dos parceiros, advindos de relações heterossexuais anteriores. Há ainda aqueles que optam por realizar inseminação artificial caseira (coleta do sêmen do pai e introdução do espermatozoide na vagina da mãe) ou medicamente assistida (em clínicas especializadas), através da conjunção de dois casais homossexuais, um masculino e outro feminino. Neste caso, a criança terá dois pais e duas mães, sendo um pai e mãe biológicos e os outros dois sociais (Zambrano, 2006).

Há, nesse sentido, uma diferença marcante na forma em que homens e mulheres homossexuais buscam vivenciar a homoparentalidade. No caso dos homens, é frequente que estes busquem a adoção legal ou informal, uma vez que possuem menos autonomia biológica e corporal para acessarem a parentalidade, necessitando de um corpo feminino para prosseguir com a gestação. No caso das mulheres, há uma busca maior pela parentalidade biológica através das Novas Tecnologias Reprodutivas (Uziel, 2002; Tarnowski, 2003; Eugênio, 2002; Souza, 2005).

A partir de 1975, com esta nova demanda trazida pelos homossexuais, teve início, particularmente nos Estados Unidos, uma onda de estudos psicológicos que buscavam averiguar diferenças e semelhanças entre as modalidades de cuidado parental homossexual e heterossexual (Zambrano, 2006). Revisando estudos produzidos entre 1981 e 1998,

Stacey e Biblarz (2001) analisaram vinte e um artigos que comparavam famílias heterossexuais e homossexuais no que se refere ao cuidado parental. Um dos resultados apontados em todos eles chamava a atenção para a inexistência de diferenças significativas entre a orientação sexual dos jovens adultos cuidados em famílias heterossexuais ou homossexuais. Tal dado desconstrói a ideia, muito utilizada socialmente para argumentar contra as famílias homoparentais, de que a orientação sexual dos pais interfere na orientação sexual dos filhos. Outras pesquisas revelaram que os filhos de gays ou lésbicas tendem a crescer num contexto mais livre das pressões de conformação a um ideal feminino/masculino e que as mães homossexuais tendem a contar com mais recursos psíquicos que as heterossexuais, sendo que suas parceiras têm um maior envolvimento no cuidado dos filhos quando comparado com os parceiros das mães heterossexuais (Patterson, 2004; Bailey, Bobrow, Wolfe & Mikach, 1995; Golombok, 1996; Golombok, 2002). Zambrano (2006), fazendo uma releitura crítica de tais resultados, afirma que muitos estudos deste tipo tendem, em defesa das famílias homoparentais, a superestimar os aspectos positivos dos resultados e a dar pouca ênfase aos fatores contextuais e sociais que compõem tal cenário desenvolvimental, já que enfocam particularmente fatores pessoais e internos.

Patterson (2004), que realizou uma extensa revisão das produções sobre as famílias homoparentais desde a década de 70 até a atualidade, assevera que em todas elas não foram observadas diferenças significativas entre a capacidade parental de pais homossexuais e heterossexuais. Mostra também que, independente da orientação sexual dos pais, é importante para a criança ser criada por mais de uma pessoa. Tais estudos demonstram ainda a importância de pais homossexuais não tratarem sua homossexualidade como um segredo, pois isso poderia interferir no bem-estar do filho.

Julien, Dubé e Gagnon (2004), também numa revisão bibliográfica do tema, descrevem os mesmos resultados em relação a não diferenciação entre a qualidade parental de pais heterossexuais e homossexuais. Asseveram, por outro lado, que um fator contextual imbricado na qualidade parental dos homossexuais é o quanto estes são aceitos ou não por familiares e pessoas próximas, o que irá interferir decisivamente em sua auto-estima e, portanto, na relação entre eles e seus filhos. Outro fator contextual que interfere no bem-estar das famílias homossexuais, segundo estas autoras, diz respeito à homofobia e à discriminação que elas sofrem com frequência. Entretanto, é comum que elas próprias

encontrem recursos de enfrentamento, seja mantendo em segredo sua orientação sexual para o mundo exterior, algo que a própria criança ajuda a preservar muitas vezes, ou ainda, buscando se relacionar com outras famílias que vivem a mesma problemática. As autoras argumentam que, apesar de 10% da população dos Estados Unidos ser constituída por pais e 20% por mães homossexuais, número que se assemelha aos pais e mães homossexuais do Quebec, profissionais da saúde mental e juristas ainda insistem em acreditar que a homossexualidade dos pais pode levá-los a realizar o incesto com seus filhos, que estes serão socialmente marginalizados por terem pais homossexuais e, ainda, que terão dificuldade em identificar seu próprio sexo. Ou seja, estes profissionais apresentam dúvidas sobre se pais homossexuais podem ser competentes. Além disso, asseveram que as mulheres lésbicas são menos maternais que as heterossexuais e que homens gays são menos responsáveis do que pais heterossexuais. Segundo Julien, Dubé e Gagnon, os principais temores que tais profissionais relatam ter em relação ao desenvolvimento das crianças estão centrados em quatro aspectos: 1) no desenvolvimento de suas identidades sexuais; 2) em sua estabilidade emocional já que se considera que estas crianças teriam uma maior vulnerabilidade psicológica do que crianças criadas em um lar heterossexual; 3) em seu ajustamento social, uma vez que estas crianças teriam mais chance de serem vitimizadas por seus pares; 4) risco do abuso sexual cometido pelos próprios pais. Revisando alguns estudos comparativos entre pais homossexuais e heterossexuais que buscavam compreender as similaridades e diferenças entre as crianças cuidadas nestes dois contextos (a amostra foi composta por crianças não lactentes e por adolescentes), as autoras mostraram que uma das conclusões prevalentes foi que a maioria dos filhos criados por pais homossexuais se tornaram heterossexual. Julien, Dubé e Gagnon argumentam que estes resultados não significam que os filhos de pais homossexuais não enfrentem dificuldades ligadas à identidade sexual, mas quando isso acontece, a causa dos problemas, segundo elas, independe da orientação sexual dos pais. No aspecto psicossocial, a pesquisa mostrou que mães lésbicas desejam, mais que mães heterossexuais, que suas crianças desenvolvam relações positivas com homens adultos. Na tentativa de mapear quais seriam as variáveis que interferem no desenvolvimento dos filhos para além da orientação sexual dos pais, as autoras argumentam que são os aspectos funcionais das relações familiares, ou seja, a qualidade das relações que os membros da família estabelecem uns com os outros que seriam relevantes para esta questão. Relembrem que muitos estudos já mostraram os

impactos que o conflito entre os pais no momento do divórcio têm para a criança e ressaltam que estes aspectos – a qualidade da relação conjugal nas famílias homossexuais e o impacto destas relações no desenvolvimento infantil – ainda foram pouco estudados. Apresentam neste sentido alguns estudos clínicos que apontam que meninas criadas por mães lésbicas solteiras tendem a ter um nível de auto-estima menor do que aquelas criadas por mulheres que possuem uma parceira, já que o ambiente familiar tende a ser mais rico e estável no segundo caso. Ainda em acordo com Julien, Dubé e Gagnon, o bem-estar de mães lésbicas está intimamente relacionado ao grau de divulgação de sua identidade sexual para o seu empregador, para o seu ex-marido, familiares e filhos. Da mesma forma, o grau de sintomas psicológicos encontrados entre gays e lésbicas está negativamente associado ao grau de divulgação de sua identidade com os membros da família de origem. Ainda nesse sentido, este estudo mostra que, quando o ex-marido (pai da criança) rejeita a homossexualidade da mãe, a criança tende a ter sua auto-estima rebaixada em comparação àquelas cujos pais são neutros ou aceitam a orientação sexual da mãe. Concluindo, elas consideram que as crianças se sentem melhor quando sua mãe lésbica está com boa saúde psicológica e vivendo com sua parceira. Além disso, estas crianças tendem a serem mais capazes de lidar com os obstáculos sociais ligados à homossexualidade dos pais quanto mais cedo elas forem informadas disso, preferencialmente antes da adolescência. Ainda, tendem a se sentir melhor em um ambiente social acolhedor em que a homossexualidade de seus pais seja respeitada por outros adultos importantes para ela. Neste estudo de Julien, Dubé e Gagnon, designou-se como cuidado parental a capacidade social e relacional de pais cuidarem de crianças, não se investigando o desenvolvimento emocional profundo das crianças e dos pais bem como suas dinâmicas inconscientes.

Apesar de os resultados de tais estudos apontarem para a ausência de relação entre a qualidade parental e a sexualidade dos pais, as famílias homoparentais continuam sendo vistas de forma negativa e danosa à sociedade, sendo a homossexualidade do casal vista como prejudicial ao desenvolvimento de uma criança, por ainda ser considerada doença e forma de perversão (Zambrano, 2006). Vale ressaltar que tal relação entre a sexualidade do casal que se propõe a cuidar de uma criança e a qualidade parental não é questionada em momento algum quando se tratam de casais heterossexuais, que correspondem à norma social vigente.

O preconceito implícito nesta forma de compreender a homoparentalidade advém, em grande parte, do fato de que, mesmo com a desmedicalização da homossexualidade e com a retirada do termo homossexualismo da Classificação Internacional de Doenças (CID 10), tal avanço contribuiu apenas para uma maior tolerância da sociedade em relação à liberdade do amor homossexual, desde que vivido exclusivamente em âmbito privado e desde que não coloque em xeque os pilares da norma social vigente: a família nuclear e a heterossexualidade (Áran & Correa, 2004). É por isso que o desejo dos homossexuais de terem seus direitos homoparentais reconhecidos provoca tantas reações contrárias.

Mas porque este discurso calcado na diferença entre os sexos e na normalidade heterossexual/anormalidade homossexual está tão impregnado na forma de se compreender família e desenvolvimento? Recorrendo à ideia *foucaultiana* de que a produção dos dispositivos de sexualidade serve ao controle e normatização da sociedade, Butler (2003) afirma que ser “sexuado” em nossa cultura é estar submetido a uma série de regulações sociais que tem como matriz a heterossexualidade constituída e exclui a homossexualidade. Portanto, já nascemos com a empreitada de nos tornarmos “sexuados”, compreendendo esta sexuação naturalmente atrelada à heterossexualidade. Em acordo com Butler, exatamente por esta visão normativa denunciada por Foucault (1984), a homossexualidade foi e ainda é considerada por muitos como “doença” e “anomalia”.

Segundo Áran (s/d), tais dispositivos de controle da sexualidade necessitam ser reeditados constantemente para aplacar o temor que o excluído retorne, tal como ocorre no funcionamento das neuroses em que o recalcado deve ser reprimido. Isso explica em grande parte porque o tema da homossexualidade e, mais ainda, da homoparentalidade provoca repulsa e um intenso temor social, culminando em crimes homofóbicos e reações extremadas. Segundo Áran, vivemos atualmente um abalo nas rígidas fronteiras colocadas anteriormente entre a homossexualidade patológica e medicalizada e a heterossexualidade, provocado pelos inúmeros debates que vêm sendo feitos hoje em favor do reconhecimento jurídico dos casais homossexuais e seu direito à homoparentalidade. Áran questiona o argumento apresentado por Roudinesco (1999/2003) que o desejo dos homossexuais de se “normatizarem” revelaria um retrocesso, mas, em sua visão, tal desejo constitui uma forma de subverter e abalar um dos pilares fundamentais da norma sexual – a diferença entre os sexos. Ainda segundo Áran, a Psicanálise contribui com a defesa desta norma sexual e familiar normatizante quando lança mão de categorias como função materna e paterna ou

acena para a diferença entre os sexos e estabelece uma norma comum para compreender a multiplicidade cultural. Para ela, a Psicanálise incorre em um grave erro quando tenta deslizar sua compreensão da subjetividade no âmbito clínico para o macro-social, tentando elaborar uma teoria fundadora da sociabilidade.

1.3.1 A homoparentalidade no campo jurídico

Não há no campo jurídico e entre os operadores do Direito uma conformidade no que se refere ao direito à adoção homoparental.

No caso das adoções que, em nosso País, se norteiam pelos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), não há neste documento nenhuma ressalva a respeito da orientação sexual dos adotantes. Em seu artigo 42, ele estabelece que pessoas maiores de vinte e um anos, independente de seus estados civis, podem adotar. Já em seu artigo 43, está previsto que a adoção deve ser avaliada julgando-se sempre o melhor interesse da criança e que o pedido de adoção será deferido quando apresentar reais vantagens ao adotando.

Diante disso, observa-se que a adoção por homossexuais feita individualmente não está impedida, apesar de se saber que os procedimentos avaliativos costumam ser mais minuciosos nestes casos. No caso da adoção pelo casal, apesar de não haver no Brasil uma lei que regule esta situação, a legislação apresenta lacunas interpretativas e deixa a critério de cada juiz a aprovação ou não. Uma destas possibilidades é através da interpretação do artigo 1.622 do Código Civil de 2002, que prevê para pessoas que vivenciam uma união estável o direito de adotar crianças. Vale ressaltar que, apesar do registro civil entre pessoas do mesmo sexo não estar previsto em lei, o Rio Grande do Sul foi pioneiro na criação de um provimento administrativo da Corregedoria Geral da Justiça, n.º. 06/2004, que regulamenta o registro civil entre pessoas do mesmo sexo e que, portanto, permite a adoção por ambos os parceiros (Uziel, 2002). E mais: em maio de 2011, foi aprovada, no Brasil, pelo Supremo Tribunal Federal, a lei que dá aos homossexuais o direito à união estável, medida legal que certamente facilitará a partir de agora o processo de adoção homoparental a ser realizado pelos dois parceiros em conjunto. Entretanto,

apesar da lei não impor nenhuma restrição à adoção feita conjuntamente pelo casal homossexual, até então os casais optavam por realizá-la individualmente. Zambrano (2006) acredita que este fato se deve à predominância, tanto entre os operadores do Direito quanto entre os próprios casais homossexuais, de um modelo de família nuclear heterossexual, o que os faz acreditar que seus pedidos serão negados.

Ressalta-se, conforme já foi descrito, que tais adoções individuais expõem todos, inclusive criança e parceiro não adotante legal, a uma situação de maior vulnerabilidade. Zambrano (2006) ressalta ainda que a medida da adoção costuma ser buscada por pessoas de classe média e alta, com um nível de escolaridade maior e, portanto, mais conscientes de seus direitos, algo que não costuma ocorrer, por exemplo, com os travestis e transexuais.

No caso das pessoas que buscam a homoparentalidade através das Novas Tecnologias Reprodutivas, ressalta-se que estas não estão regulamentadas pelo Código Civil Brasileiro e a única normatização existente nesse sentido é a do Conselho Federal de Medicina, que deixa a critério da opinião e posição ideológica do médico o acesso ou não aos homossexuais a este tipo de tecnologia (Brauner, 2003).

1.3.2 A homoparentalidade na Psicanálise

Os conhecimentos psicanalíticos são buscados com frequência por juristas, assistentes sociais e psicólogos que trabalham com as questões de adoção, como um referencial teórico importante para compreender como as diferentes configurações familiares influenciam o desenvolvimento infantil. Apesar disso, conforme revisão bibliográfica realizada por Uziel (2002), ainda são raros os trabalhos brasileiros que enfocam as famílias homoparentais pela vertente psicanalítica. Para ela, não há dentro da Psicanálise um discurso corrente sobre esta questão já que muitos psicanalistas evitam se posicionar a respeito, alegando que a Psicanálise deve tratar da ordem do singular e não de fenômenos sociais.

Uziel (2002) e Perelson (2006) argumentam que, apesar dos diferentes posicionamentos da Psicanálise sobre tais famílias, é possível reconhecer três vertentes

principais neste debate. A primeira delas se coloca radicalmente contrária ao reconhecimento do casal homossexual, bem como da homoparentalidade. O principal representante deste posicionamento é o jurista e psicanalista francês Pierre Legendre. Atrelando o jurídico e o psíquico, Legendre (2004) argumenta que a transmissão da lei paterna é a única que possibilita à criança o ingresso no mundo simbólico, algo que não seria possível num casal em que a diferença entre os sexos é abolida. Um segundo movimento psicanalítico que também apresenta questionamentos à viabilidade de uma família homoparental, embora não se coloque explicitamente contrário a ela, é representado por Joel Dor. Dor (1991) argumenta que a diferença entre os sexos é a base da constituição identitária do sujeito e que esta diferenciação não ocorreria na homoparentalidade. Ele parte do pressuposto de que os homossexuais negam a diferença entre os sexos e que o reconhecimento de tais famílias representaria a destruição dos fundamentos antropológicos de parentesco, de família e de procriação. Por fim, o terceiro movimento tem como principais representantes a psicanalista e historiadora da Psicanálise Elisabeth Roudinesco e a psicanalista e antropóloga Delaisi de Parseval. Ambas argumentam que a construção da alteridade e do reconhecimento do outro não está baseada apenas na diferença entre os sexos e que a identidade não se restringe à sexual.

Retomando de forma mais aprofundada os argumentos daqueles que se colocam contrários à homoparentalidade, Dor (1991) argumenta que é a presença do pai simbólico que estrutura a mente humana. Este pai simbólico, que pode ser uma pessoa real ou um significante, teria a função de colocar um limite entre o desejo da mãe e o da criança, realizando a castração em ambos. Segundo ele, esta função paterna não poderia ser feita por outra mulher, no caso de casais de mulheres, ou por um casal de homens, já que a castração simbólica se daria exatamente pela diferença anatômica entre os sexos. Pierre Legendre (2004) defende que a filiação se dá na interface entre o jurídico e o psíquico, ou seja, é a lei que determina nossa filiação, sendo esta considerada tanto do ponto de vista jurídico quanto simbólico. Assim, a condição de ser desejante da criança advém da transmissão do sobrenome do pai que a insere em sua genealogia, o que por sua vez representa a interdição do incesto. Trata-se, então, de haver alguma interdição da Lei (Estado, pai, ordem simbólica) em relação ao desejo materno.

Caminhando nesta mesma direção, Adena e Speller (2001), refletindo sobre as novas configurações familiares e o papel do pai neste novo cenário, afirmam que,

independente da configuração familiar que se tenha, sempre haverá algum nível de mal-estar na cultura, como já sustentava Freud (1930/1996). Entretanto, ressaltam que no cenário das novas configurações familiares, dentre elas a homoparental feminina, há cada vez mais apelos às produções independentes através da técnica e do capital, o que poderia ser compreendido como a busca por um ideal delirante de autonomia destas pessoas. Segundo ela, com a busca por sêmen de anônimos em bancos de esperma, o sexo virtual descompromissado e o estilo de vida *free* que impera hoje entre homens e mulheres, estaríamos assistindo a um incremento, no âmbito social, de ideais narcísicos em que o outro é só um empecilho a ser vencido.

Adena e Speller (2001) continuam e afirmam que as novas configurações familiares podem ser enriquecedoras na medida em que ampliam os leques identificatório para as crianças e permitem aos adultos experimentarem a importante tarefa de transmitir aos mais novos sua experiência singular de ser humano. Entretanto, esta não é uma tarefa fácil de ser conseguida particularmente num cenário que corresponde ao paulatino enfraquecimento da lei, representada particularmente pelo pai.

No caso de uma família homoparental feminina, em acordo com Dor (1991) e Legendre (2004), Adena e Speller (2001) argumentam que é importante que se tenha alguma referência à lei e à castração que pode ser realizada pelo próprio pai da criança e que auxiliará na interdição do gozo materno. Jerusalinsky (2000) também aponta para a euforia das mulheres ao acreditarem que agora podem soltar o falo do corpo do homem, podendo este (representante da falta) ser encontrado em qualquer lugar. Segundo ele, nisso reside o risco da ciência ser usada de modo perverso, para que se possa construir uma tecnologia a serviço do prazer, gerando a esperança de preencher o lugar da falta, sem ter que passar pelo incerto caminho do outro.

Neste mesmo sentido, Fonseca (2008) comenta que atualmente há uma busca desenfreada de homens e mulheres (homossexuais ou não) pela realização do desejo de ter um filho a qualquer custo. Ela cita como exemplo esquemático o casal Beth e Pat: já morando juntas há muitos anos, ambas, encorajadas pela abertura cada vez mais explícita de clínicas comerciais que atendem casais de gays e lésbicas, optaram por tentar a sorte com uma técnica que permitiria a Pat fornecer o óvulo e a Beth gestar o embrião, mas o maior problema era custear o tratamento. O seguro-saúde só iria custear o tratamento em caso de infertilidade comprovada, ou seja, quando definida a ausência de gravidez depois

de um ano de relações sexuais “ejaculatórias”. Ambas, então, argumentaram que vinham tentando engravidar há seis anos através do método caseiro de inseminação artificial, com o sêmen de um amigo, mas não conseguiram. Diante da impossibilidade de verificar estas tentativas (falseada por elas), o seguro aprovou o tratamento de alta tecnologia. Outro exemplo trazido por Fonseca diz respeito ao casal Beverley (mulher branca) e sua companheira Fiona (afro-caribenha), que desejava ter filhos. Beverley iria fornecer o óvulo e o útero, mas ambas insistiram que o doador tinha que ter o perfil afro-caribenho, parecido com o de Fiona. Contaram, irritadas, os percalços e dificuldades para encontrarem este “produto” no mercado. Após passarem por várias entrevistas numa clínica, esta as informou que não tinham esperma afro-caribenho, embora o funcionário tenha oferecido com entusiasmo: “Temos um doador que é metade chinês”!

Fonseca (2008) conclui que a busca destes casais por naturalizar a relação surge especialmente quando a co-mãe não possui um laço biogenético com o seu filho. Por isso, escolhem características no futuro filho que, de alguma forma, irão ajudar a “cimentar” a relação duradoura de parentesco. Mas ela se pergunta: estes exemplos mostram que os casais lésbicos estão desesperadamente tentando seguir uma prática conforme o modelo heterossexual, pautando-se o máximo possível na reprodução biológica? E ela responde: não.

Para ela, além desta questão aparentemente óbvia, a busca desenfreada por uma família “exatamente como se deseja” também reflete valores que circundam o casal, ou seja, é resultado das leis que ditam o perfil do adotante e do adotado (dificultando o processo), das políticas públicas, que consideram a infertilidade uma doença, dos bancos de esperma, que facilitam a escolha do doador, bem como das tecnologias que permitem congelar e reaproveitar o esperma. Trata-se, então, a partir da ótica de Fonseca (2008), de um movimento (nada ingênuo) do mercado, regido pela lógica do consumo particularmente presente nos países anglo-saxões, cuja filosofia individualista valoriza sobremaneira o desejo de cada um. No caso particular dos casais homossexuais que desejam ser pais e mães através da adoção ou de novas tecnologias reprodutivas, Fonseca (2008) cita que:

À medida que direitos vão sendo redefinidos explicitamente em termos de liberdade de comprar e vender coisas, os adotantes gays e lésbicas conseguem cada vez mais “compensar” suas aparentes desvantagens. O que não conseguimos ganhar na arena política (reconhecimento de que gays e lésbicas podem ser bons pais e mães), podemos agora ganhar no

mercado, onde a definição destas competências decide-se cada vez mais pelo dinheiro. (p.9)

Para finalizar, Fonseca (2008) comenta o que observou em um congresso ocorrido em Barcelona, em 2006, cuja proposta era discutir a adoção, a homoparentalidade e outras formas de construções familiares. Estavam presentes na discussão pesquisadores de adoção, militantes gays e trabalhadores do serviço social. Rapidamente as discussões tomaram a forma de um lamento pela demora dos processos de adoção, para, em seguida, se chegar à questão de como os países do “Terceiro Mundo” (principal “fornecedor” de crianças ao Hemisfério Norte) colocavam barreiras à adoção de casais de gays e lésbicas e de como isso era possível, já que havia tantas crianças pobres esperando para serem “salvas”. Diante disso, um dos únicos brasileiros presentes perguntou: “Mas nós estamos mais preocupados aqui com os direitos humanos ou com os direitos do consumidor?”

De acordo com Fonseca (2008), a fala provocativa deste brasileiro representa um pouco a toada da discussão para as quais os autores acima chamam atenção: qual o limite para o desejo? Há algum limite posto? E a que custo este desejo é realizado? Ou, dito de outro modo: como esta criança (que ainda será gerada ou a que aguarda num abrigo) está sendo investida por estes futuros pais – como uma pessoa inteira ou como uma mercadoria? Estaríamos vivendo hoje numa sociedade em que as pessoas são regidas somente pelo princípio do prazer, carecendo de funções (institucionais, familiares e internas) que lhes configure algum limite, alguma castração? E o desejo de ter um filho? Estaria este desejo também permeado pela coisificação do outro?

Buscando também refletir sobre tais questões, a psicanalista Aulagnier (2004) comenta sua estranheza ao se deparar com certas situações que o desenvolvimento das técnicas de procriação tornou possíveis, tais como, a inseminação de uma neta pelo esperma congelado do avô, uma mãe que emprestou seu útero à filha e ao esperma do genro, bem como a inseminação de uma mulher pelo esperma de seu marido morto há algum tempo, ou ainda, de casais de mulheres homossexuais em que uma doa o óvulo para ser implantado no ventre da outra, configurando uma dupla maternidade. Tais situações, segundo ela, causam estranheza por tornarem reais fantasmas que fazem parte das nossas representações pulsionais mais arcaicas, universais e recalçadas. Ela relembra que o inconsciente ignora a contradição, o tempo e a morte, sendo necessário que todos nós façamos o luto pela impossibilidade de realizarmos tais desejos onipotentes. Mas, e quando

estes desejos onipotentes podem ser realizados? Segundo ela, nestes casos, há o risco de os sujeitos voltarem a acreditar na ilusão quanto ao poder de seus desejos onipotentes, algo que todos os seres humanos parecem ter tanta dificuldade de abandonar. Em sua opinião, não é possível saber de antemão quais dificuldades encontrará uma criança que nasce para suprir tais demandas parentais já que qualquer criança, independente da forma como é gerada, deverá se confrontar com a proibição dos seus desejos. De qualquer forma, para ela, há basicamente dois casos típicos engendrados na lógica do desejo por um filho.

Em primeiro lugar, tem-se o desejo por um filho como sequência natural de uma elaboração, que tornou possível que um filho viesse a concluir este primeiro desfile de objetos, aos quais o sujeito soube renunciar. Mas, mesmo nesta perspectiva, ambos, procriador e procriado, sofrem certo risco, pois, qualquer situação real que se aproxime em demasia de uma representação fantasmática recalcada exercerá sobre ambos algum poder de atração. Neste sentido, certos tipos de procriação podem tornar difícil para a mãe não projetar no filho o lugar de um objeto auto-engendrado pela onipotência do próprio desejo, ou o de um filho que viria realizar um desejo incestuoso que pode se endereçar ao pai, mas também, em certos casos, à própria mãe.

Em segundo lugar, têm-se aquelas situações em que o desejo por um filho é uma necessidade que deve ser imperativamente satisfeita. Trata-se, portanto, de um objeto fantasmático que concerne à reapropriação de uma parte de si mesmo, parte da qual se acha mutilado. Neste caso, a mãe não poderá nem reconhecer, nem aceitar e muito menos valorizar a diferença que surge entre a criança real e a representação psíquica que ela forjou dele.

E é neste sentido que, segundo Aulagnier (2004), o aspecto “milagroso” de certas procriações pode trazer ao homem da ciência uma confirmação dos poderes mágicos que detêm e, para a mulher, a prova do caráter onipotente de seus desejos. Este desejo materno “de que nada mude” pode impor à criança, como condição necessária de preservar seu amor, a impossibilidade de buscar sua autonomia no registro de seus pensamentos e de suas referências identificatórias, não tendo possibilidade de pensar, nem de conhecer. Trata-se, portanto, de um desejo materno que transgride não a lei do incesto, mas a proibição do assassinato:

Neste caso, assassinato psíquico de um desejo a vir, ou de um futuro desejante, que tornará possível à criança encontrar, no discurso que lhe

é apresentado sobre seu passado, sobre a origem dos desejos que a trouxeram ou no silêncio que se instalará, os materiais que deveriam lhe permitir construir para si uma história do tempo de sua infância em que o futuro de si mesma e de seu desejo já estava investido pelo projeto parental. (p.16)

Por outro lado, Tort (2000), Roudinesco (1999/2003) e Parseval (1999) argumentam que a forma de pensar expressa acima poderia gerar uma ideia de que sem a ordem do Pai, o que há é a loucura. E mais, apontam que esta visão é sustentada a partir da ideia de que a família tradicional pai-mãe-filho seria condição *sine qua non* para a estruturação da mente humana, o que colocaria à margem outras organizações familiares como a homoparental. Segundo Roudinesco (1999/2003), este tipo de discurso catastrófico, representado por Legendre (2004), aponta para a crise da Psicanálise em seus pilares teóricos fundamentais, tal como o Édipo proposto por Freud, e chama a atenção para a necessidade de revisitarmos nossas teorias buscando compreender a realidade que se apresenta.

Também nesse sentido, Passos (2005) assevera que, de fato, as famílias homoparentais lançam mão de padrões relacionais muito diferentes daqueles constituídos pela família tradicional patriarcal, mas cabe refletir: estariam estes padrões a serviço de uma desordem familiar ou seriam eles constitutivos de uma nova ordem familiar que se estabelece no interior deste grupo? Se a última afirmação é correta, então, quais seriam os parâmetros desta nova ordem? Um dos problemas no entendimento desta nova ordem, segundo Passos, é que buscamos compreender esta nova configuração utilizando premissas históricas do patriarcado, o que faz com que ela seja condenada *a priori*. Esta tentativa de encaixar o novo modelo homoparental em padrões tradicionais é equivocada, já que é óbvio que esta configuração lança mão de funções e lugares distintos da parentalidade heterossexual.

Em acordo com Passos (2005), apesar de o sistema patriarcal não ter falido completamente, particularmente porque ele ainda faz parte do imaginário social de forma premente, este mesmo sistema não dá mais conta das demandas relacionais criadas nas sociedades liberais e democráticas, onde os cidadãos buscam criar de forma mais livre suas experiências afetivas, contando, inclusive, com recursos da medicina reprodutiva para isso.

Entretanto, para Passos, nestas novas modalidades familiares, uma nova ética de procriação também passa a surgir:

A ética que rege as famílias homoparentais, como a adoção ou a que deveria reger as procriações medicamente assistidas, só pode ser compreendida em um quadro de uma ética mais global, fundada sobre a justiça inerente às transformações humanas. O equilíbrio relacional entre os diferentes protagonistas desta história tem este preço. (p.09)

Passos (2005) continua argumentando que, em sua opinião, esta nova ética relacional está assentada na ideia de se considerar a responsabilidade presente em relação às gerações futuras, configuradas em redes de afeto. Ela complementa dizendo que, no compasso desta responsabilidade, encontra-se, inclusive, aquela de evitarmos o martírio que gerações futuras podem viver por não pertencerem aos padrões sociais hegemônicos. Para ela:

Esta nova ética deve ser assentada, portanto, nas diferentes formas de conjugalidade, parentalidade e filiação que configuram um contexto familiar baseado nos laços de afeto. Seus princípios adviriam não mais de leis gerais que sustentam a ordem familiar patriarcal, mas das novas redes que sustentam as relações de afeto nas novas famílias. (p.3)

Mas Passos (2005) não vê esta nova ética como algo fácil de ser construído, particularmente no caso da família homoparental, em que o próprio casal deverá realizar um profundo e doloroso trabalho psíquico de lutos que, segundo ela, envolve dois processos concomitantes. O primeiro se refere às contradições vividas no interior de cada membro do casal entre o desejo de ter um filho e, por outro lado, o impedimento real de gerá-lo sozinho, sem o auxílio de um terceiro exterior ao próprio casal. Trata-se de uma ferida narcísica necessária de ser elaborada por ambos os parceiros da relação, independente de se tratar de um casal de homens ou de mulheres. O segundo diz respeito ao esforço empreendido pelo casal no sentido de encontrar a forma menos ameaçadora de conceber este filho, ameaçadora no sentido de que, independente da modalidade escolhida, o casal deverá lidar com a impossibilidade real de gerar sozinho aquele filho. Impedimentos na elaboração desta ferida narcísica certamente irão interferir na relação que este casal terá com o filho. Nesse sentido, Passo diz que:

O trabalho de luto da fertilidade está no centro das questões da esterilidade. Não poder transmitir a vida é uma ferida existencial muito pesada; ferida que necessita de um longo tempo e um longo trabalho de luto, etapa essencial em todas as histórias de infertilidade do casal, inclusive dos homossexuais. Sabe-se que os lutos não feitos podem dificultar, travar o processo de tornar-se pai e mãe. Vemos em diferentes tratamentos como os impasses administrativos, longe de ajudar os casais a fazerem o luto de sua infertilidade, ampliam, ao contrário, suas dificuldades. (p.17)

Segundo Passos (2005), é importante que o casal possa incluir este terceiro, que auxilia na concretização do seu desejo de ter um filho, já que este (o terceiro) permanecerá no imaginário da família. É da assimilação ou incorporação da presença deste outro que dependerá a formação dos laços afetivos com o filho. Assim, este outro imaginário pode se superpor aos pais. Em outros casos, pode comparecer como uma sombra enigmática que perturba o reconhecimento dos filhos e, num caso mais promissor, pode ser assimilado como elemento indispensável à realização do projeto de um casal. De qualquer forma, assumir esta falta por meio de um árduo processo de luto é fundamental para que os pais possam exercer sua parentalidade de forma mais sólida.

Se os alicerces patriarcais da família são construções históricas, os fundamentos universais de uma família atrelados à possibilidade de acolhimento, reconhecimento e inserção de uma criança em sua cadeia de transmissão psíquica são necessidades prementes a qualquer configuração familiar.

Conforme assevera Passos (2005), é esta inserção da criança na cadeia de transmissão psíquica familiar que possibilitará a ela o ingresso na triangulação familiar e no universo da diferenciação sexual. Sendo assim, ela reapresenta as mesmas questões apontadas por Dor (1991) e Legendre (2004), mas agora não mais se assentando na hegemonia do poder paterno e no princípio de gênero e diferenciação sexual:

(...) não podemos nostalgicamente nos reportarmos ao modelo clássico de família, usando-o como única referência dos modelos atuais, sem correremos o risco de caricaturamos as experiências afetivas que são criadas nos novos contextos. Nesse sentido, a família de hoje impõe, no lugar da hegemonia dos papéis e lugares fixos, uma maior flexibilidade na constituição de posições e funções dos membros do grupo. Assim, ganha mais força a forma como os pais do mesmo sexo representam este

filho, como um outro que atualiza seu desejo de transmissão e continuidade, investindo-o, portanto, de um afeto narcísico. (p.4)

Nesta nova ética familiar, segundo Passos (2005), pouco importa se a triangulação é constituída por dois homens ou duas mulheres, pois o que importa não é mais a identificação com o igual que exige a presença do diferente, mas o processamento psíquico do desejo dos pais, atrelado ao reordenamento que a própria criança faz da herança psíquica que lhe foi transmitida. É, portanto, o responsável pela concepção biológica da criança, tal como ocorre nos casos de adoção, aquele que fará a função simbólica antes destinada ao pai. É este que não poderá mais ficar ausente do processo de subjetivação da criança. Só com a inserção deste terceiro é que os pais poderão ocupar devidamente seus lugares e funções, sem se sentirem perseguidos e ameaçados. É neste limite, conclui Passos, que se ancora a diferenciação entre a mera reprodução biológica e a reprodução social da humanidade.

Para finalizar, Passos (2005) discorre sobre os impasses na consolidação desta nova ordem familiar, argumentando que, diante da presença ainda maciça no imaginário social do sistema patriarcal (algo que é muito intenso no Brasil), muitos dos filhos de homossexuais nascem e crescem sob o manto da vergonha, posição esta reforçada muitas vezes pelos próprios homossexuais. Assim, é frequente que pais ou mães homossexuais escondam a existência de seus parceiros quando buscam a adoção. Tais mentiras são sempre muito danosas à criança, pois impedem que ela tenha acesso à sua cadeia geracional, além de manterem a família numa espécie de clandestinidade. Obviamente esta condição de clandestinidade e de vergonha é gerada em grande parte pelas precárias condições pelas quais os homossexuais conseguem construir seus laços afetivos no Brasil, faltando-lhes legitimidade social e jurídica.

De qualquer forma, seja ancorando-se na visão mais estrutural apresentada por Dor (1991) e Legendre (2004), seja assentando-se na visão mais orgânica de Roudinesco (1999/2003) e Parseval (1999), algo que parece ser imprescindível a todos estes autores apresentados é que este casal possa ter um espaço mental que contenha o diferente ou, dito de outro modo, o fantasma do terceiro.

1.4 O cuidado parental suficientemente bom

Winnicott (1956/2000) define o cuidado de uma mãe suficientemente boa como aquele oferecido por uma mãe *devotada* comum, ou seja, advindo de uma mulher em que não há nada de extraordinário, muito menos de ideal. Assim, Winnicott afirmava exatamente sobre a impossibilidade (e a irrealidade) em se falar de um ambiente de cuidado ideal. Desta forma, tudo o que será apresentado agora deve ser concebido pelo leitor como ocorrendo numa família suficientemente boa, ou seja, numa família comum, no sentido ordinário do termo.

Mas, antes de prosseguir tratando do que seria um cuidado parental suficientemente bom, gostaria de definir o que é parentalidade e, portanto, cuidado parental. Parentalidade está ligada à capacidade de cuidar de um indivíduo e não propriamente à relação consanguínea que o cuidador estabelece com a pessoa cuidada (Amazonas & Braga, 2006). Há uma tendência geral a associar a parentalidade à consanguinidade, mas esta relação não é natural, ou seja, os laços de sangue não pressupõem parentalidade, já que esta última está muito mais atrelada ao vínculo emocional entre a pessoa que cuida e a que é cuidada. Assim, tanto a parentalidade quanto a filiação são construções relacionais não havendo qualquer naturalidade nisso. Aliás, este é um fato no mundo contemporâneo, já que, com as novas configurações familiares, é comum vermos a parentalidade sendo exercida por várias pessoas diferentes – por vários pais e mães (Garbar e Tehodore, 2000). Nesse sentido, Uziel (2002) comenta que o mais importante para a entidade família é a organização psíquica dos que cuidam da criança, ou seja, a possibilidade que estes têm de manter relações saudáveis entre si, algo que não é garantido pelos laços de sangue.

Em se tratando do cuidado parental, ou seja, do cuidado oferecido por pais (biológicos ou não) a seus filhos, é importante discriminar que uma criança possui necessidades específicas, dependendo do momento desenvolvimental em que se encontra.

Segundo Winnicott (1945/2000), um dos psicanalistas que mais se concentrou no cuidado materno-infantil, o bebê recém-nascido se encontra em um estado de não integração, por isso necessita, para sobreviver, de uma mãe que permaneça existindo no tempo e favoreça sua integração, algo que é expresso por ele na célebre frase: “Um bebê não existe sem uma mãe” (Winnicott, 1945/2000). Utilizando a metáfora de Diniz e Rocha (2006), o bebê precisa ver-se refletido neste momento na mãe espelho-mágico. É só neste

contexto afetivo intenso que poderá ocorrer o que Winnicott chama de *momento de ilusão*, essencial para o desenvolvimento do *self* e para o seu posterior ingresso no universo da cultura e da simbolização.

Nesta etapa, que Winnicott descreve como a *etapa de dependência absoluta*, todas as falhas ambientais (da mãe) não são sentidas como vindas de fora, mas como ameaças diretas à existência pessoal do bebê (Winnicott, 1956/2000).

Caso o bebê consiga continuar a ser, sem um excesso de intrusões ambientais, torna-se enriquecido pelas experiências com a mãe e rumo para uma maior integração, atingindo o período da *dependência relativa*. Neste momento está pronto para começar a conceber a mãe como um ser inteiro e separado dele. Inicia-se, então, o processo de desilusão, inaugurado pelo desmame. A base fundamental para que este processo ocorra sem grandes complicações diz respeito à vivência de um bom período de ilusão. Isso significa dizer que, se o mundo foi ao encontro da criança, agora esta pode ir ao encontro do mundo (Winnicott, 1965/1982).

Assim, para Winnicott (1965/1982), a existência de alguém que possa exercer a função materna (não necessariamente a mãe biológica) no início da vida do bebê é fundamental para que ocorra um desenvolvimento saudável. Nessa etapa evolutiva, a pessoa que irá assumir esta função deve ser capaz de: (1) existir e continuar existindo (cheira, respira, pulsa) mesmo após os ataques do bebê; (2) amar de um modo físico, proporcionando calor, contato corporal, movimento e quietude ao bebê; (3) auxiliar o bebê na transição entre o estado tranquilo e o de excitação, evitando surgir de repente com o alimento; (4) permitir que o bebê domine, estando disposta e de prontidão para atendê-lo; (5) introduzir, aos poucos, o mundo externo, particularmente na figura do pai; (6) proteger o bebê de sustos, tentando manter o clima físico e emocional simples para que o bebê o compreenda e rico o bastante para atender suas necessidades; (7) fornecer continuidade ao seu bebê; (8) não apressar seu desenvolvimento, acreditando que ele é um ser humano por direito próprio; (9) tolerar sua falta de integração e seu tênue sentimento de viver-dentro-do-corpo. Dentre todas as funções maternas, Winnicott parece privilegiar, sobretudo, a vivacidade da mãe e sua capacidade de existir por ela própria, chamando a atenção para as mães que se sentem absolutamente responsáveis pela vitalidade de seus filhos.

O aparecimento da figura paterna na vida do bebê depende sobremaneira do modo como a mãe faz, aos poucos, esta apresentação. Por isso, é indispensável que haja um pai

forte, amado e respeitado pela mãe. A pessoa que irá desempenhar a função paterna deve ser capaz de: (1) auxiliar a mãe a sentir-se bem e feliz, sendo um suporte para ela; (2) manter uma relação sexual estável e saudável com a mãe; (3) dar apoio à mãe, sendo uma autoridade que sustenta a lei e a ordem; (4) estar e continuar vivo durante os primeiros anos da criança; (5) servir de um modelo de identificação por causa da sua vitalidade e força. É importante destacar que estas funções não precisam ser desempenhadas, necessariamente, pela mulher (no caso da função materna) e pelo homem (no caso da função paterna). Ao contrário, elas parecem estar mais relacionadas à condição interna de cada genitor na assunção de sua função do que ao sexo biológico de cada um (Winnicott, 1965/1982).

Assim, apesar de Winnicott (1945/2000) estar tratando de uma família biológica heterossexual, considera-se que este mesmo modelo poderia ser útil na compreensão de como poderia ser o cuidado suficientemente bom oferecido por um casal homossexual a seu filho pequeno.

Tendo conquistada alguma segurança em termos de existência própria, a criança também necessitará de ajuda para aprender a lidar com suas paixões internas – basicamente com seu amor e seu ódio, sendo estes, conforme ensinou Freud (1920/1996), os dois instintos básicos que nos constituem do nascimento à morte. A criança terá, portanto, de aprender a dosar o seu amor, desenvolvendo sua capacidade de se preocupar com o bem-estar do objeto. Dito de outro modo, terá que ser ajudada no sentido de transformar sua libido narcísica em uma libido objetual, com capacidade para se vincular e para amar efetivamente o objeto, podendo desfrutar de uma relação prazerosa com ele. Estas não são tarefas que uma criança pode enfrentar sozinha, sem o auxílio de um casal parental forte, que logo irá se transformar em imagos parentais introjetadas (bons objetos) com as quais ela poderá contar pela vida afora. Para que os pais possam auxiliar a criança a transitar por este longo e delicado processo, é necessário que eles próprios tenham elaborado seu próprio narcisismo, podendo enxergar o filho como uma pessoa separada deles próprios e não como uma extensão narcísica de si mesmos.

Para Mc Dougall (1987), desde o início, bebês de ambos os sexos tecem fortes laços libidinais e sensuais com seus pais, desde que eles sejam ternos, sensuais e amorosos entre si. Desta forma, um pai ausente ou desinteressado pelo seu bebê, ou ainda, tratado pela mãe como inexistente, aceitando ele próprio essa exclusão, corre o risco de deixar que

seu filho preencha um papel difícil de ser ocupado, já que é construído a partir dos problemas inconscientes da mãe. Assim, se esta mãe considera o seu filho uma extensão narcísica sua, ou o adota como objeto de amor no lugar do pai, pode estar lançando bases sólidas para relações patológicas futuras. Mc Dougall (1987) reassegura que uma mulher pode perfeitamente cuidar de seu filho sozinha, desde que não veja nele um substituto para uma relação de amor adulto. Ela continua sua argumentação dizendo que, se a criança vê seus pais formando um casal amoroso, em que ambos se desejam sexualmente e se respeitam, ela tenderá a repetir tais atitudes na vida adulta, seguindo o modelo parental. Assim, a menina irá se identificar com sua mãe, como mãe e mulher no sentido sexual, podendo devanear com um homem, cujo modelo é assentado em seu próprio pai. Como a libido está associada ao desejo de viver, é tarefa primordial da mãe “seduzir” o bebê para que ele deseje viver. Em seguida, ajudando a compor a precoce estrutura psicosexual da menina, esta precisa ouvir de sua mãe que ela aprecia e respeita o pai e os homens em geral, bem como que aprecia sua vida sexual e social. É neste ponto que a menina integra sua vertente homossexual dirigida à mãe, podendo rumar em direção ao desejo por um homem. Uma menina a quem se diz coisas muito negativas sobre os homens como, por exemplo, que eles são pouco confiáveis e egoístas, terá muitas dificuldades para se separar de sua mãe e para gostar de alguém do sexo oposto.

Para que esse processo evolutivo se desenvolva rumo à heterossexualidade, os pais da criança devem ter conseguido realizar alguma elaboração de suas vivências edípicas. Ou seja, a mulher deve ter percorrido todo aquele trajeto intrapsíquico descrito por Klein (1975/1997): 1) abrir mão de seu prazer clitoriano (posição masculina) e rumar ao prazer vaginal (posição feminina); 2) ter atingido a posição depressiva por meio de um sucessivo apacramento das angústias persecutórias, pois é nesta posição que poderá “fazer as pazes, na medida do possível” com sua mãe interna, que a partir de agora se torna menos persecutória e mais integrada; 3) todas estas transformações intrapsíquicas devem culminar na possibilidade da mulher desejar o pênis (representante do pai), sem se sentir perseguida pela mãe e poder dar filhos a este, reassegurando-se de que seu mundo interno está intacto, apesar dos ataques realizados ao interior do corpo materno. Entretanto, para que tudo isso ocorra a contento, a menina necessitará transformar seus impulsos hostil, particularmente dirigidos ao seio e ao casal de pais, sobrepujando-os por impulsos amorosos, para que possa introjetar figuras parentais fortes e com as quais possa contar dentro de si. Trata-se,

portanto, como o próprio Freud (1920/1996) já havia sinalizado, de uma questão quantitativa e não qualitativa, ou seja, da possibilidade do indivíduo conter dentro de si seus impulsos destrutivos, relacionando-se com seus objetos internos de forma predominantemente amorosa, luta que não cessa nunca já que a pulsão de vida e morte está sempre atuando dentro de nós, fazendo com que matemos e recuperemos nossos bons objetos a vida toda. Neste caso, a patologia residia exatamente no predomínio de relações hostis com figuras internas, fazendo com que o sujeito tenha sérias dificuldades de atingir a posição depressiva, ou seja, de devolver ao casal de pais a capacidade criativa e o prazer, suportando a vivência da exclusão. Somados a questão pulsional, teremos também a interferência direta do ambiente, ou seja, da qualidade da relação que a mãe mantém com o seu bebê e da relação que ela própria mantém com o seu marido/pai da criança.

Neste caleidoscópio de variáveis, muitas coisas podem ocorrer, interferindo na possibilidade da mulher atingir sua condição genital adulta. O mesmo é válido para o homem, futuro pai. Em suma, a conflitiva edipiana do casal que deseja ter um filho, ou já o tem, é questão determinante no modo como este filho será posicionado na constelação familiar inconsciente.

Poder-se-ia argumentar que este mesmo raciocínio seria válido para casais homossexuais que desejam ou já tem um filho. Assim, o que iria determinar o lugar que este filho ocupará no universo inconsciente destes pais estaria relacionado, em última instância, às suas conflitivas edipianas. O problema é que, conforme descreve a literatura a esse respeito, os homossexuais, de uma forma ou de outra, encontram na homossexualidade as defesas contra as suas próprias vivências edípicas. É nesta linha de argumentação que psicanalistas como Dor (1991) e Legendre (2004) afirmam que pais homossexuais teriam muitas dificuldades no sentido de auxiliar a criança a lidar com suas próprias questões edipianas.

Mas, retomando o que disse Mc Dougall (1987) sobre uma mulher sozinha com seu filho, seria possível considerar também que um casal homossexual que não faz da criança uma extensão narcísica deles próprios, poderia exercer o cuidado parental de forma positiva. Ou seja, se este casal consegue se mostrar à criança como um casal fértil do ponto de vista mental, usufruindo de forma não culposa de sua vida sexual e sensual, esta criança, liberada de ocupar o lugar do desejo dos pais, poderia trilhar seu desenvolvimento, contando somente com as dificuldades que qualquer ser humano enfrenta no sentido de

“abandonar” sua condição animal e se humanizar. Assim, seria impreciso dizer que um casal heterossexual oferece menos riscos ao desenvolvimento psíquico de uma criança do que um homossexual, pois sabemos quão tóxica pode ser uma mãe que, tal qual a sereia, seduz o seu filho ou filha a viver aprisionado eternamente em seu canto cheio de “melodias”. Novamente, trata-se mais de uma questão quantitativa do que qualitativa, ou seja, dependerá muito da forma como cada casal lidará com seus impulsos hostis e ataques aos pais internos, seja ele hetero ou homossexual.

Contudo, a literatura, dentre elas a psicanalítica, vem romantizando ou simplificando em demasia este novo cenário familiar – o homoparental, provavelmente mobilizada pelos movimentos barulhentos de reivindicação dos direitos homossexuais, que provoca certo temor de pensar com liberdade sobre tal temática.

Mas, se ao invés do recuo diante do temor de pisar em “terreno proibido”, nos lançarmos na investigação sobre o cuidado oferecido por um casal homossexual a seus filhos, estaremos ajudando estes casais a, inclusive, pensar com mais liberdade sobre si mesmos. Com isso, também poderemos oferecer contribuições importantes àqueles que trabalham com as questões ligadas à homoparentalidade, sejam eles, operadores do direito, psicólogos que atuam nas Varas da Infância e Adolescência bem como psicólogos clínicos e psicanalistas que tem se ocupado cada vez mais em seus consultórios destas novas configurações familiares. Gostaria, então, a partir de agora, de investir neste objetivo, buscando compreender como se processa o cuidado parental oferecido por casais homoafetivos femininos, considerando que suas dinâmicas inconscientes bem como as angústias correspondentes diferem em relação aos homens homossexuais.

Mc Dougall (1987) afirma que o cuidado parental comum apresenta as seguintes características: 1) a mãe investe libidinalmente o corpo da criança, independente do sexo, tornando este corpo erógeno e desejável; 2) a mãe apresenta o seu parceiro como alguém que ela própria deseja e admira, com quem mantém relações sexuais prazerosas; 3) a mãe serve como figura de identificação no caso das meninas e como objeto de desejo no caso dos meninos, embora meninas também desejem sexualmente suas mães e meninos se identifiquem com elas; 4) a mãe será responsável por apresentar a figura do homem como alguém desejável ou detestável e descartável.

Com relação ao primeiro aspecto levantado por Mc Dougall (1987), que trata da mãe que investe libidinalmente o corpo de seu filho biológico, ao menos teoricamente ele

também poderia ser encontrado no caso de duas mulheres que são ou pretendem ser mães. Mas, para que a mulher possa realizar tal investimento, ela própria deve ter livre trânsito em relação à sua sexualidade, sentindo-se capaz de amar o seu filho como uma linda criação sua (Winnicott, 1956/2000). Mc Dougall considera, nesse sentido, que a libido homossexual feminina de todas as mulheres, não só das que possuem uma homossexualidade manifesta, é acionada intensamente quando uma mulher tem um filho:

Acredito que as nossas relações com os nossos filhos pequenos oferecem um inestimável tesouro de riquezas homossexuais. Posso ainda lembrar meu irresistível prazer ao dar à luz um menino e o sentimento de que seu pênis também era meu. Recordo muito bem o meu desejo narcísico, dois anos após o nascimento de minha filha, de que ela realizasse tudo aquilo em que eu tinha fracassado. (p.115)

Seria a libido narcísica da mulher que detêm uma homossexualidade manifesta investida de modo mais intenso em seu filho? Teria ela mais dificuldade do que uma mulher heterossexual em romper, aos poucos, esta intensa ligação narcísica com seu bebê, por ela própria estar implicada numa escolha de objeto narcísica, tal como Freud (1914/1996) já havia mostrado? E como mulheres homossexuais apresentam a seus filhos a figura masculina? Todas estas questões ainda não foram respondidas a contento pela literatura psicanalítica por se tratar de uma modalidade familiar recente e ainda pouco estudada, o que justifica a importância do presente estudo.

Retomando a fala de Mc Dougall (1987) a respeito de seus próprios filhos, em algum momento ela necessitou, a despeito de sua intensa realização ao sentir o pênis do filho como seu ou diante do desejo de que sua filha realizasse todos os seus sonhos frustrados, dar-se conta de que eles eram pessoas com desejos e vontades próprias. Dito de outro modo, ela poderia desejar muitíssimo que sua filha fosse uma exímia bailarina, mas ela poderia gostar de lutar boxe, frustração que a mãe deveria estar preparada para suportar. Há neste sentido uma linha tênue que se estabelece aqui entre o fato da mãe sentir o seu filho como uma criação sua (logo uma criação narcísica) e como uma pessoa com ritmo e gestos próprios, tal como afirma Winnicott (1956/2000). Mas, para que ela possa deixar o seu filho crescer e desvencilhar-se do seu “canto da sereia”, ela necessita ter também uma vida própria, para poder suportar a dor narcísica ativada pela separação e isso pode valer para mães heterossexuais e homossexuais.

Isso nos faz chegar ao segundo ponto enfatizado por Mc Dougall (1987) – a possibilidade de a mãe apresentar o seu parceiro como uma pessoa desejável, com o qual mantém relações sexuais prazerosas. Dito de outro modo, que esta mãe não se sinta profundamente culpada por fechar a porta do seu quarto para usufruir de uma relação sexual prazerosa com seu parceiro, mesmo intuindo sobre as turbulências que a vivência da exclusão acarretará em seu filho, já que ela própria fora no passado esta criança excluída. Assim, para que a mulher possa usufruir desta relação sem culpas persecutórias, ela precisa ter tolerado, de alguma forma, estar no lugar da criança excluída, mera expectadora da relação prazerosa de seus próprios pais, ou seja, ela necessita ter transitado pelo que Meltzer (1971) denominou o umbral da posição depressiva. Se, de alguma forma, ela não pôde elaborar esta ferida narcísica, terá muita dificuldade, como adulta, de suportar a exclusão de seu filho sem se sentir acossada por suas culpas inconscientes. Segundo Meltzer, se esta exclusão não é suportada, o indivíduo terá muita dificuldade de lidar com o mistério (que remeteria à cena edípica), necessitando estar presente e invadindo o tempo todo o interior das pessoas e das coisas. Novamente a questão está centralizada nas vivências edípicas e aqui cabe mais uma vez a questão: como um casal homossexual vivenciará este momento? Terão dificuldades, assim como muitos heterossexuais, de usufruir de uma relação sexual prazerosa, num momento a dois, suportando (e ajudando a metabolizar) as turbulências emocionais provocadas no filho e neles próprios? No caso de duas mulheres homossexuais, conseguirão elas usufruir de uma relação sexual sem se deixar invadir por culpas persecutórias? E mais: como a mãe apresentará a parceira ao filho ou à filha? Estará a parceira colocada no lugar de objeto de desejo da mãe? Ou então, é o filho ou a filha que ocupará este lugar?

Outra questão que decorre diretamente deste segundo aspecto suscitado por Mc Dougall (1987) diz respeito ao pai biológico da criança, pois, no caso de duas mulheres homossexuais, ainda é um fato inexorável que elas necessitam de um homem, ou melhor, do sêmen deste, para que o óvulo seja fecundado. Dito de outro modo, independente do modo como elas irão conseguir ter um filho, terão necessariamente que depender de um terceiro para que este desejo seja realizado e este luto precisa, de alguma forma, ser elaborado. Então, o que importa nestes casos é como o casal homossexual apresentará a figura deste terceiro (pai biológico, doador do sêmen, família biológica) à criança. Ou ainda, como estas duas mulheres irão apresentar à filha ou ao filho a figura de um homem?

Será ele apresentado como uma figura necessária e fundamental para a constituição psíquica da criança? Ou será denegrido, negado e/ou sentido como alguém persecutório?

Muitas questões estão implicadas aqui, pois, como se sabe, a criança necessita sentir que foi gerada no interior de uma relação amorosa entre duas pessoas. Sabe-se também que estes registros inconscientes permanecem ativos durante toda a vida, fazendo com que a criança se sinta incluída (ou excluída) de um mundo simbólico e afetivo. Ainda, mesmo que uma criança nunca tenha tido contato com o pai, segundo o que ensina a Psicanálise, a figura dele fará parte dos registros inconscientes dela, registros estes necessários para o seu enlaçamento simbólico. Assim, a despeito de todo avanço tecnológico e social que a que se assiste hoje, ainda é um fato inexorável a necessidade que tem um ser humano, para se tornar ser social, saber que foi gerado a partir de uma relação amorosa (que é muito diferente de uma relação sexual tida como forma de evacuação de conteúdos mentais não metabolizados), sentindo-se desejado por ambos os pais, que o ajudarão nesta difícil empreitada que é se tornar humano. Ou seja, a exclusão da figura do pai ou da mãe neste cenário de profundas transformações sociais não se faz sem consequências para todos os envolvidos.

Retomando, então, o segundo ponto levantado por Mc Dougall (1987), seriam dois os parceiros que a mãe homossexual deve apresentar ao seu filho: 1) a sua parceira amorosa, advinda de sua relação atual, com a qual constitui uma família; 2) o pai biológico de seu filho, com a qual também necessitará formar uma parceria amorosa (no sentido simbólico) para que a criança se sinta amada e amparada por um casal (pai e mãe) que a gerou num ato de amor.

A terceira questão levantada por Mc Dougall (1987) – a de que a mãe servirá como modelo de identificação e também será objeto sexual, tanto para seu filho quanto para sua filha – remete novamente a questões edípicas que já foram mencionadas acima. Aqui vale a pena destacar um dos grandes mitos que envolvem a família homossexual: o de que filhos de homossexuais também serão homossexuais. Pode-se responder que isso pode ocorrer ou não, pois como Freud (1905/1996) já sinalizou, as tramas inconscientes envolvidas na problemática edipiana de um sujeito são quase imprevisíveis, pelo menos *a priori*. Tudo irá depender do quanto a dupla mãe homossexual – filho conseguirá ou não se desvencilhar da relação narcísica primordial. Para que isso ocorra, e isso deve partir da mãe, esta deverá conseguir investir sua libido em outros objetos adultos, que não a sua

criança, por exemplo, sua parceira, seu trabalho ou qualquer outra coisa que ela ame e que sirva de interdito entre ela e seu filho. Enfim, esta mulher necessitará encontrar outras fontes de prazer e de satisfação além de ser mãe. Obviamente, se isso não ocorrer, muitas coisas poderão acontecer e somente uma delas é a criança se tornar um adulto homossexual porque, como lembrou Mc Dougall, a criança naturalmente deseja sua mãe como objeto sexual (meninos e meninas) e caberá a ela dosar esta relação não (super) estimulando-a sensualmente. Para isso, novamente, esta mulher deverá estar vinculada sexual e amorosamente a objetos adultos. A mãe também servirá como modelo identificatório, particularmente para a menina, com a qual esta aprenderá a amar (ou a odiar) um homem. Desta forma, como já foi dito anteriormente, se a mulher homossexual nutrir um ódio intenso pela figura masculina, que pode ser seu próprio pai, seu ex-marido ou todos os homens do mundo, essa mensagem será transmitida à sua filha que, é provável, terá dificuldade de encontrar num homem sua parceria amorosa. No caso do menino, se esta mãe homossexual nutrir profundo ódio pela figura masculina, o menino poderá sentir que ser homem não é algo bom e desejar, por exemplo, ser uma mulher para agradá-la. Estas são algumas das inúmeras consequências que o ódio intenso de uma mulher homossexual pelos homens pode trazer ao seu filho.

O quarto aspecto – a mãe será responsável por apresentar a figura do pai como alguém desejável ou detestável – já foi discutido acima e será retomado com mais ênfase na discussão do material clínico.

De qualquer forma, é importante ressaltar que grande parte dos estudos sobre famílias homoparentais que vêm sendo produzidos na atualidade sublinham os aspectos sociais e políticos desta nova configuração, enfocando particularmente o fato de que todos os casais homossexuais devem ter direito de realizar o sonho de se tornarem pais e mãe. Portanto, deve-se investir em estudos que enfatizem, de forma profunda, as dinâmicas e dificuldades que os casais homossexuais encontram na formação de uma família, no intuito de fornecer-lhes ajuda, caso seja necessário, uma vez que essa configuração familiar tem conquistado cada vez maior legitimidade social. Enfim, independente da posição ideológica que se adote, o arranjo familiar homoparental é uma realidade no mundo contemporâneo e é dever da ciência buscar compreendê-lo.

2. OBJETIVOS

Tendo em vista a necessidade de conhecer em maior profundidade a realidade das famílias homoparentais, o presente estudo teve como propósito compreender, a partir do referencial teórico psicanalítico, o psicodinamismo de três famílias homoparentais femininas. O estudo em questão é relevante do ponto de vista social porque as famílias homoparentais são temática recorrente no cenário político, social e cultural atual e há ainda poucos estudos psicanalíticos que enfoquem a psicodinâmica dos indivíduos que as constituem.

3. MÉTODO

3.1 O referencial psicanalítico

Toda pesquisa científica, para ser realizada, necessita de dois ancoramentos fundamentais: uma teoria como base e um método como procedimento (Pinto, 2004; Rey, 1998). O método, longe de ser uma forma natural de conhecer o objeto de estudo, configura uma determinada concepção da realidade, da qual se partirá para conhecer o objeto de investigação.

No caso da pesquisa em Psicanálise, o que há é uma virada paradigmática na compreensão de fazer ciência. Assim, se na ciência positivista o anseio do pesquisador era por conhecer de forma neutra um objeto que já estava dado e esperava por ser “descoberto”, a Psicanálise inaugura outro paradigma, fundado na ideia de que neste processo de pesquisar, o analista não é neutro, mas, implica seu inconsciente em sua percepção do fenômeno a ser investigado. A ideia de neutralidade científica, tão cara à ciência positivista, ruía a partir de então, dando lugar a uma noção de ciência mais compartilhada, menos dominada pelo pesquisador (agora não tão dono de sua consciência e de sua racionalidade). A partir deste movimento, muito tem sido discutido sobre a cientificidade da Psicanálise, que extrapola e vira do avesso a concepção de ciência que vinha sendo compartilhada até então (Herman & Lowenkron, 2004).

Nogueira (2004) fala que a Psicanálise, neste sentido, traz algo original e nunca pensado, já que a formação tradicional de fazer ciência focalizara até aquele período a consciência e o conhecimento objetivo das coisas. Segundo ele, quando Freud (1912/1996) convidava suas pacientes a associarem livremente, estava trazendo outra concepção, totalmente nova de investigação, agora constituída por dois seres falantes e dotados, ambos, de inconscientes. Nogueira continua e afirma que nesta nova forma de fazer ciência, a experiência vivenciada por estes dois inconscientes não é possível de ser revivida e retomada pelo relato, por se constituir em uma experiência ímpar e única àquela dupla. Portanto, o que é possível depois é a transmissão de tais vivências, resguardando-se as limitações desta narrativa, já que o que fora vivido pelo par jamais será posto totalmente

em palavras. Apesar de tais limitações, esta transmissão é, segundo ele, a única forma que temos de nos aproximar do inconsciente.

Mas de acordo com Politzer (1982), o percurso científico freudiano não foi linear já que, em alguns momentos, ele se aproximava de um modelo de ciência mais relacional, menos cartesiano e, em outros, ainda se ancorava na ideia de um sujeito observador neutro estudando o seu objeto, no caso, o paciente. Tal aproximação com o modelo positivista de ciência podia ser vista ainda nas formulações freudianas em conceitos bastante próximos de modelos físicos e mecânicos, tais como pulsão, impulso e aparelho mental. Assim, apesar de reconhecer que o contato com o paciente gerava no médico inúmeros sentimentos chamados contratransferenciais, tais reações ainda eram vistas por ele como entraves ao tratamento, devendo ser, portanto, dominadas e controladas (Freud, 1910/1996). Vale ressaltar que foi somente com Paula Heimann (1950/1995) e Racker (1953/1982) que a contratransferência ganhou novos contornos, passando a ser compreendida como um facilitador da compreensão do inconsciente do analisando.

Longe da clínica, a Psicanálise tinha um grande desafio a enfrentar: descrever em termos gerais todos os mecanismos mentais que passava a conhecer, ao vivo, em seus pacientes. A partir deste momento, em que passou a buscar aquilo que constituía a natureza singular do inconsciente, é que a Psicanálise foi se desviando, segundo Politzer (1982), de sua verdadeira revolução científica e aproximando-se cada vez mais da mesma ciência positivista e cartesiana, ancorada na ideia de um sujeito que estuda o seu objeto.

Assim, se por um lado a Psicanálise freudiana contribuiu para revolucionar os pressupostos metodológicos das ciências humanas, por outro, conforme discutiu extensamente Politzer (1982), ela não conseguiu, através de suas teorizações, expressar a mesma riqueza e complexidade vivenciada nos encontros analíticos entre as mentes do analista e do analisando. Tais limitações apresentadas pela metapsicologia freudiana não culminaram numa diminuição do valor de suas contribuições, que revolucionaram o pensamento moderno, mas devem ser compreendidas como dificuldades inerentes ao próprio encontro emocional que se dá entre paciente e analista, algo difícil (ou quase impossível) de ser transmitido em palavras.

É por isso que Rezende (2000) situa a Psicanálise como uma ciência paradoxal e pós-paradigmática, já que esta propõe um questionamento do método e do estatuto científico das ciências teórico-experimentais. Assim, enquanto esta última exige uma

exatidão e univocidade de significados, a Psicanálise trabalha com o que ele chama de uma lógica-simbólica-relativa, que aponta para uma pluralidade de significados e possibilidades de interpretação, já que seu objeto de estudo se abre para um horizonte de incertezas e de não exatidão porque o seu objeto escapa ao domínio sensorial. Desta forma, a Psicanálise, ao contrário de outras ciências, não busca manipular e delimitar seu objeto de estudo, mas está implicada com a expansão do universo mental, ou, com a expansão do pensamento, na medida em que trabalha com objetos sem limites definidos. Vale ressaltar que Rezende ancora tais compreensões no pensamento bioniano, psicanalista pós-freudiano que problematiza o objeto de investigação da Psicanálise, expandindo a compreensão do que é fazer ciência neste campo.

Segundo Rezende (2000), o conceito bioniano mais fértil para o campo das ciências diz respeito à capacidade negativa, noção que aponta para a impossibilidade de conhecer o objeto da Psicanálise (mente, alma, psiquismo, etc) de forma direta. Fazendo alusão ao conceito kantiano de coisa em si, Bion (1973) afirma que a mente humana (coisa em si), não é passível de ser apreendida por outra mente de forma direta, mas só seria apreendida pelo intelecto a partir das manifestações fenomênicas desta mente. É exatamente por isso que Bion não concebe a possibilidade de formular teorias explicativas neste campo. Para ele, todas as teorias explicativas deveriam ser vistas como provisórias e errantes. Em última instância, a capacidade analítica residiria exatamente na possibilidade do analista tolerar permanecer no desconhecido e no não saber, até que algum sentido (provisório) possa surgir. Ou seja, trata-se da possibilidade do mesmo usar teorias psicanalíticas sem se escravizar a elas, conservando sua liberdade de pensamento.

Esta discussão a respeito do objeto psicanalítico proposta por Bion (1973) pode parecer distanciada das questões pertinentes ao meio acadêmico e, portanto, ao tipo de estudo empreendido neste trabalho, mas não é. Quando a Psicanálise e a academia começaram a dialogar, diálogo este que se iniciou com Freud (1918/1996), com seus intentos de que a academia reconhecesse a Psicanálise como ciência, uma questão imperiosa foi colocada: é possível utilizar a teoria e o método psicanalítico fora de uma sala de análise? Se sim, como dar um caráter de cientificidade a conceitos tão subjetivos e aparentemente impalpáveis como mente, fantasias ou desejos inconscientes? E mais, como manejar tais conceitos sem recorrer aos velhos modelos metodológicos embasados num paradigma cartesiano de relação sujeito-objeto? Todas estas questões vêm sendo postas

desde que esta parceria entre a Psicanálise e a Universidade foi estabelecida, embora estejam longe de serem resolvidas inteiramente.

Em linhas gerais, é possível delinear duas grandes vertentes metodológicas que utilizam a Psicanálise no campo científico. A primeira delas faz uso da teoria psicanalítica, embora se ancore em modelos metodológicos mais tradicionais e positivistas. Neste caso, tais pesquisas, apesar de discutirem seus achados pelo vértice psicanalítico, optam por utilizar métodos e instrumentos mais objetivos, como escalas, questionários e testes psicológicos. A segunda vertente utiliza a Psicanálise tanto em seus aspectos teóricos, mas, principalmente, como método científico e rejeita a premissa de que o método psicanalítico só pode ser utilizado no *setting* analítico (Tachibana, 2008). A presente pesquisa se situa nesta segunda vertente, pois considera que o próprio ato de investigar o psicodinamismo dos participantes altera pesquisador e pesquisado, concepção inerente ao método de investigação psicanalítico.

Nogueira (2004), um dos representantes do primeiro grupo, defende que é importante haver uma diferenciação entre pesquisa em Psicanálise e o que ele chama de pesquisa experimental que utiliza a Psicanálise. Assim, segundo ele, se tormarmos a teoria psicanalítica e a aplicarmos fora do *setting* analítico, não estaremos fazendo pesquisa em Psicanálise, mas sim pesquisa experimental e corremos o risco de transformar esta ciência em ideologia, algo que pode ser feito, mas com algum cuidado. Afirma, nesse sentido, que a academia tem visto uma possibilidade de diálogo interessante com a Psicanálise, por exemplo, através do uso de instrumentos projetivos, fora da relação analítica, e que esta é uma possibilidade de pesquisa, mas que é importante diferenciar que isto não é investigação psicanalítica. É pesquisa aplicada que utiliza a Psicanálise como proposta teórica.

Ainda nesse sentido, Migliavacca (2001), discutindo a relação entre Universidade e Psicanálise, declara que, quando se trata de pesquisas não clínicas que utilizam somente a teoria psicanalítica, os dilemas a serem enfrentados não são tantos, embora alguma discussão metodológica deva também ser feita nesse sentido. Relembra que a Psicanálise, como método de investigação e de tratamento da mente humana, é jovem, datando de cem anos, e que, apesar de Freud (1918/1996) sempre ter desejado alcançar o reconhecimento científico da Psicanálise através da aproximação com as Universidades, tal relação não foi e não é naturalmente atingida. Segundo ela, a identidade formadora de um psicanalista não

se dá na prática acadêmica, mas na investigação de sua própria mente, ou seja, na sua análise pessoal. Por outro lado, a Universidade pode se beneficiar muito desta parceria, pois, como já foi discutido, a Psicanálise oferece contribuições valiosas no sentido de problematizar a neutralidade das ciências humanas. Porém, relembra ser importante resguardar desta parceria as especificidades tanto da prática de um psicanalista em seu consultório, como da prática de um pesquisador na Universidade.

Representando a segunda corrente deste campo de discussões, Herman (1993) argumenta que o objeto psicanalítico e o método psicanalítico são faces da mesma moeda já que o inconsciente (objeto) só ganha visibilidade através da interpretação (método) sendo, portanto, impossível dissociar a teoria do método. Entretanto, afirma que também é importante diferenciar a pesquisa psicanalítica de uma análise, pois a primeira deve ser cumulativa enquanto a segunda não. Assim, para ele, o método psicanalítico é possível de ser aplicado em qualquer relação humana desde que faça brotar deste olhar as estruturas profundas que as determinam. Dito de outro modo, o método psicanalítico deve desconstruir o modo consensual de compreender estas relações para que o que está oculto possa brotar. Este seria o verdadeiro sentido de uma pesquisa psicanalítica na sua visão: fazer com que o sentido psicanalítico e o olhar original possam surgir.

Ainda nesse sentido, Herman (1993) critica a ideia de que haveria a possibilidade de captação do inconsciente “puro”, seja através de uma análise ou de uma pesquisa psicanalítica porque este conceito, segundo ele, não existe. Assim, seria impensável conceber o inconsciente sem a existência do método psicanalítico, já que é este que revela e constrói o mesmo. A partir daí, Herman propõe o conceito de inconsciente relativo, que seria o único passível de captação porque é gerado exatamente pelo “campo” que se cria entre o pesquisador e seu objeto de estudo. A ideia de um inconsciente relativo estaria assentada, para ele, na concepção de que cada relação humana evidencia diferentes estruturas em termos de profundidade, sendo inviável (e utópica) a apreensão da entidade Inconsciente. Tal premissa reconfigura, em grande parte, a forma de se compreender uma entrevista psicanalítica, por exemplo, pois a mesma pode ser significada como um modo de “retirar” informações que o próprio paciente não tem sobre ele mesmo ou, seguindo as ideias de Hermann (1993), a entrevista psicanalítica pode ser compreendida como a criação de um “campo relacional” em que tudo o que irá se fazer, pensar ou falar dependerá do próprio campo. No primeiro caso, faria sentido a necessidade de uma devolutiva, já que

nisso estaria contida a ideia de que o pesquisador “retirou” algo do paciente que precisa ser “devolvido” a ele. No segundo caso, não há nada para ser devolvido, pois tudo o que se construiu ali dependeu daquela dupla, havendo modificações e reconfigurações em ambos os participantes, apesar do processo ter sido vivido de forma assimétrica e diferenciada para ambos. Ou seja, numa proposta de investigação psicanalítica concebe-se que o entrevistador terá acesso ao inconsciente relativo do participante, que irá “surgir” estimulado por aquela relação específica que se cria entre aquela dupla, naquele contexto. Por isso, será a postura analítica do pesquisador, que se diferencia de qualquer outra relação cotidiana da vida do participante/paciente, que permitirá que se iluminem aspectos do inconsciente relativo (e relacional) surgidos ali. Hermann (1993) exemplifica este fenômeno utilizando a Física, pois já se sabe que um átomo se comporta de modo inteiramente diverso quando não há um observador na sala e quando há. Ou seja, da mesma forma que ocorre na Física com o átomo, a presença do observador/analista fará ativar movimentações inconscientes que sem a sua presença não seriam ativadas.

Ainda em acordo com o que discute Hermann (1993), a realização de uma pesquisa em Psicanálise parte da premissa de que o pesquisador concebe a existência de um sujeito dividido, ele próprio e seu “objeto de investigação”, premissa que reconfigura toda a forma de fazer ciência “tradicional”. No jeito “tradicional” de pesquisar é possível prever, desde o início do processo, quais os passos metodológicos que o pesquisador irá aplicar, de modo a fazer com que ele chegue a resultados fidedignos e confiáveis. Mas, no caso de uma pesquisa em Psicanálise, cujo objeto de estudo é prioritariamente o psiquismo humano, não é possível lançar mão de tamanha exatidão e previsibilidade nem em relação ao percurso metodológico e, muito menos, em relação aos resultados “atingidos”.

Nesse sentido, Figueiredo (2006) assegura que a relação sujeito e objeto em uma pesquisa, tal como concebida nas ciências naturais e nas ciências sociais ou humanas, implica um sujeito ativo debruçado metodicamente sobre seu objeto, munido de conceitos, instrumentos e técnicas de descoberta e verificação – ou refutação – de suas hipóteses, algo que não é possível de ser mantido na relação do psicanalista com seus “objetos de estudo” e suas teorias. Nesse caso, a entrega do “pesquisador” ao “objeto”, o deixar-se fazer por ele, faz da “pesquisa” a história de uma relação que modifica a ambos, assim como ao método, desde o momento em que a “pesquisa” se inicia. Ainda segundo Figueiredo, pelo fato de a Psicanálise lidar com forças psíquicas menos “civilizadas”, as mudanças

ocorridas no pesquisador/analista, no seu “objeto” e nos meios de investigação são inevitáveis, fazendo com que estes três aspectos percam sua identidade monolítica e ingressem no universo do paradoxo, sendo descobertos e inventados simultaneamente. Fazendo a contraposição do método psicanalítico com a pesquisa tradicional, Figueiredo questiona se o primeiro deveria ser chamado de pesquisa, já que esta comporta uma necessidade de subordinação a demonstrações, verificações e refutação de hipóteses, todas elas atividades que contrariam as aspirações por descoberta e invenção. Termina questionando se a noção de “método” é a que mais se afina com a mútua constituição e transformação de objeto, sujeito e meios que a Psicanálise propõe em sua essência.

Portanto, conclui-se que, em uma pesquisa em Psicanálise, os passos metodológicos não são passíveis de serem previstos desde o desenho inicial da pesquisa, já que este deve ir se modificando de acordo com a realidade. Tal conformação metodológica, muito diferente daquelas propostas por um modelo de pesquisa quantitativa, faz surgir discussões importantes sobre a viabilidade de fazer ciência com o método psicanalítico.

Assim, em uma pesquisa científica qualitativa que utiliza o método psicanalítico, como é o caso do presente estudo, a questão referente à flexibilidade do método vem sendo considerada como algo inerente ao seu objeto de estudo, ou seja, a subjetividade. Nesse sentido, Conde (1995a) argumenta que a pesquisa qualitativa, por ter como objetivo interrogar a subjetividade, deve priorizar instrumentos abertos e múltiplos, já que se considera que a melhor forma de atingir uma visão mais completa da pessoa é através da liberdade de expressão. Além disso, segundo ele, o fato de empregar métodos mais indutivos faz com que este tipo de pesquisa esteja aberto para o novo e o inesperado, percepções que seriam suficientes para que o método fosse flexibilizado. No campo da pesquisa psicanalítica, a mesma discussão é feita no sentido de compreender que a flexibilidade do método é inerente à concepção de homem sobre a qual a Psicanálise se assenta.

Sobre isso, Herman (1993) diz que o *setting* de investigação da pesquisa psicanalítica deve ser compreendido como uma moldura (método) que não deve se sobrepor ao quadro (sujeito). Nesse sentido, o autor critica muitas pesquisas psicanalíticas que ficam mais apegadas às teorias e aos métodos do que ao material empírico que a realidade investigada apresenta. Com isso, surge uma pesquisa falaciosa já que o pesquisador passa a enquadrar os seus dados na teoria e no método “escolhido” *a priori* e,

assim, nada de novo e criativo é produzido em termos de compreensão do que é verdadeiramente humano. Para escapar a esta restrição e não incorrer no erro de que o método determine o tipo de dado que se vai obter, é importante que o método se ajuste ao sujeito, e não o contrário, e que seja apropriado por ele. Ainda nesse sentido, Ferro (1998) argumenta que um dos aspectos de relevância no *setting* diz respeito à condição mental do analista, algo que seria como um *setting* interno mantido através de uma sustentação mental do mesmo e que não depende diretamente do *setting* formal.

Nesse âmbito, o autor que mais propôs modificações no *setting* analítico sem acreditar que estas prejudicariam o processo terapêutico/investigativo foi Winnicott (1965/1994) em suas consultas terapêuticas. No exercício da pediatria e da psiquiatria infantil, Winnicott, atendendo um grande número de casos diários, notou que muitas crianças sonhavam com ele no dia anterior à consulta, o que o levou a concluir que já havia nestas crianças um preparo imaginativo intenso ligado a figuras cuidadoras, tais como médicos, psiquiatras e dentistas. Diante disso, ele passou a adaptar este encontro, de modo a possibilitar uma colheita nova e breve da história por meio do contato com o paciente, levando-o a conhecer os aspectos vitais envolvidos no seu processo de adoecimento. Nestas consultas, ao contrário de um processo analítico, Winnicott não utilizava e nem partia de procedimentos técnicos estanques. Ou seja, a modalidade de intervenção ia se configurando mediante o processo comunicativo entre analista e paciente e não *a priori*. Para ele, a aplicação cega de um procedimento e de uma técnica não auxilia o paciente, pois é inadequada às suas necessidades, já que é estabelecida longe dele, sem contar com sua realidade objetiva e subjetiva. Ressalta-se, nesse sentido, que Winnicott flexibilizava sua técnica por estar muito seguro de sua teoria, particularmente a do amadurecimento emocional primitivo, ou seja, não era um fazer cego ou sem propósito, mas ao contrário, fazia parte de sua técnica a flexibilidade e adaptação às necessidades de cada paciente. Tais alterações no *setting*, para ele, não inviabilizavam o processo, mas serviam ao propósito de oferecer ao paciente um ambiente mais próximo de suas necessidades reais e emocionais. Considera-se, portanto, que numa pesquisa psicanalítica o mesmo espírito investigativo e flexível deve ser mantido pelo pesquisador em relação à aplicação de sua proposta metodológica inicial, desde que tais ações sejam pautadas numa reflexão ativa do pesquisador, que poderá compreender com tais modificações do *setting* como

comunicações valiosas a serem compreendidas e não como impedimentos à realização de sua investigação.

Outra questão complexa referente à modalidade de pesquisa em Psicanálise diz respeito às possibilidades que este tipo de pesquisa apresenta em relação à generalização dos dados obtidos, já que normalmente se parte da análise de um ou de um número reduzido de casos. Mezan (2004), refletindo sobre o que significa pesquisar em Psicanálise, argumenta que toda investigação psicanalítica parte de hipóteses que, por sua vez, estão assentadas em teorias já formuladas. Nesse sentido, nenhum analista parte para sua investigação como uma “página em branco”, caso contrário, não poderia focalizar o seu olhar para o que define a especificidade de seu objeto de estudo. Nesse sentido, a teoria teria a função de vincular a singularidade à universalidade dos mecanismos psíquicos num processo de constante retroalimentação, já que a própria teoria também será modificada, ampliada ou rejeitada em função da realidade apreendida. Nesse sentido, mesmo o estudo de um único caso abarcaria a possibilidade de generalização, já que o particular sempre estaria dialogando dialeticamente com o universal e vice-versa. Segundo Mezan, era exatamente esta compreensão de ciência que estava implícita no modo de Freud propor seus achados, já que ele elaborava suas hipóteses sobre o psiquismo nutrindo-se, prioritariamente, do dado clínico e sentia-se absolutamente livre para fazer reformulações e rearranjos em suas hipóteses quando a realidade não as sustentava mais, o que fazia dele um pesquisador no sentido nato da palavra. Assim, estas “teorias portáteis”, que ele e muitos outros depois ofereceram, devem permanecer vivas, apesar de, ao mesmo tempo, possibilitarem a todo pesquisador em Psicanálise uma espécie de cumulatividade teórica e, portanto, algum nível de generalização.

Nesse sentido, a diferenciação proposta por Stake (2000) acerca das modalidades de estudo de caso *intrínseco*, em que o interesse do pesquisador é por um único caso, não havendo o objetivo de construir alguma formulação teórica, o *instrumental*, em que o pesquisador tem a intenção de compreender algum conceito a partir dele, e o *coletivo*, em que o pesquisador busca ampliar ou contestar uma generalização, deixa de ser marcante. Baseando-se no que foi dito anteriormente, mesmo na modalidade de estudo de caso intrínseco, algum tipo de generalização é inevitável já que qualquer contato com a realidade modifica, enriquece e transforma o olhar que o pesquisador terá sobre as teorias e sobre fenômenos semelhantes àquele. Ainda, pode-se argumentar que mesmo numa

modalidade de estudo de caso coletivo alguma compreensão sobre a singularidade será alcançada já que um número maior de dados inevitavelmente lança novas luzes sobre o singular.

Diante das considerações expostas acima sobre a pesquisa em Psicanálise e as invariantes que a compõem (atenção às comunicações inconscientes entre terapeuta/pesquisador e paciente e inviabilidade de manter um método positivo, cujo mote é marcado pela neutralidade), será dada atenção agora à descrição das famílias participantes e, em seguida, à descrição dos instrumentos e procedimentos que foram *previstos* para a coleta dos dados deste estudo, mas nem sempre utilizados em sua totalidade. Em acordo com o que ressaltou Figueiredo (2006), a utilização dos mesmos esteve aqui contingenciada às demandas e necessidades reais das participantes, conforme apreendidas pela pesquisadora durante a coleta, sofrendo, portanto, modificações ao longo desse processo.

3.2 As famílias participantes

3.2.1 Joana, Mônica e Pedrinho

Joana (42 anos) e Mônica (52 anos) estavam juntas há vinte e dois anos na época do contato da pesquisadora com elas. Mônica possui curso superior e Joana cursa o nível técnico. Conheceram-se numa festa de Réveillon em uma cidade praiana e logo foram morar juntas. Desde então, tiveram vários rompimentos e reaproximações. Há nove anos, após um destes rompimentos, Joana se envolveu com um homem e engravidou de Pedrinho. Mônica, assim que soube da gravidez, dispôs-se a cuidar dela e do bebê. Após a gravidez de Joana, Mônica assumiu grande parte dos cuidados de Pedrinho, tendo a mãe biológica deste muita dificuldade em fazê-lo. Desde o nascimento do menino, a relação entre ambas se tornou bastante conturbada, particularmente na esfera sexual e afetiva, já que Joana diz sentir muito ciúme da relação entre Mônica e Pedrinho. Assumiram-se como casal somente para as amigas homossexuais, sendo que o mesmo não ocorreu em relação a

Pedrinho e à família de ambas, que residem em cidades distantes das mesmas. Pedrinho, na época com nove anos, vinha apresentando inúmeros sintomas emocionais: temor de que Mônica saísse para trabalhar e não voltasse mais; medo de sair de carro e a gasolina acabar no meio do caminho; medo de dormir à noite; comportamento de roubar coisas de colegas na escola e isolamento social. Além disso, Joana se queixou de que ele vinha pegando coisas de sua bolsa e também de alguns colegas na escola. Pedrinho chama Mônica de *tia*, tendo um vínculo afetivo importante com ela. Também tem um vínculo importante com a irmã de Mônica, mulher solteira com cerca de sessenta anos que reside em casa próxima à família (localizada no mesmo terreno). Pedrinho nunca conheceu o pai biológico, apesar de solicitar à Joana um encontro com ele. Falaram-se somente algumas vezes por telefone. Seu pai biológico residia na mesma cidade da família, tendo ele próprio constituído uma família, com esposa e filhos.

3.2.2 Flora, Maria, Davi e Beatriz

Flora (26 anos) e Maria (25 anos) estavam juntas há dois anos na época do contato da pesquisadora com elas, tendo se conhecido por intermédio de uma amiga de Maria. Ambas cursaram o segundo grau completo. Após meses de correspondência pelo MSN, decidiram se conhecer pessoalmente. Seis meses após este encontro foram morar juntas, contrariando o desejo de suas mães que não aceitavam a homossexualidade das filhas. Flora nunca havia se envolvido com homens, enquanto Maria alegara ter tido algumas decepções com homens na adolescência, época em que descobriu gostar de mulheres. Para realizarem o desejo da maternidade, recorreram à inseminação artificial com doador anônimo. Entretanto, como desejavam que o filho “*tivesse um pedaço de cada uma*”³ realizaram a inseminação da seguinte forma: Flora doou seu óvulo que foi fecundado pelo doador, sendo o embrião implantado no útero de Maria, processo que foi marcado por dificuldades financeiras (este procedimento é muito caro) e pela não aceitação de seus familiares. Maria engravidou de gêmeos: uma menina e um menino, Beatriz e Davi. Após

³ Palavras das próprias participantes.

o nascimento dos bebês, passados alguns meses, ambas descobriram que Davi havia nascido com uma grave alteração genética (Defeito Congênito de Glicolização – CDG) que comprometia todo o seu sistema muscular, não conseguindo sustentar o corpinho, engatinhar etc. Já Beatriz nasceu saudável, sendo muito esperta e vivaz. Flora e Maria se dividem no cuidado de ambos, sendo que Flora é responsável por levar Davi aos inúmeros médicos que precisa frequentar. Maria permanece em casa cuidando de Beatriz e trabalhando. No momento da entrevista, Beatriz e Davi estavam com nove meses de idade.

3.2.3 Sofia, Carla e Harry

Carla (49 anos) e Sofia (27 anos) se conheceram pela internet numa sala de bate-papo de lésbicas há quatro anos. Carla possui terceiro grau e Sofia segundo grau completo. No passado, Carla, apesar de na adolescência devanear com mulheres, particularmente com a atriz Isis de Oliveira, envolveu-se com um homem com quem ficou dos 23 aos 31 anos de idade. Durante o período de namoro com este homem, Carla conheceu uma irmã dele, por quem que se apaixonou. Ambas começaram a se relacionar sexualmente, tendo sido esta a primeira experiência sexual concreta de Carla com uma mulher. Após um tempo, a família do marido descobriu a relação entre elas e ambas se separaram. Após a separação, Carla ficou bastante deprimida, tendo sido internada uma vez por tentativa de suicídio. Depois disso, ela se casou e teve Harry. Quando o filho estava com três meses de vida, ela decidiu se separar do marido alegando que este era um “*traste*”. Após a separação, prosseguiu se relacionando somente com mulheres, sempre mais jovens que ela. Sofia tivera alguns envolvimento heterossexuais na adolescência, mas, segundo ela, os homens lhe davam nojo. Foi assim que começou a frequentar salas de bate-papo de lésbicas, tendo conhecido Carla. Segundo Sofia, seus pais tiveram dificuldade para aceitar sua homossexualidade, tendo se mudado de cidade em razão dos inúmeros conflitos com a família. Com a mudança dos pais de cidade, Sofia mudou-se para a casa de Carla e Harry, algo que ocorreu há dois anos. O pai de Harry reside em outra cidade e vê o filho esporadicamente. A relação entre Carla e o pai de Harry é permeada por muitos conflitos.

3.3 Procedimentos e Instrumentos

No que se refere ao procedimento para a coleta dos dados, previu-se a realização de três encontros com cada casal a serem realizados no consultório da pesquisadora. No primeiro encontro foi prevista a apresentação do projeto e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), bem como a realização de uma entrevista semi-estruturada com cada um dos membros do casal em separado dirigida por eixos temáticos (ANEXO B). A proposta de realizar a entrevista com cada membro do casal em separado foi guiada pelo fato de que o objetivo desta era o de conhecer os psicodinamismos individuais de cada participante, e o fato de manter os membros do casal juntos poderia dificultar tal intento.

Nesta entrevista, os temas enfocados foram: a história do relacionamento do casal; como se deu a chegada do(s) filho(s); mudanças na rotina e na relação do casal; e os significados sobre ser uma família. Optou-se, ainda, pela não gravação da mesma, que fora transcrita logo após o encontro. No caso da entrevista, esta foi conduzida em acordo com as considerações de Hermann (1993), ou seja, compreendendo-se que todo o processo comunicativo das participantes estaria sendo produzido mediante o “campo relacional” criado, sendo o *setting* mantido, sobretudo, através da postura analítica empreendida pela pesquisadora desde os momentos iniciais de contato.

Após a entrevista, previu-se a aplicação do procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias (Trinca, 1997). Segundo Lima (1997), este procedimento visa pesquisar, de forma profunda, os psicodinamismos da família conforme eles são vivenciados por cada um de seus membros. Nesse contexto, este procedimento permite que se tenha acesso aos objetos internalizados do participante, objetos estes que são partes determinantes da sua personalidade. Sua realização consiste na confecção de quatro unidades de produção (desenhos) de família seguidos cada qual de uma estória⁴, “inquérito” e título. No momento da realização das unidades de produção, é solicitado ao participante que as realize na seguinte sequência: “uma família qualquer”, “uma família que você gostaria de

⁴ Apesar da palavra estória não ser mais utilizada na ortografia brasileira atual (o termo correto é história), a pesquisadora optou por manter o uso da palavra estória, conforme utilizado pelo autor que desenvolveu o instrumento do DE-E (Desenho de Famílias com Estória).

ter”, “uma família em que alguém não está bem” e “a sua família”. Após isso, solicita-se ao participante que conte uma história associada a mesma, seguida de um título. No inquérito, solicita-se ao participante que produza algumas associações após cada unidade de produção realizada. Para a execução das unidades de produção, são oferecidos lápis cromáticos, além do lápis acromático. Neste caso, os dados referentes às histórias e inquéritos produzidos no DF-E foram anotados durante o procedimento.

No segundo encontro, previu-se a realização da Entrevista Familiar Diagnóstica (Soifer, 1982), procedimento em que a pesquisadora oferece aos membros da família uma caixa lúdica⁵ que servirá como mediadora dos processos relacionais entre eles. A tarefa fundamental da pesquisadora neste momento é observar as modalidades de relação que se estabelecem entre os membros familiares, bem como o lugar ocupado por cada um deles nesta configuração. A transcrição da EFD foi realizada após o procedimento.

Por fim, previu-se ainda a realização de um último encontro com as participantes juntas para que elas pudessem compartilhar com a pesquisadora impressões e sentimentos surgidos ao longo do processo. Este momento final também poderia ser utilizado com a criação de um espaço de reflexão e elaboração entre as parceiras e entre elas e a pesquisadora.

Tanto a entrevista quanto o DF-E e a EF-D foram selecionadas como instrumentos para a viabilização do presente estudo por se considerar que eles ofereciam a possibilidade de a pesquisadora conhecer os psicodinamismos das participantes, particularmente referente aos objetos internalizados por estas. Além disso, tanto os desenhos quanto a caixa lúdica serviram como mediadores no contato entre participantes e pesquisadora, visando favorecer a livre expressão de significações inconscientes referentes à temática família (Aiello-Vaisberg, 2004).

Entretanto, algumas modificações metodológicas foram necessárias ao longo do processo, ocorridas a pedido das participantes, ou seja, devido à própria psicodinâmica das mesmas. Tais pedidos foram acatados pela pesquisadora por se compreender que os mesmos configuravam comunicações importantes naquele momento e que precisariam ser acolhidas e compreendidas.

⁵ A caixa lúdica continha material gráfico, uma família de bonecos, carrinhos, caminhões, aviões, animais e soldados, utensílios de cozinha em miniatura, duas espadas e fantoches variados.

Procedimentos empregados com cada uma das famílias

Joana, Mônica e Pedrinho: Inicialmente Joana solicitou à pesquisadora que a mesma fosse à sua residência por “*não ter tempo para ir até o consultório*”. Nesse momento, a pesquisadora se dispôs a ir até o encontro delas. A entrevista, no caso de ambas, assim como o DF-E, foram realizadas individualmente, conforme o previsto. No segundo encontro, em que estava prevista a aplicação da EFD, Joana disse que “*havia encontrado algum tempo para ir até o consultório*” e que preferia que agora nos encontrássemos lá, pois em sua casa “*não havia privacidade*”. Além disso, neste caso, realizou-se também uma hora lúdica (Aberastury, 1986) com Pedrinho devido aos vários sintomas psicológicos que o mesmo apresentava no momento e, ao final do processo, foi proposto que o mesmo fosse atendido no consultório da pesquisadora por compreender que ele vinha apresentando considerável nível de sofrimento mental. Assim, a pesquisadora se propôs a atendê-lo gratuitamente em seu consultório, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Entretanto, Mônica disse que não se sentiria à vontade com isso, já que tinha condição de pagar pelo tratamento do menino. Desta forma, foi combinado que a pesquisadora receberia um valor simbólico pelo trabalho. Este atendimento se manteve por mais um ano e meio após a realização da coleta. Além disso, foi realizado o encaminhamento de Joana e de Mônica para psicoterapia, por se julgar que ambas tinham necessidade de atendimento.

Flora, Maria, Davi e Beatriz: No caso desta família, por residirem em uma cidade muito distante da pesquisadora, foi necessário que os procedimentos se realizassem na residência de ambas. Ainda, tanto a entrevista quanto a aplicação do DF-E foram feitas na presença de ambas já que, segundo elas, “*o que uma sabia, a outra sabia*”, confirmando um pedido para não se separarem naquele momento. A EFD não foi realizada pela falta de condições concretas para tal. Mesmo assim, como elas permaneceram junto das crianças durante a entrevista, foi possível observar de modo concreto como as relações se desenrolavam na família. O encontro final foi realizado pelo Skype. Neste caso, como esta conversa foi feita à distância, ponderou-se que seria compartilhado com elas somente algumas percepções mais superficiais, já que não haveria, de imediato, a possibilidade de

que as mesmas tivessem um auxílio psicológico. Mesmo assim, a orientação para a psicoterapia também foi feita.

Carla, Sofia e Harry: No caso de delas, por também residirem em uma cidade distante da pesquisadora, foi acordado com Carla que o encontro se daria no momento em que elas iriam visitar uma sobrinha, que residia em uma cidade distante cem quilômetros da pesquisadora. No dia marcado, a pesquisadora entrou em contato com Carla e propôs que ela e sua parceira viessem até o consultório, mas ela preferiu que a pesquisadora fosse até ela. Desta forma, os procedimentos foram realizados na casa de sua sobrinha. A entrevista foi realizada com Carla e Sofia juntas, conforme pedido de Carla, já que, segundo ela, *“elas não tinham segredos entre si, pois ela era um livro aberto”*. Neste caso, a pesquisadora encontrou alguma dificuldade em preservar um espaço privativo e protegido para a realização dos procedimentos, uma vez que Carla manifestou o desejo de fazer a entrevista na própria sala de estar, onde estavam presentes vários membros familiares. Também houve alguns indícios de sua parte para que Harry participasse da entrevista, pois *“não tinha segredos com o filho”*. Neste momento, a pesquisadora compreendeu ser importante apontar que seria melhor Harry não participar da conversa porque ela própria poderia não se sentir muito à vontade para falar tudo o que desejasse. Disse ainda que, caso ele desejasse, ao final poderia conversar com a pesquisadora em particular. Assim, apesar destas interferências, a entrevista foi feita longe dos demais familiares, diante da pesquisadora apontar a importância disso para ambas. Também a sobrinha intercedeu para que a mesma se desse em um espaço reservado. O DF-E foi aplicado em cada uma também na presença da parceira, havendo interferências de ambas durante todo o processo. A EF-D não foi realizada diante da percepção da pesquisadora de que havia a expressão de resistências intensas, particularmente de Carla, no sentido de continuar o processo. Ao final do encontro, houve algumas tentativas de contato com Carla através de e-mail para agradecer a participação de ambas na pesquisa, mas a mesma não respondeu às mensagens.

Observa-se, portanto, que, apesar do projeto metodológico inicial ter sido composto de um *setting* estruturado, que previa a realização dos procedimentos no consultório da pesquisadora de modo a tornar os processos transferenciais-contratransferenciais mais contidos e manejáveis, este “ideal” não pôde ser alcançado. Entretanto, considera-se que tais modificações metodológicas são inerentes ao processo de pesquisar em Psicanálise e

não prejudicaram a compreensão dos dados. Ao contrário, tais solicitações das participantes foram acolhidas e compreendidas pela pesquisadora como forma das mesmas comunicarem algo sobre seus psicodinamismos.

3.4 Análise dos dados

A análise dos dados foi feita durante e após os encontros realizados com as participantes em acordo com o referencial psicanalítico. Assim, os dados obtidos durante a entrevista foram utilizados para compreender a história de vida das participantes, bem como a relação estabelecida entre as parceiras e a maneira como a parentalidade vinha sendo vivenciada por ambas. O DF-E e a EFD foram interpretados mediante o método de livre inspeção do material (Trinca, 1997). Este processo interpretativo foi realizado pela pesquisadora e supervisionado por sua orientadora, o que favoreceu a compreensão e elaboração de aspectos contratransferenciais da pesquisadora.

3.5 Aspectos éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP de acordo com o ofício número 417/2008, datado de 11/03/2009. Os aspectos éticos contemplados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido incluíram o sigilo das informações concedidas pelas participantes durante a coleta de dados; a ciência de que a participação era voluntária, com a participante podendo desistir a qualquer momento; a possibilidade de usar as informações obtidas em estudos científicos com a preservação de sua identidade; a ausência de risco significativo em participar deste estudo; e a disposição da pesquisadora em oferecer apoio psicológico caso houvesse incômodo ou desconforto emocional durante a coleta de dados. Todos estes aspectos éticos foram considerados de acordo com a Resolução 196/96 estipulada pelo Conselho Nacional de Saúde.

4. RESULTADOS:

4.1. Joana, Mônica e Pedrinho

A família de Joana foi localizada através do auxílio de uma colega de profissão da pesquisadora, que é amiga da família. A mesma explicou à Joana os objetivos da pesquisa e ela se dispôs a participar, alegando estar muito preocupada com o filho e necessitada de receber orientações, pois temia que o mesmo se tornasse homossexual. O primeiro contato entre Joana e a pesquisadora foi feito pelo telefone, e o primeiro encontro ocorreu em sua casa, pois a mesma alegou “*não ter tempo para ir até o consultório*”. Ao chegar à casa de Joana, a pesquisadora foi recebida por ela, que parecia muito ressabiada. Joana levou a pesquisadora até o interior de sua casa, onde estavam Pedrinho e Mônica deitados num sofá-cama, jogando videogame. A casa se localizava aos fundos do mesmo terreno de outra casa que depois soube-se ser a casa da irmã de Mônica, que mora sozinha e também ajuda nos cuidados de Pedrinho.

Depois das apresentações, Joana ofereceu água e refrigerante à pesquisadora e disse que a conversa poderia ocorrer lá fora, numa mesa que havia no quintal. Pediu para Mônica ficar com Pedrinho e não interromper. Depois de um tempo do início da entrevista, Joana disse ter estranhado sua postura, pois não costumava se abrir assim com ninguém, só quando estava bêbada. E neste caso, ela nem havia bebido.

4.1.1. A entrevista com Joana

Joana começou a entrevista contando que engravidou de Pedrinho num momento em que estava separada e distante de Mônica, apesar de ainda morarem na mesma casa. A mesma contou isso de forma confusa tendo dificuldade, principalmente, de situar no tempo os momentos em que ficaram juntas ou separadas e os lugares em que moraram no

passado. Disse que tinha muitas dúvidas sobre os seus sentimentos por Mônica, alegando que o amor que sentia pela companheira era “*egoísta*”: não queria que ela ficasse perto, mas também não queria que ela fosse embora. Contou que ela, durante os vinte e dois anos em que estavam juntas, já havia se relacionado com outros homens e mulheres, mas ficava com muito ciúme quando Mônica saía com outras pessoas e então buscava se reaproximar dela novamente.

Numa destas relações esporádicas com um homem, Joana engravidou de Pedrinho. Quando a companheira se ofereceu para cuidar dela e do bebê, sentiu-se aliviada e decidiu aceitar a ajuda. Passaram a morar juntas na cidade de Mônica (cidade em que residia também o pai de Pedrinho). Joana descreveu que o que unia ambas no momento não era o amor entre elas, mas Pedrinho, e que este amor era mais fraternal do que “*carnal*”, já que via em Mônica um “*porto seguro*”, alguém em quem se apoiar quando necessário. Quando questionada sobre qual seria a diferença entre um amor fraternal e carnal, ela disse que, no caso delas, não estavam juntas por causa de sexo, mesmo porque não mantinham relações sexuais há um bom tempo, mas porque ela (Joana) se sentia muito segura perto de Mônica.

Sua gravidez provocou um afastamento ainda maior entre elas do ponto de vista sexual, embora tivessem ficado mais próximas afetivamente com o nascimento de Pedrinho, uma vez que agora ambas tinham que cuidar de um bebê. Contou ainda que, nas poucas vezes em que tentou sair sozinha com Mônica, o único assunto entre elas era Pedrinho, e que as duas ficavam muito ansiosas para voltarem logo para casa e o reencontrarem. Disse que quando saía sem Pedrinho sentia que um pedaço seu estava faltando e que, apesar dele deixá-la irritada muitas vezes, era melhor tê-lo por perto do que experimentar este “*oco*” que ficava quando o filho não estava. A angústia de se separar do filho foi muito presente na fala de Joana que contou, por exemplo, que quando ela ia para a escola à noite e deixava Pedrinho com Mônica, tinha que ligar várias vezes para saber se ele estava bem. Isso ocorria principalmente em situações em que ela havia brigado com ele antes de sair e sido agressiva, através de palavras e gestos, como gritar que ia embora de casa. Relatou que quando dizia isso a ele, Pedrinho falava: “*Você pode ir. Eu vou ficar com a tia Mônica*”.

Antes de Pedrinho nascer, Joana disse que bebia e jogava de forma compulsiva, além de frequentar boates gays que, segundo ela, eram lugares de muita promiscuidade. Com o nascimento de Pedrinho, ela deixou de frequentá-las porque isso “*não fazia mais*

sentido”. Dizia ter muito medo de Pedrinho se tornar gay porque este é um mundo “*vazio*”, onde dificilmente se acha um bom companheiro, algo que é ainda mais triste no mundo dos gays masculinos. Disse ainda que não pretendia contar para Pedrinho sobre sua relação homossexual com Mônica, embora achasse que ele percebia alguma coisa.

Contou que não dormia com Mônica há muito tempo, sendo a disposição da família para dormir a seguinte: Joana dormia com Pedrinho na cama de casal, principalmente quando ela estava com medo ou angustiada, alegando não conseguir dormir sozinha. Nestes dias, Mônica dormia no chão ao lado da cama de casal. Quando Pedrinho estava com medo, pedia para a tia Mônica dormir com ele. Joana relatou que julgava errado Pedrinho dormir com ela, pois ele já estava com nove anos, mas ela própria não conseguia dormir separada dele. Assim, apesar de Pedrinho ter o próprio quarto, nunca havia dormido sozinho. Sobre o medo intenso sentido por Joana, ela relatou que eles vinham em momentos em que ela pensava que iria perder Pedrinho, precisando ficar bem “*agarrada*” a ele.

Quanto à vida sexual do casal, Joana contou que, nas poucas vezes em que elas tinham relação sexual, sempre fora de casa, ela ficava muito angustiada e com medo de Pedrinho descobrir; por isso, foi evitando cada vez mais se relacionar sexualmente, fosse com Mônica ou com outra pessoa.

Sobre o período da gravidez, Joana disse ter sentido muita “*vergonha*” da barriga, chegando a rejeitá-la. Segundo ela, a repulsa se deu porque também fora rejeitada por sua mãe quando esta estava grávida dela. Joana era a filha mais nova de um casamento bastante conturbado, sendo que sua mãe estava com quarenta anos quando engravidou de Joana, após ter adotado um menino que estava na época com dez anos. Seu pai era, segundo ela, “*ausente e mulherengo*” e passava vários meses viajando como caminhoneiro. Joana contou que esperava ansiosamente o seu retorno, com os presentes que sempre trazia, mas que, junto disso, vinham também os xingamentos, as surras e a bebedeira do pai. Tudo isso, segundo ela, interferiu na sua gravidez, fazendo-a “*sentir pavor de engravidar*”. Outros elementos da família, tais como irmãos e parentes, não apareceram em seu relato.

Esta rejeição, segundo ela, se estendeu para depois do parto e fez com que ela tivesse dificuldade de se aproximar do filho e cuidar dele com carinho. Assim, contou que grande parte do cuidado do bebê foi assumido por Mônica, que dava banho, levava aos

médicos e o embalava nos momentos de choro. Nesse sentido, relatou que havia muitos momentos, quando Pedrinho já era mais velho, e mesmo atualmente, em que se sentia irritada com as inúmeras solicitações do filho, sendo agressiva e brava com ele. Narrou uma situação em que, na tentativa de se aproximar do filho, encheu a piscina para ele num dia de calor, para aproveitarem juntos este momento de diversão. Entretanto, quando Pedrinho começou a insistir para que ela fosse até ele, sua voz foi se tornando tão irritante, que ela o colocou de castigo e esvaziou a piscina, com raiva. Narrou ainda vários episódios em que ela perdia a paciência com ele, sendo intolerante e violenta com palavras. Disse ter consciência de querer as coisas muito certas e rápidas e que isso acontecia particularmente quando se tratava de Pedrinho.

Diante disso, Joana falou que se sentia mais “*pai do que mãe de Pedrinho*”, tendo somente “*parido*” a criança, e que Mônica podia ser considerada “*mãe*” de seu filho. Essa situação a deixava com muito ciúme, já que Pedrinho era muito mais apegado à família de Mônica do que à sua própria.

Sobre o pai biológico de Pedrinho, disse que o mesmo não queria conhecer o filho. Pedrinho, por outro lado, desejava conhecer o pai, mas, segundo ela, não tocava nesse assunto para poupá-la. Joana relatou ter muito medo do encontro entre os dois porque isso seria uma catástrofe. Quando questionada sobre o que aconteceria neste encontro catastrófico, ela explicou que temia que o pai de Pedrinho o ignorasse e finalizou dizendo: “*Só faria isso se eu tivesse instinto assassino*”. Terminou a entrevista dizendo que achava que Pedrinho tinha necessidade de ter um pai, principalmente quando ele via o pai de alguma criança e seus olhos brilhavam. Contou um episódio em que foram numa corrida de kart e Pedrinho olhou para um pai e um filho juntos e disse: “*Será que no dia em que eu conhecer meu pai, ele vai estar velho daquele jeito?*”.

Ao final do mesmo ano em que se realizou a presente entrevista, Pedrinho recebeu a notícia do falecimento de seu pai; o menino só havia tido contato com ele uma vez pelo telefone. Atualmente, Joana solicita na Justiça o direito de Pedrinho à herança de seu pai, já que este era um homem de muitas posses.

4.1.2 Aplicação e interpretação do DF-E de Joana

Primeira unidade de produção

Joana ficou ressabiada com o pedido para desenhar, estado emocional que permaneceu durante toda a aplicação do DF-E. Assim que foi solicitado a ela que desenhasse uma família qualquer, Joana perguntou imediatamente se tinha que fazer o corpinho. Pegou o lápis preto, embora houvesse disponibilidade também dos lápis coloridos, e desenhou três pessoas, sendo duas mais velhas e uma menor e disse: “*tá tudo igualzinho*”.

Figura 1. Primeira unidade de produção de Joana no DF-E

Estória:

Ao solicitar a ela que contasse uma estória sobre aquele desenho, ela disse: “*Do meu ponto de vista dinheiro não é tudo, mas essa família tem que ter harmonia, felicidade e diálogo*”. E após um período de silêncio, complementou: “*Hoje foi o primeiro dia que eu saí com o Pedrinho e não brigamos. Ele queria um brinquedo no shopping e eu não perdi a paciência com ele. Queria que tivesse essa coisa de conversar, de dialogar, que tivesse paz e harmonia com o Pedrinho, sair só nós dois, ir ao cinema, tomar Coca-Cola, sem os dois ficar discutindo e teimando. Queria muito poder parar de brigar com ele e de ter uma família em paz. Nós estamos com uma viagem marcada para a casa dos meus pais, só nós dois. Essa vai ser uma boa oportunidade para a gente ficar junto. Quero ir sozinha pra lá, sem a ajuda da Mônica*”. E acrescentou: “*Tenho esperança de que, sem a interferência de outras pessoas, conseguirei ter uma relação melhor com Pedrinho*”. Ao ser questionada

sobre qual título daria para esta estória, ficou um tempo em silêncio e disse que não conseguia pensar em nada.

Interpretação:

Nesta unidade de produção, Joana comunica o seu desejo de poder ter uma família em que haja harmonia, felicidade e diálogo, elementos que ela sente não estarem presentes em sua família atual. Descreve também o seu desejo de ser mais paciente com Pedrinho e de poder usufruir de uma relação afetiva e próxima com o filho sem estragá-la. Sente, conforme apresenta nesta unidade, que sem a interferência de Mônica poderá alcançar este objetivo, ou seja, contando com os próprios recursos Joana acredita ter mais chance de conseguir se aproximar do filho de forma amorosa.

Segunda unidade de produção

Na segunda unidade de produção (família que gostaria de ter), Joana ficou pensativa e perguntou se poderia falar ao invés de desenhar. Foi dito a ela que poderia tentar desenhar e depois contaria o que havia pensado. Ela pegou novamente o lápis preto e desenhou uma paisagem com uma casa, uma árvore e três pessoas em frente a um lago. Uma destas pessoas era adulta e as outras duas, crianças.

Figura 2. Segunda unidade de produção de Joana no DF-E

Estória:

Ao pedir para ela contar uma estória sobre este desenho, disse: *“É uma família feliz. Estão pescando e correndo pra lá e pra cá. Todo mundo feliz. Sem pensar na hora, no tempo. Pegam frutas na árvore”*. Ao perguntar a ela como terminava essa estória, ela disse: *“vão pra casa, fazem comida, sentam numa mesa grande, assistem um pouco de televisão”*. O título da estória foi “Família Feliz”.

Interpretação:

Nesta unidade de produção, surge o desejo de Joana ter uma família feliz em que um adulto e duas crianças usufruem do contato com a natureza e se divertem, ou seja, podem viver com espontaneidade e liberdade. Nesta família unida (todos fazem comida e se sentam numa mesa grande) há um clima de liberdade e ausência de pressões externas e internas, representadas pelo tempo (sem pensar no tempo e na hora). Nesse sentido, parece surgir aqui um desejo de Joana de poder retomar vivências de um tempo de criança onde não havia preocupações nem exigências externas que a impedissem de viver com mais liberdade e criatividade.

Terceira unidade de produção

Na terceira unidade de produção (família em que alguém não está bem), desenhou novamente três pessoas, sendo agora todas do mesmo tamanho e uma casa ao fundo.

Figura 3. Terceira unidade de produção de Joana no DF-E

Estória:

Enquanto ia desenhando, falava: “*mal humorada, insatisfeita*”, referindo-se a uma das pessoas do desenho. Ao ser questionada sobre os motivos que deixavam esta pessoa mal humorada ela disse: “*Ela dita regras, está sempre insatisfeita*”. Questionou-se quem ali do desenho era esta pessoa e ela respondeu: “*eu*”. Perguntou-se também a ela o que acontecia depois com esta pessoa e ela disse: “*desestabiliza, acaba*”. *Como é que ele (Pedrinho) fala? Por isso que ninguém gosta de você! E eu tenho medo que quebre, que caia, que se machuque. Ontem mesmo um amigo dele saiu da piscina e escorregou e eu já gritei: Não falei que não era pra correr! Então, ao invés de eu acolher, eu afasto. Eu queria ter esse controle. Ser mais light. Mas eu tenho medo de cair, machucar, quebrar um braço e eu acabo extrapolando*”. O título da estória foi “Desarmonia total”.

Interpretação:

Aqui surge um movimento de Joana no sentido de perceber que seus sentimentos de insatisfação, irritabilidade e intolerância à frustração “estragam” a possibilidade de ser mais acolhedora e afetiva com Pedrinho. Nesse sentido, Joana parece perceber que tais aspectos de sua personalidade afastam o filho dela, desestabilizando a relação entre eles. Ela, então, explica que sempre espera pelo pior (quebre, caia, se machuque), o que a faz ficar sempre em estado de alerta e impossibilitada de aproveitar os momentos de diversão e de brincadeira com o filho. É possível hipotetizar que, temendo vivenciar experiências catastróficas que levem a machucados e quedas do filho, ela fica impossibilitada de relaxar e viver com espontaneidade e, por isso, impedida de acolher os gestos espontâneos do mesmo. Desta forma, parece haver uma dificuldade de conter dentro de si experiências emocionais significativas.

Quarta unidade de produção

Na última unidade de produção (sua família), desenhou três pessoas, duas adultas e uma criança, unidas entre si pelas mãos. A criança estava no meio das duas pessoas adultas e todos estavam sorridentes. Além disso, desenhou uma casa, um sol sorrindo, um lago e alguns animais.

Figura 4. Quarta unidade de produção de Joana no DF-E

Estória:

Sobre a estória referente a este desenho, disse: *“Pode até ser fuga, mas eu acho que se a gente morasse num sítio não teria esse problema. Iria trabalhar o dia todo e ficar junto à noite”*. Questionada sobre qual problema ela se referia, disse: *“Me sinto pressionada por muitas dúvidas e tenho medo de desistir do meu filho. Ele é desinteressado pelas coisas e o seu único interesse é brincar. E isso me irrita. Queria que ele fosse mais esforçado, que se interessasse mais pelos estudos. Só que muitas pessoas me dizem que ele é um bom menino”*. O título dessa estória foi “Nunca desista do seu filho”

Interpretação:

Nesta unidade de produção surge um movimento de esperança por parte de Joana, no sentido de poder construir uma relação mais próxima e afetiva com o filho, algo que ela sente ser possível caso eles morassem num sítio. Neste sítio, todos iriam ficar juntos à noite, ou seja, não iriam ficar afastados, como sente ocorrer em sua vida familiar hoje. Entretanto, localiza aqui também o que a afasta de Pedrinho não é propriamente a realidade externa, mas a realidade interna, já que são as suas dúvidas e o desejo de desistir do filho que impedem de estar mais próxima dele. Tal desejo, o de desistir do filho, surge ao perceber que o mesmo se interessa mais pelas brincadeiras e menos pelos estudos, ou seja, quando Pedrinho não corresponde às suas expectativas. Entretanto, Joana também diz saber que seu filho é um bom menino, o que aumenta ainda mais o sentimento de ambivalência e culpa por se sentir irritada com ele muitas vezes.

4.1.3 Síntese do caso

Conforme se pôde ver no material, Joana sofre muito ao perceber sua dificuldade de ser mais amorosa e continente com o filho, o que lhe traz grande sofrimento mental e uma espécie de reação em cadeia, na medida em que não consegue conter sua agressividade com ele e permanece angustiada pela culpa, que tenta combater por meio de reparações. Em seu relato, Joana associa sua dificuldade em acolher Pedrinho a um sentimento de não ter sido acolhida por sua mãe, por sentir que a mesma estivera ausente emocionalmente no período de sua gravidez.

Da mesma forma, seu pai também é descrito por ela como uma figura ausente e que lhe traz muitas frustrações (bebidas e surras ao invés de presentes). Todos estes elementos, que são trazidos por Joana com grande carga emocional, parecem ter contribuído para o fato de a mesma ter tido dificuldade em acolher o filho Pedrinho e de estabelecer uma relação mais estável com Mônica. Nesse sentido, Joana parece se relacionar com seus objetos de forma ambivalente, aproximando-se deles para, em seguida, rechaçá-los. Este movimento de aproximação e recuo fica evidente na relação entre ela e Mônica e entre ela e Pedrinho. Por isso, Joana se sente mais pai do que mãe de seu filho, sendo responsável pelas cobranças e brigas, enquanto Mônica segue sendo mais compreensiva com ele.

É possível considerar que a tentativa de se vincular à Mônica representa em sua vida a busca por vivenciar uma relação estável e afetiva com alguém, já que sente dificuldade no meio homossexual de encontrar pessoas confiáveis e disponíveis afetivamente. Ressalta-se que, antes de conhecer Mônica, Joana conta que bebia e jogava de forma compulsiva, tendo dificuldade de organizar a sua vida. Na medida em que conhece Mônica, parece vislumbrar a possibilidade de encontrar uma relação afetiva estável, embora Joana tenha encontrado dificuldades neste intento, necessitando, ainda que esporadicamente, sair com outros homens e mulheres. É exatamente por isso que Joana descreve seu amor por Mônica como um “*amor egoísta*”, uma vez que a mesma mantém relações com outras pessoas, enquanto a parceira a espera em casa. Ressalta-se ainda que Joana tem receio de Mônica se cansar de esperar e encontrar outra pessoa. Sobre a relação com Mônica, Joana diz não conseguir manter relações sexuais com a mesma, algo que

ocorreu particularmente após o nascimento de Pedrinho, e que o que a mantém junto da companheira é a segurança que ela lhe oferece. Ainda, Joana diz ter muito medo que Pedrinho se torne homossexual porque neste “meio” não é possível encontrar pessoas confiáveis. Estas duas comunicações podem ser compreendidas como estando ligadas à percepção de Joana de que o “meio” homossexual não pode oferecer a Pedrinho a possibilidade de viver relações estáveis com alguém, algo que a deixa temerosa, inclusive, de que ela própria retorne a este “meio”. Joana ressalta que, desde que Pedrinho nasceu, se afastou das amigas homossexuais para proteger o filho. Desta forma, parece haver uma percepção de que o “meio homossexual” não oferece a possibilidade de se vivenciar relações afetivas curativas e saudáveis.

Por dificuldades localizadas provavelmente em seu desenvolvimento precoce e no trânsito do narcisismo ao Édipo, Joana tem dificuldade em manter relações estáveis do ponto de vista afetivo com seus objetos, particularmente com o seu filho. Da mesma forma que não consegue se estabelecer com Mônica, também não pode vivenciar uma relação estável com o pai de Pedrinho, sentindo-o como alguém que faria muito mal ao seu filho, não o reconhecendo como tal, apesar de Pedrinho solicitar muitas vezes esta apresentação. É interessante destacar que Pedrinho tem, em muitas ocasiões, a função de acalmar Joana, particularmente nos momentos de dormir, em que ela fica angustiada. Ainda nesse sentido, o menino parece ter a função de preencher o “vazio” que Joana sente em sua vida, algo que provavelmente remete a sua impossibilidade de estar só na companhia de seus bons objetos internos. Desta forma, ela diz que quando Pedrinho não está por perto “*ficava um oco*” e que ele a acalma na hora de dormir. Em outros momentos, ao perceber que o filho não cumpre suas expectativas em relação aos estudos e ao comportamento, Joana se irrita e o rechaça, lançando-o para a relação com Mônica. Ela tem consciência de sua falta de paciência e intolerância em muitos momentos, algo que a deixa ainda mais angustiada porque diz não conseguir se controlar em relação a isso. Assim, Joana conta com muita dor que, após ter uma briga com o filho, inclusive agredindo-o fisicamente, foi para a escola culpada, temendo ter destruído a relação com ele. Depois disso, passou a noite toda ligando para ele, reassegurando-o (e a ela própria) de que o amava. Tais fatos vêm ao encontro da hipótese de que Joana duvida de sua condição de conter a própria agressividade e assim sente poder destruir o amor que o filho tem por ela. Nestes momentos, necessita buscar concretamente o reassuramento do filho de que está tudo bem e de que ela não destruiu

nada. Nesse sentido, pode-se considerar que tanto a presença de Pedrinho quando o uso compulsivo de bebidas e do jogo podem funcionar como atividades calmantes para livrá-la de angústias intensas.

Desta forma, Joana teme as relações afetivas com suas perspectivas de separações. Por isso, permanece no “limiar”, não podendo usufruir plenamente da relação com Mônica e com Pedrinho. Seu movimento duplo, de reconhecimento de suas dificuldades internas e a esperança em poder construir uma relação mais estável com o filho, esteve presente em todas as unidades de produção do DF-E. Nelas, Joana expressa o seu desejo de poder ter uma família mais harmoniosa e compreensiva em que seria possível usufruir do contato humano com espontaneidade e liberdade, algo que ela julga ser possível se eles morassem num sítio, o que provavelmente remete a uma compreensão de que num sítio (longe da cidade) as relações familiares são mais próximas e acolhedoras. Já o fato de Joana ter desenhado na 2ª. UP uma figura adulta e duas crianças, pode remeter ao seu desejo de retomar uma relação infantil com um objeto materno cuidador estável, estando ela na posição da criança cuidada, retomando algo do seu desenvolvimento. Nesse caso, pode tratar-se de uma busca por retomar ligações infantis e “curativas”, provavelmente com a mãe e o irmão.

4.1.4 A entrevista com Mônica

Depois da entrevista com Joana, esta foi até o interior da casa chamar Mônica para conversar com a pesquisadora e convidou Pedrinho para ir até o supermercado com ela. A entrevista foi realizada no mesmo local em que se passou a conversa com Joana.

Logo no início, Mônica contou que a gravidez de Joana aconteceu num momento em que elas estavam separadas, apesar de ainda estarem morando juntas, e que, a princípio, isso foi um choque para ela, mas que depois de algum tempo resolveu aceitá-la e apoiá-la. Desta forma, propôs que ficassem juntas novamente para cuidar do bebê que logo nasceria. Com o nascimento de Pedrinho, contou que ficaram ainda mais afastadas do ponto de vista sexual, embora estivessem mais próximas “*afetivamente*”. No que se refere ao contato

sexual, Mônica disse que não conseguia mais procurar Joana porque sentia estar desrespeitando Pedrinho.

Mônica se questionava, não sabendo mais dizer se mantinha a relação com Joana por gostar da parceira ou por medo de se separar de Pedrinho. Contou ainda que todas as vezes que elas saíam sozinhas acabavam falando dele e por isso retornavam rapidamente para casa, não conseguindo ficar longe por muito tempo. Durante todo este período, Mônica, não só sabia, mas também incentivava que Joana saísse com outras pessoas, chegando a emprestar o carro para que saísse à noite, enquanto ela própria ficava com Pedrinho. Disse que até conhecer Joana nunca havia se apaixonado por ninguém e que, portanto, nunca havia tido vontade de estabelecer uma relação mais duradoura com outra pessoa. Entretanto, ressaltou que nem ela própria compreendia porque aceitava ficar ao lado de Joana, mesmo com esta expressando tantas dúvidas sobre a relação e, inclusive, sobre a sua homossexualidade. Contou que já havia tentado se relacionar com outras pessoas, mas não sabia porque não conseguia se desvincular de Joana e ficava sempre “*rodando em círculo*” em torno dessa situação: tentava conhecer outras pessoas, mas quando a relação estava ficando mais séria, acabava sempre voltando para Joana.

Mônica comentou que assumiu grande parte do cuidado de Pedrinho mesmo antes de seu nascimento, levando Joana a todos os médicos e acompanhamentos. Após o nascimento dele, como Joana voltou a trabalhar logo, Mônica era responsável por levá-lo aos médicos, por dar as refeições e, mais tarde, por acompanhá-lo na escola. Contou que esta “*divisão de tarefas*” ocorreu de forma natural, já que Joana “*não tinha muita paciência com o bebê*”. Ressaltou que o cuidado que tem com Pedrinho não tem a ver com sua relação com Joana, ou seja, não faz isso como uma troca, mas sim porque tem um carinho enorme por ele. Narrou que, na medida em que ele crescia, só queria ficar com ela e que, se ela ameaçasse sair de casa sozinha, Pedrinho começava a chorar incessantemente. Assim, por exemplo, quando elas iam a uma festa, Mônica voltava mais cedo para ficar com Pedrinho, enquanto Joana permanecia no local com os amigos. Isso acontecia não só porque ela queria voltar, mas porque ele só conseguia dormir se ela estivesse lá fazendo carinho nele. Nesse sentido, contou que, às vezes, achava que “*estragava*” Pedrinho por dar tudo o que ele queria e por protegê-lo de Joana nos momentos em que ela estava com raiva. Por outro lado, percebia que “*não estragava tanto assim*”, já que sentia que ele a respeitava muito.

Mônica disse estimular que Joana saísse mais sozinha com Pedrinho, apesar do contato entre eles ser muito difícil, já que “*Joana perdia a paciência com facilidade*”. Comentou que evitava sair com Pedrinho em meios “*entendidos*” (homossexuais) e acreditava que, apesar dele nunca ter comentado nada sobre a relação entre elas, suspeitava que ele desconfiava de algo. Apesar disso, não tinha intenção de conversar com ele sobre sua homossexualidade, principalmente, porque Joana não queria isso.

Em relação ao pai de Pedrinho, ressaltou não concordar com o fato de Joana nunca tê-lo apresentado ao menino e disse temer essa situação por saber que, na adolescência, este encontro seria ainda mais delicado. Declarou que, apesar de achar que sentiria ciúme, frequentemente incentiva Joana a voltar a se relacionar com o pai de Pedrinho, pois isso seria muito importante pra ele. Contudo, contou que Joana tinha muito medo de tocar neste assunto e que elas só conseguiram conversar sobre isso quando Pedrinho tinha quatro anos de idade. Pedrinho, por sua vez, evitava tocar no assunto de seu pai quando Mônica buscava conversar com ele. Por fim, salientou que procurava não interferir nesta questão, por ser um assunto que envolvia somente os dois. Mônica falou pouco de sua família de origem na entrevista, ressaltando somente que teve muito pouco contato com seu pai e que este era muito “*ditador*”, impondo-se sobre sua mãe. Alegou ainda que ficava confusa ao pensar sobre a sua própria família.

4.1.5 Aplicação e interpretação do DF-E de Mônica

Primeira unidade de produção

Ao ser solicitado que Mônica desenhasse uma família qualquer, ela pareceu ter ficado curiosa. Pegou o lápis preto e desenhou uma mulher, um homem e uma criança.

Figura 5. Primeira unidade de produção de Mônica no DF-E

Estória

Sobre a estória, ela disse: *“Ih, sou ruim de estória, hein! Ah, família seria uma mãe, um pai e uma criança. Uma família tentando se unir, de ter convivência. Tentar ser feliz, né? Ser alguém. E tentar criar esse filho aqui dentro do necessário, dentro das condições. Dar pra essa criança segurança, estudo, tudo. E tentar dar entendimento pra essa criança. Não só criar e depois cobrar. Tentar fazer essa criança fazer e ajudar ela a entender o mundo como ele é. Sem demagogia”*. Quando questionada sobre qual título daria a esta estória, ela perguntou se poderia escrevê-lo no papel e, então, escreveu: “Família Ideal”. Em seguida disse: *“Sei lá. Sou meio confusa pra isso”*.

Interpretação

Nesta unidade de produção, Mônica parece se remeter à condição de sua família atual: uma família que tenta se unir, ter convivência, ser feliz e criar um filho oferecendo a ele as condições necessárias. Entretanto, ressalta que não adianta criar e depois cobrar. Em seguida, diz que esta família deveria ser “sem demagogia”, ou seja, que deveria haver dentro dela a possibilidade de se conversar sobre os fatos, tal como eles são. Neste sentido, Mônica parece remeter a sua sensação de que em sua família muitas coisas não são discutidas abertamente com Pedrinho, tais como, a questão de seu pai e da relação entre ela e Joana.

Segunda unidade de produção

Ao solicitar a ela o desenho de uma família que ela gostaria de ter, disse: *“Tem que colocar tudo aqui? No desenho? Você tá judiando, hein?”* E continuou: *“Sou meio doida pra desenho. Eu começo e depois esqueço”*. Desenhou duas figuras adultas e duas crianças, sendo difícil, a princípio, discriminar se eram figuras femininas ou masculinas.

Figura 6. Segunda unidade de produção de Mônica no DF-E

Estória

Sobre a estória, ela disse: *“Seria uma família, não sei se deu pra você perceber, eu inicio sempre pela mãe e nunca pelo pai, né? Pai e mãe, dois irmãos, irmã e um irmão. Essa seria uma família que tentasse começar uma vivência, principalmente se preocupando em ter menos filho, pra ter maior nível social. Uma família que se preocupasse em ser mais humana, né? Se preocupasse em viver e cada um respeitar o lado do outro. Pra que amanhã houvesse menos conflito e menos cobrança pela convivência, menos vício. Os filhos teriam controle melhor. Uma família que tentasse ser realmente uma família e não uma coisa assim só pra dizer: eu me casei, eu tive filhos e criei. Não. Que fosse uma coisa de vontade, né? De viver e de ser feliz. Essa família tinha que ser um pouco mais ideal, mais idealista e não viver de fachada. Tem que ter título também?”* O título dessa estória foi “Família Perfeita”.

Interpretação

Nesta unidade de produção, Mônica parece apresentar o seu desejo genuíno de constituir uma família de verdade e não uma família de fachada, ou seja, que preza pela aparência, mas que, no fundo, não mantém relações verdadeiras entre si. Aqui, Mônica parece se referir tanto à sua família de origem (em que seu pai era alcoolista e, segundo ela, maltratava sua mãe) quanto à sua família atual. Ainda, pode-se hipotetizar que Mônica comunica que mantém uma ligação intensa com sua mãe (*“eu sempre começo pela mãe e nunca pelo pai”*), sentindo que é a mãe a responsável por cuidar da união familiar.

Terceira unidade de produção

Na terceira unidade de produção (família em que alguém não está bem), ela perguntou: *“Eu tenho que desenhar uma família com conflitos?”*, ao que se respondeu que ela poderia fazer como desejasse. Então, ela desenhou uma figura humana adulta chorando, depois outra figura humana adulta sorrindo e uma criança triste.

Figura 7. Terceira unidade de produção de Mônica no DF-E

Estória

“Aqui o homem tá bem, a mulher não tá bem, e o filho também não tá bem. Porque realmente tem problema essa família, eles não estão funcionando como deveriam funcionar, com perfeição. Eu penso assim que esse aqui (aponta para a figura humana que está chorando) podia ser o homem, mas é mais comum que seja a mulher porque o homem, muitas vezes, só se preocupa com ele mesmo e quem sofre é a mãe.” [E qual seria o desfecho da estória?] *“Eu acho que teria que ter uma convivência melhor pra eles poderem ser felizes. Essa seria a mulher calada. A mulher que não se impõe. Não é só o marido que*

tem que se impor. Seria uma mulher submissa”. O título da estória foi: “A mulher que não se impõe”.

Interpretação

Nesta unidade de produção, em continuidade com a anterior, Mônica traz sua identificação com a mãe que sofre calada e as consequências negativas para o filho que a vê sofrendo, submissa diante de um pai sentido como egoísta e frio. Sob este aspecto, comunica que suas figuras materna e paterna não puderam formar um casal de fato. Traz ainda o seu anseio por uma convivência melhor entre este casal, pois só assim eles seriam felizes.

Quarta unidade de produção

Na última unidade de produção (sua família), ela perguntou: “*Então tira eu, né?*”. A pesquisadora disse que poderia fazer como achasse melhor. Desenhou quatro figuras humanas, dois adultos e duas crianças. Os dois adultos estavam tristes e uma das crianças (a quem descreve como Pedrinho) não tinha boca. Somente a irmã de Pedrinho estava sorrindo.

Figura 8. Quarta unidade de produção de Mônica no DF-E

Estória

“Então sou eu, a Joana, o Pedrinho e uma irmã. Esta é uma família que já tem uma convivência, mas que precisa tentar ter uma união pra ter um futuro melhor.” O título da estória foi “Um futuro melhor”.

Interpretação

Nesta última unidade de produção, que remete à própria família (família atual), é interessante que Mônica pergunta se deveria se incluir no desenho, o que aponta para um possível sentimento de dúvida sobre pertencer ou não (estar excluída) à família de Joana e Pedrinho. Em seguida, coloca-se no desenho, mas expressa que nenhum dos membros familiares está bem, exceto a irmã de Pedrinho. Nesta família, eles já têm uma convivência, mas não têm união, embora tenham esperança de que o futuro seja promissor.

4.1.6 Síntese do caso

Apesar de falar pouco sobre sua família de origem, Mônica parece apresentar, particularmente no DF-E, a configuração de seus objetos parentais internos formados por uma mãe sentida como submissa e um pai sentido como ditador/egoísta. Diante desta consideração, é possível hipotetizar que Mônica se identificou com sua mãe e passou a sentir que homens não são confiáveis e só fazem sofrer. Na relação atual, destaca-se que ela própria parece se colocar na relação com Joana como uma mulher calada e resignada, algo que foi observado, por exemplo, no modo aparentemente tranquilo como lidou com a gravidez e com as inúmeras traições da parceira e também o modo como ela própria a estimulava a sair sozinha e conhecer outras pessoas.

Nesse sentido, pode-se pensar que Mônica forma uma família em que parece reeditar com Joana, de forma inconsciente, a mesma modalidade de relação de suas figuras parentais, ficando ela própria como a mulher resignada, e Joana como alguém que lhe oferece pouco em termos emocionais. Nesse cenário interno, Mônica se apega a Pedrinho (*“não sei se fico por ela ou por ele”*) e parece depositar nele a esperança de algum sentido

em sua vida. Por outro lado, ela esboça em alguns momentos o desejo de partir em busca de uma nova relação, numa tentativa de reconstruir sua vida.

4.1.7 A hora lúdica com Pedrinho

Pedrinho chegou para a sessão lúdica tímido e retraído. Parecia querer se esconder dentro de Joana. Era grande e bonito. Já na sala, convidei-o⁶ para se sentar e me apresentei, dizendo que estávamos ali juntos para tentarmos compreender algumas das coisas que ele sentia. Em seguida, mostrei-lhe a caixa lúdica. Pedrinho se dirigiu a ela receoso, abriu-a e pegou o fantoche do Chapeuzinho Vermelho e do Lobo Mau. Começou a ensaiar uma brincadeira em que o Lobo Mau devorava o Chapeuzinho, mas, minutos depois, desistiu, parecendo muito assustado com o possível desfecho da estória. Em seguida, pegou miniaturas de soldados, monstros, caubóis e dinossauros. Olhou atentamente para eles e os guardou, novamente com muito cuidado. Ao avistar um carrinho de madeira que havia dentro da caixa, ficou curioso e me perguntou se eu o havia feito. Respondi que não. Depois, interessado pela família de bonecos, também investigou se eu os havia feito e eu disse que não, mas ele parecia querer saber se eu podia criar coisas. Disse a ele, em seguida, que percebia que estava com vontade de abrir o saquinho de bonecos. Ele deu uma risada sem graça e baixou a cabeça. Abriu o saquinho de bonecos e se surpreendeu ao encontrar um cachorrinho lá dentro. Ensaçou novamente um mergulho na brincadeira, mas desistiu, guardando novamente a família.

Voltou a pegar as miniaturas e eu disse novamente: *“Tá com vontade de brincar, mas também tá meio assustado comigo aqui”*. Fez que sim com a cabeça. Logo em seguida, montou no chão uma guerra entre monstros e soldados. Cada um destes soldados contava com a ajuda de um dinossauro guardião, que os ajudava na luta. Pedrinho começou a brincar sozinho, em voz baixa, mas na medida em que a brincadeira avançou, Pedrinho foi aumentando cada vez mais o tom de voz, simulando ataques de bombas, tiros e mísseis. A guerra terminou com os monstros matando os soldados, os dinossauros matando os

⁶ A hora lúdica será descrita em primeira pessoa por se considerar que nesta modalidade de pesquisa as percepções da pesquisadora são importantes para a compreensão dos dados.

monstros e, após isso, um dinossauro matando o outro, até que restou apenas um deles, que morreu de fome e de sede. Até mesmo a árvore em miniatura morreu porque ninguém se lembrou de colocar água nela. Disse a ele que agora podia compreender porque estava com tanto medo de pegar os brinquedos: porque se ele começasse, seria uma destruição total. Ele não respondeu nada.

Em seguida, notou que a vovó da família de bonecos estava dentro do caminhão de madeira e disse: “*Nossa, esqueceram a vovó. A família toda dela foi viajar! Agora ela vai viajar também.*” Começou a locomover o caminhão, só que a vovó caiu várias vezes no chão e foi atropelada por outro carro. A cena se repetiu algumas vezes e ela teve que ir para o hospital, onde ficou internada. A família foi visitá-la, mas só adultos podiam entrar no quarto. Crianças e cachorros deviam ficar lá fora. Entretanto, segundo ele, o menino-boneco era esperto e por isso deu um jeito de entrar. Ao ir embora, a família também sofreu um acidente e todos tiveram que voltar ao hospital, agora para serem internados. Ao receberem alta, foram para casa. Neste novo cenário, o menino e o cachorro eram grandes amigos e iam viajar (somente os dois) para vários países diferentes. O pai do menino não gostava do cachorro porque ele era de rua e tinha sarna. Por isso, seu pai tinha alergia a ele. Depois de uma viagem, o cachorro raivoso avançou no pai e ele foi parar no hospital. Em outro momento, o pai deu dinheiro para o menino comprar um cachorro de raça: um labrador. Mas de nada adiantou, pois, ainda assim, o pai tinha alergia do cachorro. Novamente foram obrigados a viajar, pois não havia lugar para eles ali. O boneco-bebê, que até então estava caído no chão (Pedrinho não o tinha manuseado ainda), foi enviado pelo correio à mãe pelo menino. Nesse instante, eu disse a ele como devia ser difícil para aquele menininho ter que cuidar sozinho do cachorro e do bebê. E ele respondeu: “*A família dele é louca*”. Na volta da viagem, o avô havia comprado uma moto super bonita, e o menino ficou babando por ela. O cachorro foi enxotado novamente e ficou embaixo do carro. Então ele falou: “*E assim termina a história. O menino cresceu e foi trabalhar e o cachorro virou cão de guarda. Ficou forte também!*” Colocou o bebê em cima do carro e disse que se esqueceram dele lá. O cachorro ficou guardando o bebê.

4.1.8 Interpretação da hora lúdica

Pedrinho demonstra desde o início estar temeroso em abrir a caixa lúdica e se aproximar dos brinquedos, expressando o seu receio em entrar em contato com o seu mundo interno. Ao encenar o Lobo Mau comendo a Chapeuzinho, comunica o temor de sua própria voracidade, temor este que o deixa paralisado e impossibilitado de brincar com liberdade. Por isso, Pedrinho se apresenta no início da sessão como um menino pouco espontâneo e amedrontado. O clima de persecutoriedade é expresso na sessão e Pedrinho necessita falar baixo a ponto de a pesquisadora ter muita dificuldade em compreender o que ele diz. Ao encenar a “brincadeira” entre soldados e dinossauros, ele comunica o porquê de seu temor: sua agressividade é sentida por ele como violenta e capaz de destruir tudo a sua volta.

Na cena do esquecimento da vovó e, em seguida, com o seu atropelamento, Pedrinho parece comunicar que, diante da ausência de Mônica (figura geracional mais velha – avó), ele passa a carecer de um objeto interno continente que lhe ofereça estabilidade em termos emocionais. Em seguida, um novo acidente ocorre e agora todos os membros familiares vão para o hospital, denotando que mais uma vez Pedrinho fica carente de um objeto interno continente que possa auxiliá-lo no enfrentamento de suas angústias. A única companhia estável que lhe resta é o cachorro, que pode ser compreendido como um duplo dele próprio. Pedrinho, por outro lado, deseja crescer e conhecer novos continentes (tanto no sentido de lugares físicos como de continentes emocionais, conforme a perspectiva bioniana do termo). Identifica-se com o cachorro *sarnento* rejeitado pelo pai. Surge neste momento a referência à figura paterna, sentida por ele como rejeitadora de um filho bastardo. Pedrinho expressa sua agressividade em relação ao pai, mas novamente sente que seu ódio provoca estragos (o pai vai para o hospital por causa do ataque do cão raivoso). O menino-cão-sarnento, sentindo-se rejeitado pelo pai, imagina que se fosse um menino-labrador iria ser aceito, mas ainda assim não tem êxito, já que o pai tem alergia do cachorro. Desta forma, a identificação com a figura masculina é obtida através da figura do avô, que Pedrinho sente ter a potência almejada (moto super bonita). Finaliza a sessão lúdica comunicando que o menino cresce e trabalha (torna-se independente), e o cão indesejado (aspectos agressivos de Pedrinho) se torna cão de guarda. Ambos ficam fortes e cuidam um do outro.

4.1.9 A Entrevista Familiar Diagnóstica

No dia agendado para a entrevista familiar diagnóstica chegaram, com cinco minutos de atraso, Joana, Mônica, sua irmã e Pedrinho. Fui até a sala de espera chamá-los e, nesse momento, todos se levantaram, menos a irmã de Mônica. Joana explicou que ela iria ficar guardando as bolsas. Pedrinho, parecendo mais animado do que no dia da sessão lúdica, foi andando rápido e, ao chegar à sala, dirigiu-se rapidamente à caixa lúdica. Joana se sentou no divã e pegou o jogo UNO. Mônica ficou em pé, parada no meio da sala. Parecia sem lugar.

Pedrinho pegou o jogo de palitos e chamou Mônica para jogar. Sentaram-se no chão. Nesse momento, Joana ficou visivelmente incomodada e permaneceu olhando para a caixa do UNO e para Mônica e Pedrinho jogando. Depois, foi até a caixa lúdica, pegou o dominó, sentou-se ao lado deles e chamou Pedrinho para jogar. Ele se dirigiu imediatamente à mãe e deixou Mônica no meio do jogo, visivelmente desconcertada. Então, Joana disse a Pedrinho: *“Vai, pega a carta! Não tá vendo?”*.

Em seguida, Pedrinho abandonou o jogo e falou para a mãe, muito entusiasmado: *“Mãe, essa é a família de bonecos que eu te falei!”*. Começou a tirar os bonecos do saquinho e pegou o menino e o cachorro. Joana perguntou quem eram eles e Pedrinho respondeu que era Pipoca (sua cachorra) e deu risada. Nesse instante, o menino perguntou à Joana quem ela iria ser dos bonecos e ela, parecendo confusa com a pergunta, pegou a boneca filha (terceira geração), irmã do menino-boneco que era manuseado por Pedrinho. Em seguida, deixou a boneca jovem e pegou a boneca avó (primeira geração). Depois, deixou a boneca avó e pegou a boneca mãe (segunda geração). Mônica pegou a boneca avó.

Nesse momento, Pedrinho pegou o carrinho de madeira, colocou dentro dele o seu boneco e o cachorro e disse à Joana que iriam viajar. Joana ficou visivelmente angustiada e disse que ele não cabia naquele carro. Arrancou o boneco de dentro do carrinho, mas Pedrinho voltou a colocá-lo, dizendo que eles iriam viajar pelo mundo e que não voltariam mais porque haviam ganhado na loteria. Joana disse a ele: *“Mas você vai sozinho? Não vai me levar junto? Duvido que consiga ir sozinho. Não consegue nem ficar à noite em casa*

sozinho. Tem medo de tudo” Este diálogo se repetiu mais alguns instantes entre eles. Em seguida, Pedrinho colocou o bebê nos braços do boneco-mãe (Joana) e disse: “*Você se esqueceu do bebê.*” E ela respondeu sorrindo: “*Não. A mãe não quer o bebê*”, e o colocou ao lado. Depois, Joana pegou o fantoche de Chapeuzinho Vermelho e disse, através dele, que Pedrinho não iria viajar porque morria de medo de ficar sozinho. Pedrinho pegou o fantoche do Lobo Mau e disse que se ela não ficasse quieta ele iria comê-la. Nesse instante, eles começaram a “brigar” com os fantoches. Em seguida, Pedrinho pegou o papel sulfite e fez dois desenhos. No primeiro, desenhou um caçador indígena que tentava pegar um pica-pau arteiro e imbatível. O caçador preparava o caldeirão para cozinhar o pica-pau que ele dizia ser igual àquele do desenho animado.

Figura 9. Primeiro desenho produzido por Pedrinho na EFD

No segundo, ele desenhou um homem das cavernas conversando com o mesmo caçador do primeiro desenho.

Figura 10. Segundo desenho produzido por Pedrinho na EFD

Neste instante, Joana e Mônica diziam para Pedrinho tomar cuidado para não sujar a sala com as pontas de lápis que ele apontava. Minutos depois, Mônica pegou o boneco da avó e a colocou no carro dizendo que iria dar uma voltinha. Pedrinho, com o fantoche de Lobo Mau na mão, disse que ela não iria a lugar algum porque poderia não voltar mais. Em seguida, falou para Mônica: “*Se você for, eu mato você!*”. Mônica então disse que só ia dar uma volta e que não iria embora para sempre. Então Joana disse: “*Mas e se a vovó arrumar um namorado?*” Pedrinho gritou: “*Não quero*”. Mônica disse tentando acalmá-lo: “*Mas eu não vou embora. Vou ficar aqui.*” Por fim, Pedrinho disse: “*Cansei, vou matar a tia Mônica.*” Pegou a espada de dentro da caixa. Joana pegou a outra espada e ambos começaram a bater uma espada na outra. Nesse momento, em que o tempo da EFD já havia quase se encerrado, o clima da sessão era muito tenso, havendo o perigo real de eles acertarem o olho um do outro.

4.1.10 Interpretação da EFD

Na sala, enquanto Joana se senta no divã, Mônica permanece em pé indicando o seu sentimento de não ter lugar na relação entre Joana e Pedrinho. Contudo, este vai ao encontro dela e ambos começam a jogar juntos. Entretanto, Joana não suporta ocupar o lugar da excluída e avistar a relação prazerosa entre Mônica e Pedrinho. Por isso, interfere na dupla e ordena que Pedrinho vá jogar com ela. Mas Pedrinho logo interrompe o jogo com Joana, satisfeito por ter encontrado as duas figuras que foram tão importantes em sua sessão lúdica – o menino boneco e o cachorro. Neste instante, parece ávido por apresentar à Joana personagens importantes de seu mundo interno. Ele pergunta a ela com quem se identifica em termos geracionais, com a cuidadora (mãe) ou com a cuidada (filha), e Joana fica em dúvida, não sabendo ao certo qual a sua posição na família. Pedrinho então apresenta a ela o seu desejo de viajar com o seu cachorro e conhecer novos continentes e Joana se amedronta. Entretanto, projeta o seu temor e insegurança em Pedrinho fazendo questão de lembrar a ele o seu receio (na verdade, o receio dela). Este é um momento dramático da sessão, pois buscando se defender de seu medo de ficar só, Joana devolve a ele uma imagem de fragilidade (dele) para que ele não tenha condições de deixá-la,

demonstrando toda a sua ambivalência de sentimentos em relação a ele. Então, Pedrinho faz questão de lembrar que ela se esqueceu do bebê (ou de sua função de materno o bebê) e ela reafirma que não o quer. Neste momento, Pedrinho expressa a sua frustração, brigando com a mãe através dos fantoches. Diante desta situação tensa e difícil, Mônica expressa o seu desejo de partir, mas agora é Pedrinho que se apavora porque sente que não pode ficar só. Mônica o acalma. Nesse instante, Pedrinho diz que quer matá-la porque ela quer deixá-lo, sendo este um modo de dizer que ele a ama e que teme ficar sem ela.

4.1.11 Síntese do caso

Pedrinho expressou na hora lúdica o seu temor de que o contato com os seus impulsos redundasse em uma atuação incontida de sua agressividade. Por isso, Pedrinho precisa de ajuda: para que sua destrutividade se torne humanizada.

Como já abordado anteriormente, Pedrinho funciona como objeto-calmante de sua mãe biológica. Sendo assim, falta a ele um continente que possa lhe dar segurança para avançar, sem maiores turbulências, nas suas vivências pulsionais. Nesse sentido, é Mônica quem se apresenta a ele como este objeto seguro e estável, mais do que sua mãe biológica. Por isso, ele fica com muito medo de perdê-la para sempre. Nota-se, portanto, que Pedrinho, assim como Joana, necessita do objeto real presente para se sentir seguro, o que faz pensar em possíveis falhas na introjeção de uma figura continente estável dentro deles. Entretanto, na medida em que Pedrinho se aproxima de Mônica, Joana sente-se excluída.

Esta problemática familiar, na qual Pedrinho ocupa lugar central, ficou bastante evidente na EF-D, realizada com todos os membros da família. Já na sala, Pedrinho convida Mônica para jogar, e Joana (claramente irritada) fica excluída da brincadeira. Minutos depois, não suportando a exclusão, Joana chama Pedrinho para jogar com ela, pedindo que o menino atende, deixando agora Mônica “de fora”.

Em outro momento da entrevista, Pedrinho encena que o menino boneco vai viajar sozinho com o seu cachorro, ou seja, sente que se suas necessidades de continência e dependência não são supridas, de nada vale ficar com a família. Neste momento, Joana arranca com violência o menino do carrinho e diz: *“Você não tem condições de viajar*

sozinho. Tem medo de tudo”, o que poderia ser interpretado como ela própria dizendo que não consegue viajar (estar) sozinha. Pedrinho responde, irritado, que não ia mais voltar porque tinha ganhado na loteria, ou seja, que não precisava mais da mãe. Iria embora para sempre, o que aponta para o seu desejo de crescer, escapando à prisão materna. Mais tarde, foi a vez de Mônica mostrar o seu desejo de ir embora por se sentir magoada e excluída por Joana: pega o boneco da vovó e diz que vai passear no *shopping*. Nesse momento, é Pedrinho quem se desespera, pega o lobo-mau e diz que se ela sair dali, ele vai matá-la. Mônica recua, mas Joana, provavelmente desejando o afastamento da companheira, pergunta a Pedrinho: “*E se ela arrumar um namorado?*”. Pedrinho responde: “*Eu mato ela*”.

Diante desta situação, depreende-se que Pedrinho sofre por necessitar controlar o objeto e vive ameaçado com a possibilidade de perdê-lo. No caso específico dessa criança, não é possível prever exatamente quais as implicações emocionais desta situação familiar, uma vez que a mente é tão plástica e dinâmica que as saídas e soluções de compromisso que ela faz são infundáveis, mas é possível hipotetizar que Pedrinho já vem encontrando algumas dificuldades no sentido de desenvolver dentro de si um continente capaz de conter suas próprias angústias, permitindo a ele não ficar tão dependente da figura concreta de Mônica nos momentos de maior tensão interna.

4.1.12 Interloções com a literatura

A hipótese considerada na compreensão dos dados é a de que Joana permaneceu com alguma dificuldade em avançar em seu desenvolvimento emocional, o que a impede de vivenciar relações afetivas de forma menos temerosa. Ao que tudo indica, ela parece ter superado sem maiores frustrações nem fixações demasiado grandes o momento das relações iniciais e precoces com a mãe, mas parece ter encontrado dificuldades em vivenciar relações triangulares e edípicas (Bergeret, 1998). Assim, entrou abruptamente numa situação edipiana, tendo dificuldades em negociar uma relação triangular e genital com seus objetos internos.

Ela parece ter significado a adoção de um irmão, feita pela mãe na mesma época de seu nascimento, como algo que tirou de si mesma a atenção da genitora. Também se sugere que não há dentro dela objetos plenamente diferenciados do ponto de vista sexual, o que ficou expresso particularmente no DF-E. Com isso, ela tem dificuldades de vivenciar uma relação sexual com Mônica, algo que ocorreu particularmente após o nascimento de Pedrinho. Assim, sua relação de objeto permaneceu centrada na dependência do outro, temendo constantemente sua perda concreta. No caso de Joana, embora seja capaz de levar uma vida relativamente satisfatória do ponto de vista adaptativo, parece apresentar uma fragilidade com relação ao sentimento de existir no mundo, permanecendo demasiadamente dependente da realidade exterior e do objeto. Ao mesmo tempo, necessita manter uma distância ótima em relação aos objetos para lidar com as angústias decorrentes da dependência: não consegue romper a relação com Mônica, mas também não consegue confiar nela. Do mesmo modo com Pedrinho, tem-no como objeto seguro ao mesmo tempo em que ele lhe provoca explosões de cólera e ódio.

Bergeret (1998) argumenta que nestes casos a pessoa permanece centrada na dependência anaclítica do outro, sendo que o perigo primordial contra o qual se luta é a depressão pela perda do objeto. Segundo ele, pessoas cujo psiquismo está funcionando com base no estado limítrofe possuem dois registros: um adaptativo, ou seja, centrado no campo relacional que não apresenta ameaça para o indivíduo, e outro anaclítico, em que se vivencia a ameaça da perda objetual. Este registro irá surgir particularmente nas relações afetivas significativas da pessoa, como é o caso de Joana no contato com Mônica e Pedrinho. Desta forma, a pessoa irá prosseguir “se desenvolvendo” sem nunca ter constituído realmente um sentimento de existência sólido, permanecendo demasiadamente dependente da realidade exterior e do objeto.

Diante dessa dinâmica emocional, pode-se pensar que Joana concebe seus objetos (Mônica, Pedrinho, o pai de Pedrinho etc.) não como sexuados, mas como objetos calmantes. No caso de Mônica, esta realmente se apresenta à Joana como um objeto seguro, que estará sempre lá, independente do que ela fizer. Diante destas fragilidades, Joana não pode se oferecer a Pedrinho como um objeto relativamente seguro, ficando esta tarefa a cargo de Mônica.

Por sua vez, Mônica, a partir de sua experiência de ter sido abandonada pelo pai, considera a figura masculina e paterna pouco confiável e frustrante. Klein (1975/1997)

descreveu que um dos fatores inconscientes que podem culminar na homossexualidade feminina diz respeito ao desejo que toda menina carrega em suas vivências edípicas precoces de ter um pênis curativo ou mágico para restaurar os danos que em fantasia causou à mãe. Segundo Klein, se a menina sente que o pai ficou destituído de valor dentro de si, como foi o caso de Mônica, ela poderá desenvolver uma atitude homossexual diante da mãe, ocupando o lugar do pai. Continuando, Klein afirma que se a menina tem uma crença básica de que seus pais internos podem ser restaurados e permanecer unidos e em harmonia, ela poderá adquirir uma posição feminina e restauradora diante do corpo materno, produzindo bebês, por exemplo, já que seu interior passa a ser sentido como contendo bons objetos. No caso de Mônica, fica patente, particularmente no DF-E, que esta crença na união de seu casal parental interno ficou prejudicada, uma vez que ela sentia que neste casal não havia harmonia.

Pedrinho, por outro lado, apresenta uma dependência grande de Mônica a ponto de ficar apavorado quando ela tem que sair para trabalhar. O seu temor é de que ela não volte mais. Assim, necessita de um objeto externo para acalmá-lo. Bion (1962/1991) assevera que o aparelho para pensar é originalmente um procedimento para descarregar a psique do acréscimo de estímulos, e que é com a função alfa desenvolvida que tais estímulos, ao invés de serem evacuados, podem servir de “tijolos” para que os pensamentos possam nascer. No caso da criança pequena, a construção da função alfa depende, basicamente, de dois aspectos fundamentais: do grau de tolerância inato da criança à frustração e da capacidade da mãe de reagir empaticamente aos sentimentos que a criança provoca nela, via identificação projetiva. Ainda nesse sentido, segundo Bion, no início um seio ausente ou um seio que apresenta o leite, mas não ama a criança, é sentido como um seio mau. Portanto, para ele, o componente mental requer um processo análogo ao da digestão e é a mãe que auxilia o bebê a digerir seus impulsos através do que ele chamou de *rêverie*. A capacidade de *rêverie* da mãe estaria ligada à sua habilidade de satisfazer a criança nos aspectos de amor e de compreensão, deixando disponível a ela sua própria função alfa desenvolvida. Segundo ele, se a mãe que amamenta não permite a *rêverie*, ou se a *rêverie* é permitida, mas não é associada com o amor pela criança ou pelo pai desta, esse fato será comunicado ao lactente, mesmo que isso seja incompreensível para ele. O que ocorre nessa dupla dependerá, portanto, do impacto que as qualidades psíquicas maternas têm sobre as

características da criança, que podem ser ou não modificadas através da função alfa da mãe.

Tomando como base estas concepções de Bion, o desenvolvimento da função *alfa* de Pedrinho parece insuficiente para metabolizar seus impulsos, que se transformam em terrores. Por isso, ele necessita “emprestar” a capacidade empática de Mônica. Nesse sentido, Bion afirma que o não desenvolvimento da função alfa faz com que a pessoa “use” os pensamentos como coisas e não como elementos que se articulam para formar um pensamento verdadeiro. Ele também assevera que pessoas, com carência de função alfa, não podem nem dormir, nem acordar. Ao contrário, permanecem em constante estado de alerta, já que a barreira de contato que faria a função de proteger a mente do excesso de estímulos não funciona a contento. Isso parece ocorrer parcialmente com Pedrinho que se encontra sempre assustado e com medo de que Mônica vá embora e que “*fiquem sem combustível na estrada*”, menção esta que pode ser compreendida, portanto, como seu medo de ficar sem recursos internos que possam ajudá-lo em seu desenvolvimento.

4.2 Flora, Maria, Beatriz e Davi

O contato com Flora e Maria foi realizado por intermédio da advogada do casal que, na época, solicitava na Justiça o direito pelo reconhecimento da dupla maternidade: Flora havia doado seu óvulo que fora fecundado por um doador anônimo e implantado em Maria. No primeiro contato com Flora, ela solicitou sutilmente que o encontro acontecesse rapidamente. Foi, então, agendada a entrevista em um sábado às onze horas da manhã.

Na casa, que ficava na parte de cima de um sobrado, Maria estava no quarto com os dois bebês na cama, trocando um deles. Beatriz era uma menina linda e muito ativa. Seus olhos eram vibrantes e parecia estar muito atenta ao movimento da casa. Davi estava deitado na cama: ele não conseguia sustentar o corpinho, seus olhos eram estrábicos e não era ativo como Beatriz. Flora contou que ele tinha uma síndrome chamada Defeito Congênito de Glicolização (CDG tipo 1). Trata-se de uma síndrome rara em que a criança não metaboliza glicose e, portanto, não consegue se desenvolver. O diagnóstico ocorreu depois de dois meses de visitas contínuas a vários médicos. Essa síndrome também não era

algo passível de ser diagnosticado na gravidez. Há no mundo somente 650 casos como o dele e alguns médicos disseram a elas que 20% das crianças com esta síndrome não conseguem ultrapassar o segundo ano de vida. Ao ser proposto a elas a realização da entrevista individual, elas disseram que preferiam estar juntas durante todas as atividades porque “*o que uma sabia, a outra sabia*”.

4.2.1 A entrevista com Flora e Maria

Flora foi preparar a papinha dos bebês com Davi no colo, enquanto Maria permaneceu sentada no sofá tentando conter a curiosidade de Beatriz acerca do colar da pesquisadora. Beatriz conseguiu escapar dos braços de Maria e veio na direção da pesquisadora, que lhe disse para não ficar preocupada. Maria pareceu se tranquilizar.

Flora contou que elas se conheceram através de uma amiga de Maria, que inicialmente fora paquerada por Flora, mas que era heterossexual. Ambas passaram meses trocando mensagens no MSN, sem se conhecer pessoalmente. Ao se encontrarem, descobriram que tinham muitas afinidades. Seis meses depois, estavam morando juntas. Maria disse ter sofrido algumas decepções amorosas com homens em sua adolescência e nesta época descobriu que gostava de mulheres. Já Flora nunca havia se envolvido com homens. Ambas contaram que não tiveram bons modelos masculinos e que nenhum homem era fiel na concepção delas. A relação com os pais, segundo elas, também foi marcada por sentimentos de decepção, sendo que o pai de Flora abandonou a família quando ela tinha 12 anos para viver com outra mulher em um país distante, e o pai de Maria se separou de sua mãe também quando ela tinha 12 anos e, segundo ela, nunca foi presente em sua vida. Flora continuou e disse que nunca havia achado um homem com quem valesse a pena se relacionar e quando começou a se relacionar com mulheres, encontrou nelas uma cumplicidade e semelhança grandes. Maria acrescentou: “*Homem só pensa no próprio prazer. Mulher sabe em si o que é prazeroso, então quer dar prazer à parceira também*”.

Tanto a homossexualidade como a decisão pela inseminação artificial não foram aceitas de imediato pela família de ambas, apesar de atualmente suas mães terem superado

as resistências. Relataram também que um desejo que compartilhavam era o de ter uma família unida e feliz. Ambas desejavam ter um filho com a ajuda da medicina reprodutiva porque assim ele “*teria um pedacinho de cada uma*”, o que era impossível até conhecerem o médico que fez a inseminação artificial. Quando perguntado se elas pensaram em adoção, Flora disse que sim, mas que seria um processo muito demorado e com chances de não dar certo, já que, segundo ela, nós vivemos “*num País muito preconceituoso*” e elas não queriam esperar muito.

Em relação às crianças, Maria descreveu ter sentido muita angústia ao chegar da maternidade por “*não saber o que iria fazer com aqueles dois bebês*” Sobre a amamentação, ela contou que “*Beatriz roubava todo o leite de Davi porque era muito fominha*” e que, como era muito difícil dar leite para os dois, logo eles acabaram indo para a mamadeira. Maria descreveu Beatriz como uma menina muito “*ativa, comilona e birrenta*” e complementou dizendo que, apesar disso, “*todos ali tinham uma ligação muito forte*”. Disse que, se pudesse, teria amamentado por mais tempo. Com relação a pergunta sobre qual delas desempenhava mais a função materna, elas disseram que por uma questão de tempo, se dividiam bem entre as atividades e que não havia e uma que fosse mais acolhedora e outra mais “*durona*”. Ambas eram “*duronas*” e meio bravas com as crianças. Maria contou que havia começado a deixar Beatriz chorando no berço porque estava fazendo manha, enquanto Flora não conseguia fazer isso. Flora disse que se fosse um só bebê, talvez esta diferenciação entre função paterna e materna apareceria mais, mas que elas tentavam se dividir ao máximo para não ter apego mais de um ou de outro a elas. Inclusive, elas dividiam o dia da Beatriz e do Davi. Se no dia anterior era Flora quem tinha cuidado de Beatriz, no outro seria Maria, tudo para que eles não se acostumassem com uma pessoa só. Maria disse que logo queria pôr Beatriz na escolinha, mas sua mãe era contra e achava muito cedo para isso.

Neste momento, Davi já havia sido colocado no berço e Beatriz lutava contra o sono, parecendo muito ansiosa. Logo, Beatriz foi levada por Flora para a casa da avó (mãe de Maria), que ficava no andar de baixo da casa do casal.

Com relação à rotina delas, Flora contou que depois que descobriram a doença de Davi, ela deixou o emprego para cuidar dele. Ao todo eram doze médicos e mais a fisioterapia. Contou ainda que quase todos os dias tinha que levar Davi em algum médico e que isso durava o dia todo. Quanto à Maria, ela permanecia trabalhando em casa com

vendas pelo telefone. À noite e aos finais de semana, elas se dividiam no cuidado com as crianças. Disseram que ao saber dos problemas de Davi, a primeira reação foi de revolta e se questionaram: *“Por que eu? Por que justo comigo? Será que fizemos alguma coisa errada e por isso aconteceu com a gente?”*.

Contaram também sobre as características que escolheram quanto ao doador anônimo: queriam que ele tivesse características físicas semelhantes às de Maria, que era negra. Entretanto, por algum “erro” da clínica de fertilização, as crianças nasceram *“brancas e de cabelos claros”*, portanto diferentes de Maria (mãe gestacional) e parecidas com Flora (mãe biológica).

Ao final da conversa, Flora disse que Beatriz talvez fosse precisar de análise no futuro, pois era muito ansiosa. Por fim, falou do seu desejo de mudar de cidade e ir para um lugar onde pudessem *“sair às ruas tranquilamente, sem tanto medo da violência”*.

4.2.2 Aplicação e interpretação do DF-E de Maria⁷

Maria foi a primeira a desenhar. Ambas permaneceram na sala, observando a tarefa enquanto a outra desenhava e fazia as associações, que eram comentadas por ambas.

Primeira unidade de produção

Na primeira unidade de produção (família qualquer), Maria ficou visivelmente angustiada e repetiu várias vezes que não sabia desenhar, que era péssima em desenhos e que fazia vários garranchos. Pensativa, perguntou se poderia desenhar a sua família e lhe foi respondido para fazer do modo como achasse melhor. Desenhou Flora em primeiro lugar, depois a si mesma e, ao lado dela, Beatriz e Davi. Quando havia terminado esta primeira unidade, ela notou que deixou de desenhar as bocas dos filhos. Neste momento, desenhou as boquinhas e contou que Beatriz está dando os primeiros balbucios.

⁷ Embora o procedimento de Desenho de Famílias com Estória pressuponha uma aplicação individual, decidiu-se neste caso preservar o desejo do casal de realizá-lo na presença uma da outra. Com isso, reservas devem ser feitas com relação ao alcance das interpretações.

Figura 11. Primeira unidade de produção de Maria no DF-E

Estória

A estória contada foi a seguinte: *“Meu príncipe anda, cuida das mamães e é amigo da irmã. É uma família diferente, mas que tem muito amor dentro”*. O título é “Amor incondicional” ou “Amor de mãe”.

Interpretação

Diante do convite para desenhar Maria se angustia temendo vivenciar a regressão que a atividade lúdica do desenho propicia. Desta forma, teme que, diante do mergulho em si, nada de bom ou bonito surja, somente garranchos e produções feias/sem valor. Em seguida, desenha sua família. Ressalta-se que em seu desenho todos os membros femininos se vestem igual, com um vestido rosa, o que aponta para uma dificuldade de Maria poder realizar discriminações entre ela e Flora e entre ela e Beatriz. Nesse sentido, Maria comunica sua dificuldade em lidar com o crescimento e diferenciação dos filhos quando se esquece de desenhar a boca das crianças, hipótese que se confirma quando ela comenta que Beatriz está dando os primeiros balbucios. Na estória, Maria expressa o seu anseio para que Davi caminhe e, no futuro, cuide de suas mães. Assim, ela conta de sua dor ao se deparar com a dura realidade da doença do filho. Em seguida, reafirma para si mesma que, mesmo fazendo parte de uma família diferente (homossexual), há muito amor ali.

Segunda unidade de produção

No segundo desenho, Maria disse que a família que gostaria de ter era aquela que havia desenhado anteriormente, portanto não precisaria fazê-lo.

Terceira unidade de produção

Na terceira unidade de produção (família em que alguém não está bem), ficou pensativa e disse: “*Não vou pôr a minha família, porque aqui todo mundo está bem*” e depois perguntou: “*Fisicamente ou psicologicamente?*” Desenhou uma pessoa chorando e contou que ela era uma mulher casada com um homem, numa relação que não estava bem: “*Ela tem um relacionamento com uma mulher de longe. Ela precisa sair do seu mundinho e assumir a companheira*”. Não soube dar um título a esta estória.

Figura 12. Terceira unidade de produção de Maria no DF-E

Interpretação:

Nesta unidade de produção, surge uma confirmação da hipótese apresentada na primeira unidade acerca da ambivalência de Maria em relação a fazer parte de uma “*família diferente*”. Assim, em primeiro lugar, ela rejeita a ideia de localizar possíveis dificuldades emocionais em sua própria família porque “*ali está todo mundo bem*”, projetando-as longe de si. Na estória, conta que esta é uma mulher casada que não consegue assumir a companheira, ou seja, comunica a vivência de sua ambivalência em relação a assumir sua “*família diferente*” (sua homossexualidade). Maria conta que, ao mesmo tempo em que esta mulher não está bem com o marido, ou seja, que não consegue

viver uma relação satisfatória com ele, também não consegue “*assumir*” uma mulher, permanecendo num campo em que qualquer relação afetiva, seja ela com um homem ou com uma mulher, fica dificultada.

Quarta unidade de produção

Não fez o último desenho (sua família) alegando ser igual ao primeiro.

4.2.3 Aplicação e interpretação do DF-E de Flora

Flora sentou-se confortavelmente no sofá e preparou uma caixa que colocou no colo para poder apoiar as folhas de papel. Parecia à vontade com o pedido para desenhar.

Primeira unidade de produção

No primeiro desenho (família qualquer), fez ela própria ao lado de Beatriz, que por sua vez estava ao lado de Davi, e este, de Maria. Todos estavam unidos pelas mãos e as crianças estavam no meio do casal, que carregava uma flor.

Figura 13. Primeira unidade de produção de Flora no DF-E

Estória

Na estória, disse se tratar de uma família amorosa, que se amava: “*No futuro, as crianças crescem, têm filhos e a família vai aumentando mais e mais. Os filhos vão tendo outros filhos e fica uma família bem grande*”. O título é “Família feliz”.

Interpretação

Um primeiro aspecto que chama a atenção no desenho é que todos os membros familiares estão unidos pelas mãos e o casal está separado pelas crianças, o que pode apontar para um sentimento de que ligação entre Flora e Maria ocorre por intermédio dos filhos. Além disso, o desenho de Flora é carregado de aspectos “amorosos”, tais como os corações e as flores, o que pode indicar que ela se esforça para manter longe de sua família aspectos agressivos que, caso eclodam, podem “estragar” as relações familiares, em sua visão idealizada. Tal percepção é confirmada em sua estória quando diz que esta é uma família amorosa que vai “*aumentando mais e mais*”. Com isso, ela fala de seu desejo de que os membros de sua família possam permanecer para sempre ligados entre si através de bons sentimentos e que, portanto, ela própria não deseja ter que suportar vivenciar separações.

Segunda unidade de produção

No segundo desenho (família que gostaria de ter), disse que faria o mesmo desenho anterior.

Terceira unidade de produção

Na terceira unidade de produção (família em que alguém não está bem), desenhou uma figura “andrógena” com uma flor despedaçada na mão.

Figura 14. Terceira unidade de produção de Flora no DF-E

Estória

Na estória disse que esta figura era sua mãe. *“É sozinha e fria, não se permite ser amada pelas pessoas e só olha para as coisas negativas. Perdeu tudo na vida e não conseguiu se recuperar”*. Quando perguntada sobre o que a fazia perder a força, ela disse: *“A separação. No futuro ela continua triste, fria e distante porque desistiu de viver”*. Ela disse que esta flor era a mesma da outra estória, mas que naquela ela estava vibrante e nesta estava morta. O título é: “Eu desisti”.

Interpretação

Flora desenha nesta unidade de produção uma figura “andrógena”, ou seja, uma figura em que se combinam, ao mesmo tempo, traços masculinos e femininos, tornando impossível saber se se trata, num primeiro momento, de um homem ou de uma mulher. Na estória, ela conta que esta é sua mãe, uma mulher descrita por ela como “fria” e “negativa”, ou seja, uma figura materna desvitalizada. Neste sentido, Flora descreve a mãe como uma mulher desprovida de sensualidade e de afetividade: uma pessoa em que não se reconhecem capacidades femininas. Questionada sobre a causa da frieza e negatividade da figura, Flora a atribui à “separação” (no caso de sua mãe, a separação entre ela e seu pai), mostrando que esta pode acarretar a morte e a desvitalização de seus objetos internos.

Entretanto, ela também diz possuir aspectos diferenciados deste objeto materno internalizado, quando diz que esta flor é diferente da que desenhou na primeira unidade de produção (“*esta está morta; aquela, vibrante*”). Este seria o seu grande conflito mobilizador: a luta entre aspectos construtivos e reparadores internos e aspectos que sucumbem às frustrações, tal como sente ter ocorrido com sua mãe.

Quarta unidade de produção

Não realizou o último desenho (sua família) dizendo que seria igual ao primeiro.

4.2.4 Síntese do caso

As informações obtidas na entrevista e no DF-E sugerem que a angústia primordial com que se debatem Flora e Maria é a da separação. Assim, durante todo o encontro com a pesquisadora que durou cerca de quatro horas, elas permaneceram juntas alegando que “*o que uma sabia, a outra também sabia*”. Ao falar que optaram por se relacionar com pessoas do mesmo sexo porque “*elas sabiam exatamente o que uma mulher desejava*”, apontam para um anseio de viver um encontro pleno e ideal, em que o desejo de uma é *exatamente* o da outra. A figura paterna (masculina) internalizada por ambas permaneceu denegrida e, portanto, rechaçada, culminando no sentimento de que os homens são “*pouco confiáveis*”: é por causa desta introjeção falha da figura masculina que ambas valorizam tanto o vínculo entre iguais.

A mãe, no caso de Flora, é sentida como uma figura desvitalizada e que sucumbe à depressão diante do abandono do pai, tal como aparece na terceira unidade de produção do DF-E. Flora aponta, portanto, para o seu próprio temor de sucumbir à depressão e à desvitalização diante da perda do objeto. Na tentativa de buscar este “objeto plenamente seguro” em outra pessoa, no caso em Maria, o faz buscando seu “igual”, pelo menos na fantasia. Vale ressaltar que Flora nunca teve “dúvidas” sobre a sua homossexualidade. Já Maria, que vivera um longo relacionamento heterossexual anterior e com o qual se frustrara, volta-se também à homossexualidade buscando resgatar este “igual”, numa tentativa de viver uma relação em que os desencontros e as frustrações não existam. Diante

disso, é possível observar, no caso de Maria, uma vivência ambivalente em relação à sua homossexualidade, tal como se expressa na terceira unidade de produção do DF-E (“mulher que não pode assumir os seus desejos e que fica aprisionada em seu mundo seguro”). Com isso, parece querer mostrar que ela própria opta por permanecer em um mundo seguro (igual) para não correr os riscos que o diferente traz.

Com o nascimento dos bebês, inicia-se outra etapa na relação do casal. Nesse segundo momento, enquanto Davi conta com poucos recursos para se desenvolver, pois não anda, não se sustenta, não engatinha e, portanto, depende absolutamente do cuidado do outro, Beatriz, exigente em suas necessidades de descobrir o mundo, é descrita por Maria como “birrenta e comilona”. Nesse sentido, é possível considerar que a relação estabelecida com Beatriz é mais tensa do que a mantida com Davi, já que o mesmo não traz ameaças em relação a possíveis separações. Assim, a manutenção da fusão com Beatriz fica mais árdua, já que a menina busca com vivacidade se separar das mães. Apesar desta dificuldade, busca estabelecer com as crianças uma relação de justiça oferecendo exatamente o mesmo a um e a outro, numa tentativa de evitar o surgimento da rivalidade e da inveja.

Com isso, enquanto o crescimento e desenvolvimento de Beatriz faz emergir no casal as suas angústias relacionadas à separação, a condição de saúde debilitada de Davi fomenta a dependência. Desta forma, o crescimento e desenvolvimento das crianças é vivido com certa ambivalência, conforme aparece particularmente na primeira unidade de produção de Maria, quando ela conta a seguinte estória sobre Davi: “meu príncipe anda, cuida das mamães e se dá bem com a irmã”. Nota-se que nesta comunicação de Maria as crianças crescem, mas não se tornam autônomas. Ao contrário, permanecem na família cuidando das mães, ao invés de irem embora para constituir suas próprias famílias, sendo o desejo de Maria que Davi repare a experiência negativa que ela teve com o próprio pai. Assim, apesar da figura masculina ser descrita por ambas com muita hostilidade e desconfiança, no caso de Davi, tal sentimento se transforma em idealização e amor incondicional, o que mostra o caráter defensivo dos sentimentos anteriores mantidos sobre a figura masculina, ou seja, apesar de Maria e Flora negarem a importância do pênis (figura masculina descrita de forma hostil), esta mesma figura é buscada em Davi.

É possível considerar que a forma como Flora e Maria buscaram concretizar o desejo da maternidade pode apontar para uma tentativa de negar a função

masculina/paterna na concepção de um terceiro (filho). Não obstante, há em Flora e Maria uma associação culposa entre a forma como Beatriz e Davi foram concebidos (prescindindo da relação sexual com o masculino) e o fato de Davi ter nascido com problemas genéticos. Assim, há um silencioso, mas muito presente sentimento de culpa em ambas, como se elas se perguntassem: será que foi porque infringimos o modo “natural” de conceber uma criança que Davi nasceu com problemas? Ainda nesse sentido, o médico que fez tal procedimento permanece sendo descrito por elas como um “mágico realizador de desejos”. Isso foi observado durante a entrevista tanto no modo idealizado como se referiam a ele e, principalmente, no movimento de ambas de indicarem o profissional para vários casais homossexuais que, como elas, tinham o sonho de serem mães.

Corroborando a interpretação dada acima, o terceiro (figura masculina que doou o sêmen, logo o pai das crianças) surge no relato delas não como alguém possuidor de vida e identidade própria, mas como algo abstrato e genérico do qual elas retiraram o sêmen para possibilitar seus desejos de criação. Nesse sentido, o doador não surge no relato como uma pessoa com identidade, nome, endereço e vida própria, mas como uma espécie de fantasma, o que remete a uma relação de objeto parcial mantida por elas com este doador anônimo. O dado de realidade, contrariando tal fantasia, só surge quando se deparam com a cor das crianças que nasceram brancas como Flora e, possivelmente, como o pai biológico, enquanto Maria (a mãe gestacional) é negra. Segundo Flora, elas solicitaram ao banco de sêmen um doador negro para que as crianças fossem parecidas com Maria, a mãe gestacional, mas provavelmente houve “algum engano” do banco e as crianças nasceram brancas, exatamente como era Flora.

Em resumo, pode-se concluir que Flora permanecera identificada com sua mãe, não podendo buscar o pai como figura amorosa, particularmente, porque ele a frustrou muito indo embora de casa quando ela tinha doze anos, deixando a mãe sozinha e deprimida. Sendo assim, ao mesmo tempo em que se sente diferente da mãe, tendo recursos internos para lidar com as perdas (flor que não murcha do DF-E), também se sente ameaçada diante da perda do objeto, temendo cair na mesma depressão melancólica que ela. Com relação à Maria, esta também parece apresentar uma figura paterna pouco confiável, mas, ao contrário de Flora, ela permanece num movimento de aproximações e recuos da figura masculina. Isso explica porque, na adolescência, envolveu-se com homens e também porque se mantém tão vinculada a Davi. Nota-se, portanto, que apesar de Maria ter deixado

de se relacionar afetivamente com homens e ido buscar numa mulher um relacionamento “sem turbulências”, ainda permanece viva a expectativa de que um dia, no futuro, ela seja cuidada por um homem. Este movimento ficou expresso na terceira unidade de produção do DF-E em que Maria descreve a situação de uma mulher que deve sair de seu “mundinho” e assumir a companhia. Tal dado aponta para sua ambivalência entre a homossexualidade e a busca por um homem.

4.2.5 Interloquções com a literatura

A partir de uma compreensão bioniana, Netto (1985) chama a atenção para que a homossexualidade é um arranjo que tem como propósito preencher o lugar deixado pelo objeto ideal e pela relação ideal com ele, sendo, portanto, uma forma de a mente se defender do crescimento mental, que só pode ser conquistado na medida em que se suporta a falta. Segundo ele, pelo fato de se tratar de duas pessoas supostamente iguais (em termos físicos), o arranjo homossexual serve para criar nos sujeitos envolvidos um estado (ilusório) de completa gratificação, algo que parece estar motivando em termos inconsciente a relação entre Flora e Maria. Assim, quando ambas argumentam que *só uma mulher sabe o que a outra deseja*, elas estão funcionando na mesma modalidade defensiva descrita por Netto, em que a igualdade física entre elas garante, pelo menos em tese, a ilusão de serem semelhantes e, portanto, de não terem que lidar com a falta que o diferente traz. O mesmo funcionamento se repete com os filhos quando elas afirmam que desejaram concebê-los daquela maneira (dupla maternidade) para que eles *tivessem um pedaço de cada uma*.

Nesse mesmo sentido, Ferro (2008) afirma que há uma forma de homossexualidade feminina que comporta um desejo de harmonia indiferenciada. No caso de Flora e Maria, esta homossexualidade tem a função de servir de barreira de proteção para amortecer as emoções das quais se teme uma irrupção violenta. Diante deste temor, tais emoções permanecem “letargizadas”. Assim, ambas amortecem as emoções violentas que poderiam experimentar caso se percebessem como duas pessoas diferentes. Isso explica porque

Maria permanece tão assustada com a voracidade de Beatriz e Flora deseja encontrar um lugar “mais calmo” para viver.

Uma das grandes discussões sobre os casais homossexuais é se eles terão ou não condição de oferecer aos seus filhos diferenciações em termos de masculino e feminino. Dito de outro modo, muitos autores discutem como numa família formada por homossexuais irá se compor a trama edípica dos filhos. Nesta cruzada, Dor (1991) e Legendre (2004), por exemplo, são mais radicais ao afirmarem que é necessário que haja diferenciação sexual física entre os pares (pênis e vagina) para que as diferenciações mentais entre os sexos possam ocorrer. Outra questão que eles levantam é quem, na ausência do pênis paterno, fará a interdição do desejo materno sobre o filho.

Nesse aspecto, Passos (2005) diz que um dos fatores fundantes que deve ocorrer em tais famílias para que elas não se tornem, de fato, nocivas, é um doloroso e profundo trabalho de luto pelo impedimento real de gerarem um filho sem o auxílio de um terceiro. Este processo, segundo ela, exige dois movimentos. O primeiro se refere especificamente a essas contradições vividas no interior de cada membro do casal entre o desejo de ter um filho e o impedimento real de gerá-lo sozinho, sem o auxílio de um terceiro. Trata-se de uma ferida narcísica necessária de ser elaborada por ambos os parceiros da relação, independente de se tratar de um casal de homens ou de mulheres. O segundo diz respeito ao esforço empreendido pelo casal no sentido de encontrar a forma menos ameaçadora de conceber este filho, ameaçadora no sentido de que, independente da modalidade escolhida, o casal deverá lidar com a impossibilidade real de gerá-lo sozinho. Nota-se que, no caso de Flora e Maria, a elaboração do luto pelo impedimento de ambas (duas mulheres) gerarem sozinhas um filho parece não ter ocorrido a contento. Desta forma, a figura do doador anônimo é significada por elas não como uma pessoa dotada de identidade própria (pessoa esta que um dia, no futuro, seus filhos poderiam desejar conhecer), mas coisificado em um sêmen (objeto parcial). Vale ressaltar que a negação da necessidade do outro só foi desfeita quando ambas se deparam com a cor dos bebês, diferente da cor de Maria.

Nesse sentido, parece que nos deparamos com um impasse: se na homossexualidade feminina o que há é uma intensa negação da importância da figura masculina devido à conflituosas edípicas pouco suportadas, como estas mulheres conseguirão apresentar a seus filhos, meninos ou meninas, uma figura masculina

preservada e não denegrida? Estas são questões para as quais ainda não encontramos respostas satisfatórias.

Passos (2005) continua afirmando que é importante que o casal possa incluir este terceiro, que auxilia na concretização do desejo de ter um filho, já que ele permanecerá no imaginário da família. É desta assimilação ou incorporação da presença deste outro que dependerá a formação dos laços afetivos com o filho. Nesse sentido, este outro imaginário pode se superpor aos pais. Em outros casos, pode comparecer como uma sombra enigmática que perturba o reconhecimento dos filhos e, num caso mais promissor, pode ser assimilado como elemento indispensável à realização do projeto de um casal. De qualquer forma, assumir esta falta por meio de um árduo processo de luto é fundamental para que os pais possam exercer sua parentalidade de maneira mais sólida já que, conforme argumenta Aulagnier (2004), o inconsciente não obedece à lógica da realidade. Ao contrário, nele é possível existir paradoxos e contradições, sendo que desejo e realidade se equivalem. No caso de Maria e Flora, a elaboração desse luto parece ter sido dificultada na medida em que ambas desejavam excluir e negar o papel do homem no ato gerador de um filho. Este tipo de funcionamento pode trazer complicações em termos de resoluções edipianas gerados nesta família.

Para Passos (2005), é a inserção da criança na cadeia de transmissão psíquica familiar que possibilitará a ela o ingresso na triangulação familiar e no universo da diferenciação sexual. Sendo assim, Passos recoloca as mesmas questões apontadas por Dor (1991) e Legendre (2004), mas agora não mais se assentando na hegemonia do poder paterno e no princípio de gênero e diferenciação sexual. No caso da família de Flora e Maria, é possível presumir que ambas terão dificuldades no futuro para apresentar à Beatriz e a Davi a figura masculina, necessária para suas vivências edipianas. A função do terceiro não precisaria ser necessariamente feita pelo fantasma do pai biológico das crianças, mas por outra figura, desde que Flora e Maria possam apresentá-la às crianças como uma figura masculina positiva e desejada, incluída na relação.

Passos (2005) continua argumentando que nesta nova ética familiar pouco importa se a triangulação é constituída por dois homens ou duas mulheres, pois o que importa para o jogo especular da triangulação edípica não é mais a identificação com o igual que exige a presença do diferente, mas o processamento psíquico do desejo dos pais, atrelado ao reordenamento que a própria criança faz da herança psíquica que lhe foi transmitida. É,

portanto, o responsável pela concepção biológica da criança aquele que fará a função simbólica, antes destinada ao pai. É este que não poderá mais ficar ausente do processo de subjetivação da criança. Segundo ela, só com a inserção do terceiro é que os pais poderão ocupar devidamente seus lugares e funções sem se sentirem perseguidos e ameaçados. É neste limite, conclui Passos (2005), que se ancora a diferenciação entre a mera reprodução biológica e a reprodução social da humanidade. Nesse sentido, o processamento psíquico do desejo de Flora e Maria estaria assentado na possibilidade de ambas assumirem verdadeiramente o seu desejo por um filho, mas também elaborarem (sem negações) o modo como este filho foi gerado.

4.3 Carla, Sofia e Harry

O contato com Carla foi feito através de sua sobrinha. Após o aceite do casal, foi combinado um encontro por e-mail que ocorreria quando ambas viessem de sua cidade visitar a sua família de origem. Segundo pedido delas, o encontro ocorreu na casa da própria sobrinha, apesar de ter sido oferecido o consultório da pesquisadora. No dia marcado, quando a pesquisadora chegou, a família estava almoçando. Havia um clima alegre no ar. Após alguns momentos, a sobrinha ofereceu o seu quarto para que a entrevista e o DF-E transcorresse. Neste momento, Carla disse que isso não seria necessário já que todos ali sabiam de sua vida. A pesquisadora insistiu que era importante irem para um lugar reservado para que tivessem certa privacidade. Carla disse que poderiam conversar todos juntos: Carla, Sofia, a pesquisadora e Harry. Mas a pesquisadora insistiu que o encontro fosse individual. Mesmo assim, o casal preferiu responder às técnicas em conjunto, concordando que Harry não participasse das atividades neste momento. Neste momento, a sobrinha de Carla fez menção de fechar a porta do quarto e Carla disse que não era necessário porque elas “*eram um livro aberto*”. Diante disso, a porta permaneceu aberta durante toda a entrevista, a qual foi interrompida uma única vez por Harry que veio perguntar à mãe onde estava sua Ritalina. Nos momentos que antecederam a conversa, bem como durante a mesma, houve um clima intenso de brincadeiras por parte de Carla e Sofia.

4.3.1 A entrevista com Carla e Sofia

Sofia iniciou contando que na adolescência tentou se relacionar com homens, mas sentia faltar alguma coisa. Dessa forma, passava um tempo com um rapaz, mas não conseguia se encontrar, sentindo nojo dos homens com os quais se relacionava. Neste mesmo período de sua vida, contou que teve algumas paixões por professoras e por amigas da escola, mas neste momento não sabia diferenciar se era paixão mesmo ou se era só admiração, já que era tudo muito confuso em sua cabeça. Então, um dia começou a entrar em salas de bate-papo de lésbicas e conheceu Carla. Marcaram de se encontrar. Neste momento da conversa, Sofia permaneceu um longo tempo explicando que sempre tivera pavor de mulheres que eram “*machões*” e que sua mãe sempre falava delas de um modo pejorativo. Neste momento, Carla a interrompeu e disse que foi exatamente por isso que, ao perceber o temor de Sofia em relação ao estereótipo da mulher masculina, produziu-se toda para encontrá-la, algo que não costumava fazer. Carla contou então que neste primeiro encontro colocou brincos, colar, passou batom e procurou ter muito respeito com Sofia, pois percebeu que ela estava assustada. Neste momento, Sofia a interrompeu para falar sobre como sua mãe era possessiva e “*grudada*” com ela, não a deixando respirar direito: “*O meu pai não falava nada, era mais parecido comigo, mas minha mãe sempre foi muito possessiva*”.

Carla complementou dizendo: “*Quando começamos a sair juntas, isso me incomodava muito na mãe dela, essa possessividade dela*”, e Sofia continuou: “*Então, marcamos de nos encontrar e eu levei um susto na hora em que a conheci. Ela não era nada daquilo que eu imaginava, não era uma mulher machão, era feminina, delicada, cuidadosa comigo, muito cuidadosa e sensível. Então, nesse dia a gente saiu pra tomar um suco, fomos ao shopping em que o filho dela estava com os amigos; aproveitei pra conhecer ele. Ela me apresentou como se eu fosse uma amiga dela. Depois a gente começou a se falar sempre. Teve um outro dia em que ela me levou num churrasco de amigas lésbicas dela. Fiquei com medo naquele dia*”.

Carla comentou sobre isso dizendo às gargalhadas: “*Ela ficou com medo de ser agarrada por alguma delas*”, e Sofia complementou: “*Então, depois desse churrasco, ela*

me levou pra casa dela. Não fizemos nada porque eu não era experiente nestas coisas. Tinha medo, não sabia como era beijar uma mulher. Então, ela foi super respeitosa e sensível comigo. Nem pegou na minha mão nesse dia”

Carla a interrompeu neste momento dizendo, novamente às gargalhadas: *“É. Eu fui super devagar com ela porque sabia que ela tinha medo, que era inexperiente nessa área, não era entendida. Então, eu fui devagar, até ela cair na minha. E olha só no que deu. Tá até hoje”*.

Sofia continuou: *“Depois disso, passamos a sair sempre, mas ninguém sabia. Aí teve uma traidora lá no meu trabalho (nesse momento Carla fala baixo: “É mesmo, aquela vagabunda!”) que começou a ligar em casa e a encher a cabeça dos meus pais. E os meus pais são muito religiosos, muito rígidos e tradicionais. Ela começou a falar que a Carla gostava de mulheres e que ia me levar pro mau caminho e que eles não estavam enxergando. Aí era horrível porque brigamos muito nessa época. Eu nunca contei nada pra eles. Minha mãe me batia, era horrível. Aí a Carla falou que ia processar ela”*.

Sofia continuou: *“Aí os meus pais decidiram voltar pra cidade deles e eu sai de casa, fui morar com a Carla. Mas os meus pais não sabem até hoje. O meu pai talvez até saiba, mas ele é muito discreto, não fala nada. Hoje em dia, a minha mãe é apaixonada por ela, se falam sempre pelo telefone, mas não se conhecem. Minha mãe tem medo de vir me visitar, eu acho”*. Neste momento, o clima era muito tenso, apesar de ambas, Carla e Sofia, continuarem rindo, quase às gargalhadas. Então Sofia disse: *“É isso. Essa é a minha história”*.

Nesse momento, a pesquisadora pediu para que Carla falasse, então, sobre a sua história, ao que ela respondeu: *“Ih, a minha história é muito mais louca do que a dela. Muito mais. Desde adolescente, eu tinha uma paixão fulminante por aquela cantora Simone. Eu sabia que ela se relacionava com aquela atriz Isis de Oliveira, então eu ficava fantasiando com elas o tempo todo. Tentei me relacionar com alguns homens, mas nunca deu certo. Parece que não encaixava. Aí eu conheci o pai do meu filho com 23 anos. Foi só com ele que eu perdi a virgindade. Ficamos um bom tempo namorando. Eu me dava muito bem com a família dele, sempre fui muito brincalhona, muito tranquila. Namoramos uns oito anos, só que nesse meio tempo eu me descobri, foi assim. Um dia a gente ia pra uma festa de uma irmã dele que estava estudando pra ser freira. Ela era cantora. Então eu cheguei na festa e vi ela no palco. Ela me viu e foi aquela coisa, aquela força puxando a*

gente uma pra outra. Foi uma coisa muito forte. Aí, como a família dele era muito religiosa, nesse dia no hotel colocaram a gente, eu e ela, pra dormir no mesmo quarto, porque eu e ele a gente não podia dormir junto. Ah, nesse dia foi a festa. Fizemos uma festa. Foi uma delícia. Eu ainda não sabia transar com uma mulher, ficamos só lá dando uns amassos, mas foi maravilhoso. Ficamos apaixonadas uma pela outra. Só que aí ela teve que ir embora. Eu fiquei muito mal nessa época. Inclusive fui internada num hospital por causa da depressão, queria morrer, não queria mais viver. Ela também ficou muito mal. Também queria morrer. Foi aí, um tempo depois, que a gente decidiu casar, a família dele já tava pressionando e tal. Casamos. E adivinha quem foi tocar no dia do casamento. Ela. Só que a família dele já tava desconfiando da gente, então num dia antes, no hotel, colocaram a gente pra dormir separadas; foi horrível. Me colocaram pra dormir com outra irmã dele. Fiquei frustrada porque tava sonhando com esse dia que a gente ia ficar junto de novo. Aí eu casei e foi a pior coisa da minha vida. Ele não me tratava bem. Logo em seguida, eu engravidei. E foi difícil também porque eu tinha pavor de ser mãe. Nunca tive vontade de ser mãe, mas eu engravidei. Eu tinha trinta e quatro anos. Aí foi o pior momento da minha vida. Ele me tratava mal e tal. E eu fiquei então todo esse tempo no armário. Tive o meu filho e quando ele tava com três meses de vida, eu me separei. Queria me separar quando ele era pequeno pra ele não se lembrar de nada. Aí eu fiquei morando com ele e comecei a me relacionar com mulheres. Sempre me relacionei com moças mais jovens, garotas, não sei porque. Mas era sempre difícil, elas eram sempre loucas, neuróticas, pegavam muito no meu pé e eu odeio que peguem no meu pé. Eu falo pra Sofia que só tô com ela porque ela não pega no meu pé, me deixa livre, porque se ela fosse pegajosa, eu não taria com ela não. Eu sou mais eu, gosto da minha liberdade, de não precisar dar satisfação pras pessoas e hoje eu digo pra ela: o meu filho vem em primeiro lugar, primeiro eu sou mãe e depois eu sou sua. Então, tinha gente muito doida, que entrava em depressão, tentava se matar e tal. Aí eu conheci a Sofia faz quatro anos. Ela é diferente, me respeita. Aí hoje em dia a gente tem muita amizade só com casal, ela não tem mais esse medo de ser agarrada por alguém”.

Nesse momento, Sofia a interrompeu e disse: “É. Eu nunca imaginava que esse mundo (das lésbicas) fosse assim. Tem gente de todo tipo. Médicas, psicólogas, advogadas, todas as profissões. Gente normal. Só casais.” E Carla complementou: “A gente não sai com pessoas solteiras”. Quando perguntada sobre o motivo ao que ela

respondeu: *“Ah, porque estas mulheres solteiras não respeitam ninguém. Ficam dando em cima de todo mundo. Que nem tem entre os heterossexuais, no nosso universo é a mesma coisa. Elas dão em cima de todo mundo, então não pode bobear. E por isso a gente se protege muito destas mulheres, só andamos em casais”*.

Retomando o assunto anterior, Carla continuou dizendo: *“Mas, voltando lá naquele assunto, a relação dela (Sofia) com o meu filho é difícil, porque eu sinto que ela tem ciúmes dele, parece uma criança também. E aí eu tenho que ficar gerenciando os dois.”*

Nesse momento, Sofia disse baixo que Carla era muito babona com o filho e que ele não dava nem bola pra ela. Contou de uma situação em que Carla pagou uma viagem a Harry para a Disney e ele não trouxe nem um chaveiro pra ela.

Carla, interrompendo novamente Sofia, continuou: *“Então, eu não tenho problema nenhum com isso, sou super bem resolvida, e o meu filho também. Lá em casa é tudo muito aberto, muito tranquilo. Ele gosta de mulheres e como gosta. Agora o pai dele é um traste, uma pessoa péssima. Ele acabou com a vida do menino quando ele era pequeno. Falou pra ele que eu era sapatão, que gostava de mulher e tal. Até falou que ia pedir a guarda dele na Justiça porque eu não respeitava o menino, ficava de sacanagem com mulheres em casa. Nessa época foi muito difícil porque o menino ficou mal mesmo. Ficou até com TOC”*.

Quanto perguntada sobre o que queria dizer com TOC, ela respondeu: *“TOC, mania de limpeza, dizia que ouvia umas vozes também, tinha que tirar tudo do armário e limpar porque ele dizia que tava tudo sujo e contaminado. Ainda bem que eu achei uma psiquiatra boa na época que deu medicação pra ele e também uma psicóloga. Ele tinha nove anos nessa época e foi muito difícil. Mas hoje ele tá ótimo, tá tudo bem, adora as meninas, pega todas se deixar. Tem até que colocar um freio nele, porque ele é fogo”*. Neste instante, Sofia deu risada e concordou.

Quando perguntada sobre como sua família lidou com a sua homossexualidade e ela respondeu: *“Ah, foi super de boa. Eu sempre fui um livro aberto, meus pais sabiam, meus irmãos também (Carla tem mais cinco irmãos, sendo ela a caçula). Super de boa. No meu trabalho ninguém sabe, porque eu acho que isso não deve se misturar com a minha vida pessoal, meus pacientes não tem que saber disso, mas no meu prédio, todo mundo sabe. O que acontece é que eu falo pra todo mundo que a Sofia é minha filha porque*

parece mesmo, né? É uma menina. Temos uma diferença muito grande de idade. E todo mundo acredita". Sofia complementou: "Lá no meu trabalho, ninguém sabe. Todo mundo acha que a Carla é uma tia que cuida de mim", disse sorrindo de forma pueril.

"Então, é isso. Essa é a nossa história", disse Carla. "Agora acho que você já sabe tudo sobre a gente", Sofia complementou.

4.3.2. Aplicação e interpretação do DF-E de Carla

No momento em que elas foram comunicadas que deveriam, separadamente, realizar uma série de desenhos, ambas começaram a rir e Carla perguntou se não poderia ser um desenho para as duas. A pesquisadora respondeu que não, que era importante que cada uma fizesse o seu. Então, Carla disse que iria se sentar na escrivaninha porque adorava desenhar. Utilizou somente o lápis preto durante toda a aplicação do DF-E, além de ter se comunicado muito e rido bastante durante o procedimento.

Primeira unidade de produção

Solicitada a desenhar uma família qualquer, ela perguntou: *"Uma família qualquer? Ah, deixa eu ver, vou desenhar isso aqui. Aqui é uma graminha, tá?"*

Figura 15. Primeira unidade de produção de Carla no DF-E

Estória

Eles tão jogando bola. Essa pessoa aqui é uma menina, não dá pra ver a cara dela porque ela tá de costas jogando bola com o garoto. Essa é uma família em que os filhos crescem e os pais ficam lá. Os filhos vão estudar e os pais ficam lá esperando eles voltarem”. O título desta estória foi: “Uma família feliz”.

Interpretação

No início, houve um movimento sutil de Carla de desvalorização da atividade, como se aquilo fosse uma grande brincadeira. Tal comportamento pode ser compreendido como uma defesa manifesta diante de angústias que poderiam ser mobilizadas na realização do procedimento. Na produção gráfica, que é constituída de traços esquemáticos, Carla apresenta a situação de uma família em que o casal de filhos interage em uma atividade lúdica, enquanto o casal de pais os observa. Diante disso, é possível hipotetizar que Carla sente que a função dos pais é observar e esperar passivamente os filhos. Tal hipótese parece ser confirmada na estória quando Carla diz que os filhos vão embora para estudar e os pais ficam lá, aguardando a volta deles. Assim, parece privilegiar o papel de pais em detrimento do de casal. Além disso, ela comunica que vivencia uma angústia de separação do filho que vai embora estudar.

Segunda unidade de produção

Quando solicitada a desenhar a família que gostaria de ter, ela respondeu: “Agora eu vou desenhar a minha família. Esse aqui é o meu prédio, tá? E aqui é dentro do apartamento. É a minha família, que eu tenho hoje. Essa pessoa sentada no sofá de franjola sou eu. Aqui é o Harry, bem folgado, jogadão no sofá que nem ele fica mesmo, jogando videogame. E essa aqui é a Sofia. Daqui um tempo, o Harry vai embora, vai se formar. Ah, às vezes ele vem pra esse sofá aqui”. Quando foi pedido para ela contar onde ele fica no sofá, ela respondeu: “Depende do tipo de carência dele. Quando ele tá com carência assim de ficar grudado, ele vem pra cima de mim. Senta aqui no meio. Aí a Sofia

fica brava. Mas quando ele tá com carência assim de brincar, de jogar, ele vai para o lado dela.” Nesse momento Sofia pediu para que Carla desenhasse o gato e esta disse: *“Ah, é o gato, nossa, mas é tanto gato, eles são um saco, ficam no meio da gente”*. O título desta estória foi: *“Uma família extremamente feliz”*.

Figura 16. Segunda unidade de produção de Carla no DF-E

Interpretação

Nesta unidade de produção, Carla desenha a si própria sentada ao lado de Sofia e Harry deitado em outro sofá. Novamente surge aqui a angústia de separação em relação ao filho quando diz que Harry vai embora daqui um tempo para se formar. Em seguida, projetando sua própria “carência” no filho, diz que quando ele está com vontade de “*ficar grudado*” vai para perto dela, ou seja, comunica neste momento seu anseio por ficar ligada ao filho, temendo vivenciar o momento da separação. Localiza ainda que Harry se senta no meio do casal quando ele está “carente”, separando-as. Desta forma, Carla aponta que Harry ocupa o lugar de seu parceiro na relação triangular, momento em que Sofia permanece excluída do casal. Em seguida, ela diz que quando Harry quer “*brincar*”, procura Sofia, ou seja, posiciona-a como uma criança que disputa a atenção com o irmão Harry. Na medida em que Sofia percebe sua exclusão, solicita que Carla desenha os seus gatos para lhe fazer companhia. Carla desenha-os, mas contrariada diz que os gatos ficam no meio deles, ou seja, comunica neste momento sentir que os gatos separam o casal. Portanto, nesta unidade, fica claro as dificuldades da família no manejo das rivalidades do relacionamento triangular, o que é parcialmente negado pelo título da estória “*família extremamente feliz*”.

Terceira unidade de produção

No momento em que foi pedido o desenho de uma família em que alguém não estava bem, Carla e Sofia começaram novamente a falar alto e a rir. Elas se olharam e Sofia disse: “Ah, já sei quem você vai desenhar” e Carla respondeu: “É ela mesma. Como você acertou?” Então, Carla começou a descrever o seu desenho.

Estória

“Essa é minha irmã (cinco anos mais velha que Carla). Ela é uma pessoa muito infeliz. Chata, insuportável. Dos filhos dela eu até gosto, eles são legais, mas ela não dá. Quando ela tá por perto, fica aquele clima insuportável, sabe? Ainda mais agora que ela virou vegetariana. No ano novo passado que resolvemos passar com ela, comemos pão e alface. E eu sou uma pessoa extremamente sociável e feliz. Não damos certo nós duas. Vixe. É difícil”. Perguntada sobre o que acontecia com ela no futuro, Carla respondeu: “Ah, ela é tão chata, mas tão chata, que acaba ficando sozinha”. O título da estória foi: “Uma mãe triste e solitária”.

Figura 17. Terceira unidade de produção de Carla no DF-E

Interpretação

Diante da solicitação da terceira unidade de produção, Carla, com dificuldades de localizar em sua própria família e em si mesma o “não estar bem”, projeta na figura da

irmã mais velha seus temores depressivos, associados ao medo de ficar sozinha, e que são combatidos por meio de defesas maníacas (riso, falar alto etc.). Ainda nesse sentido, Carla parece sentir que precisa ser agradável e divertida o tempo todo para que as pessoas fiquem junto dela.

Quarta unidade de produção

Na última unidade de produção, Carla disse: “Ah, essa aqui eu tenho que colocar meus irmãos. A gente tá aqui no meio de todo mundo. Todo mundo contando piada e rindo. É uma delícia. Só curtição”. O título da estória foi: “Uma família muito engraçada”.

Figura 18. Quarta unidade de produção de Carla no DF-E

Interpretação

Aqui, novamente fica claro que Carla lança mão de defesas maníacas (som alto, contando piada e rindo, só curtição) para fazer frente à angústia de ficar sozinha. Assim, a relação fica uma “grande brincadeira”, sem a presença de fatores desintegradores como a agressividade, a frustração e a separação.

4.3.3 Aplicação e interpretação do DF-E de Sofia

Sofia, ao contrário de Carla, permaneceu desenhando no sofá. Enquanto Sofia desenhava, Carla permaneceu no quarto movimentando-se e conversando com ela.

Primeira unidade de produção

Quando solicitada a desenhar uma família qualquer, ela disse: *“Vou desenhar a minha família. Esta sou eu, o Harry no meio e a Carla. Eles se conheceram e hoje em dia são muito felizes. É uma família perfeita. É muito feliz no seu dia a dia. Cada um acabou ajudando o outro”*. Quando perguntada sobre o que acontecia com esta família no futuro, ela respondeu: *“Eles vão estar sempre mais e mais unidos, um ajudando o outro”*. O título da estória foi: *“Momentos felizes”*.

Figura 19. Primeira unidade de produção de Sofia no DF-E

Interpretação

Nesta unidade de produção, Sofia desenha a “sua família” colocando Harry entre ela e Carla, ou seja, comunica que Harry situa-se no meio do casal sendo, portanto, seu rival em relação à parceira. Por outro lado, em suas verbalizações, a hostilidade ligada à rivalidade é negada e a família é idealizada (*“são muito felizes”*, *“é uma família perfeita”*, *“um ajudando o outro”*). Para fazer frente ao sentimento de exclusão, ela busca a companhia de seus gatos. Também no futuro, Sofia idealiza que os membros familiares estarão *“cada vez mais unidos, um ajudando o outro”*. Em resumo, Sofia mantém uma visão idealizada da família e demonstra suportar mal a vivência do sentimento de exclusão

que a relação entre Harry e Carla lhe traz e busca formar um par com seus gatos, negando os sentimentos agressivos que tal exclusão pode lhe trazer.

Segunda unidade de produção

Sofia não realizou a segunda produção (família que gostaria de ter) alegando que o desenho seria igual ao primeiro.

Terceira unidade de produção

Ao ser solicitada a desenhar uma família em que alguém não estava bem, novamente o clima no quarto foi de muitas brincadeiras entre Carla e Sofia. Carla riu e disse: “*Desenha a Baby aí* (gata de Sofia que está com câncer e atualmente é cuidada pela mãe da mesma). *Ela tá mal pra caramba*”. Sofia respondeu: “*Não vem botar maldade na minha família, não*”. Então, Sofia desenhou novamente três figuras pequenas no canto esquerdo da folha e disse: “*Essa é uma família em que o pai se acha demais, não se preocupa se a família tem carinho. A mãe tem o rei na barriga, vive só de aparência. Logo, logo, vai ter um divórcio aí*”. Quando perguntado sobre o que iria acontecer com a menina, ela respondeu: “*Essa é a filha do casal. Com o divórcio, ela vai ser uma futura transtornada na vida*”. O título da estória foi: “Um futuro imperfeito”.

Figura 20. Terceira unidade de produção de Sofia no DF-E

Interpretação

Nesta unidade de produção, o clima ficou tenso entre ambas. Nesta produção, predomina na família um clima de pouca intimidade e de distanciamento afetivo entre os membros, que priorizam a aparência em detrimento da essência (dos afetos). Diante deste casal pouco fértil do ponto de vista dos sentimentos, a filha prevê a separação dos pais e os transtornos que isso acarretará a ela. Assim, nessa unidade de produção, Sofia contrapõe a aparência e a essência, mostrando que a família considerada padrão para as normas sociais pode não apresentar o afeto essencial que vincularia os membros. Portanto, a adaptação não é garantia da felicidade.

Quarta unidade de produção

Ao ser solicitada a realizar a última unidade de produção, ela disse: *“Ah, essa é fácil. Vou desenhar eu, o Harry e a Carla. Tá todo mundo abraçado, até os gatos. Essa é uma família que está sempre unida, sempre se ajuda dentro de casa, no dia a dia, feliz. Por mais que o filho esteja crescendo, ele sempre vai ficar junto”*. Perguntada sobre o que aconteceria depois com esta família, ela respondeu: *“Eles continuam juntos e felizes”*. O título da estória foi: *“A grande família”*.

Figura 21. Quarta unidade de produção de Sofia no DF-E

Interpretação

Nesta unidade de produção, Sofia desenha todos os membros familiares unidos e abraçados, em contraposição à estória anterior. Assim, embora se trate de uma família diferenciada em relação aos padrões sociais, ela apresenta o aspecto essencial que promove

a união: o afeto amoroso. Contudo, as vivências de rivalidade e as dificuldades de relacionamentos são evitadas já que, na medida em que todos os membros familiares permanecem unidos, não há espaço para o comparecimento de sentimentos negativos.

4.3.4 Síntese do caso

Desde o primeiro encontro, Carla empenhou-se em mostrar à pesquisadora que não havia segredos entre ela e Sofia. Também fez questão de mostrar que tudo era muito bem resolvido entre elas, buscando transmitir que se sentia bem em relação à própria homossexualidade. Neste sentido, permanece numa dialética entre a exposição e o segredo, mas tendendo fortemente em relação à primeira. Tal situação implicou em limitações importantes no acatamento das diretrizes de aplicação da entrevista e do DF-E, que devem ser levados em consideração na leitura das interpretações sobre o caso.

No que concerne à Sofia, os dados da entrevista e do DF-E revelam um vínculo muito forte com a própria mãe e uma identificação importante com ela, expressa em sua assertiva de que, como a mãe, detestava mulheres machões. Ao conhecer Carla em uma sala de bate-papo lésbica, temeu que ela fosse uma “mulher macho”, tranquilizando-se depois quando sua suspeita não se confirmou. No relacionamento com Carla, Sofia parece ocupar uma posição mais passiva e um tanto pueril, ao passo que Carla se apresenta numa atitude mais protetora (elas se apresentam às pessoas ou como mãe e filha, ou como tia e sobrinha). Neste lugar, Sofia disputa com Harry o amor de Carla e, sabendo de antemão, que é preterida em relação a ele, busca conforto afetivo no vínculo com seus animais de estimação. Dessa maneira, vive com Carla uma relação diferente da que teve com a mãe (grudada e possessiva), não podendo exigir muito da parceira sob pena de abandono. Assim, embora se mostre tranquila na relação, permanece uma certa carência. Apesar disso, demonstra encontrar na relação conjugal o essencial para a felicidade do casal, a saber, o aspecto amoroso, apesar da aparência não normativa da sua família constituída.

No caso de Carla, ela comunica que sua história “*é muito mais louca do que a de Sofia*”. Conta que durante a adolescência teve fantasias eróticas com o casal Simone e Isis de Oliveira, apesar de, ainda nesta época, não ter concretizado seus anseios numa relação

homossexual. Aos vinte e três anos (virgem), casou-se com o pai de Harry, tendo se apaixonado perdidamente pela irmã do namorado, que estudava para ser freira. Quando todos descobriram a relação entre elas e ambas foram impedidas de se ver, Carla foi acometida de uma grave depressão, permanecendo internada num hospital por algum tempo. Logo após esse período, buscou viver um relacionamento heterossexual, dentro dos padrões sociais, com o pai de Harry. Mas sentia que faltava alguma coisa, como se estivesse mimetizando o que seria o comportamento adequado para uma moça de sua idade. Essa tentativa de abafamento do real desejo sexual pareceu custar-lhe bastante caro (*“foi a pior época da minha vida”*), sofrimento este que parece ter contribuído para sua atitude atual de nada mais esconder, ser um livro aberto e não precisar de privacidade.

Com relação ao seu vínculo com Sofia, ela a descreve como uma menina carente e necessitada de atenção. Diante disso, apresenta uma atitude ambivalente em relação à dependência da parceira, ora atendendo-a, ora sentindo-se aprisionada e ameaçando deixá-la caso ela se demonstre muito possessiva. Nesse contexto, Carla parece considerar a liberdade como um dos valores essenciais de sua vida.

No que se refere à vivência da maternidade, embora repudiada a princípio, já que significava uma espécie de condenação ao aprisionamento em uma relação heterossexual muito frustrante, foi aceita e vivida com prazer e devoção após a sua separação e a aceitação da própria homossexualidade. No momento atual, ela se debate com o gerenciamento da relação triangular vivida com Sofia e Harry, bem como com as dores maternas vinculadas a uma iminente independência do filho.

4.3.5 Interlocuções com a literatura

Carla comunica na entrevista e no DF-E que teme se separar de Harry e que o mesmo é preferido em relação à Sofia (*“meu filho vem em primeiro lugar”*). Sofia, por outro lado, disputa a atenção de Carla com Harry e busca a companhia dos gatos para fazer frente à exclusão. Ainda, ambas negam os sentimentos de rivalidade e ciúmes que a triangulação provoca quando dizem que aquela é uma família em que todos se dão muito bem.

No caso de Carla, esta parece utilizar defesas projetivas para fazer frente à ameaça de separação, exatamente como Bergeret (1998) descreve. Segundo ele, alguns indivíduos, por não suportarem a angústia depressiva gerada pela ameaça de separação, projetam seus vínculos de dependência no exterior, colocando-os nos objetos. Desta forma, são os objetos que passam a ser vistos como dependentes e frágeis, e não o sujeito. Tal mecanismo pode ser observado em Carla quando a mesma diz que suas parceiras amorosas do passado eram “*ciumentas e possessivas*”, o que pode ser compreendido como a projeção de características dependentes e ciumentas suas que ficavam colocadas nas parceiras. A mesma defesa projetiva também parece estar presente na relação com Sofia quando Carla alega que a parceira é uma pessoa carente e que “*só suporta ficar com ela porque Sofia não fica no seu pé*”, algo que novamente remete à negação da condição de depender do outro.

Ainda nesse sentido, Carla parece nutrir uma fantasia de ter seduzido a menina Sofia, que é apresentada ora como filha, ora como sobrinha da mesma, movimento que também esteve presente em relações mantidas no passado (“*não sei por que sempre me relaciono com meninas bem mais novas que eu*”). Uma possível hipótese explicativa para isso se deve ao fato de que Carla poderia considerar que, relacionando-se com pessoas bem mais jovens que ela, estaria no controle da relação, relegando às parceiras à condição de dependentes e frágeis. No caso de Carla, tanto o temor do abandono/separação quanto da rejeição foram expressos no DF-E. Na primeira e segunda unidade de produção, Carla fala do momento em que o filho vai embora para estudar e os pais permanecem em casa esperando, o que remete possivelmente à comunicação de que, diante da partida do filho, os pais ficam sem a função de cuidadores e não podem encontrar outros sentidos para viver. Na terceira unidade de produção, Carla fala do seu temor de não ser aceita (como a irmã do desenho) se não for extremamente sociável e feliz. Também na entrevista, Carla, inúmeras vezes, aponta para o fato de que em sua vida tudo está muito bem, o que pode ser compreendido como uma forma de ela buscar ser aceita socialmente.

No caso específico de Harry, a presença dos sintomas relatados desde os nove anos é algo que merece atenção e uma investigação mais pormenorizada de modo a verificar até que ponto suas dificuldades estão ou não relacionadas à sua vida familiar atual ou pregressa. Entretanto, tais considerações não podem ser discutidas aqui já que Harry não foi avaliado pela pesquisadora, o que inviabiliza o levantamento de hipóteses

interpretativas no caso dele. Em acordo com literatura produzida sobre a hiperatividade, sintoma atual pelo qual Harry é tratado com Ritalina, Kupfer e Bernardino (2009) realizaram um amplo estudo com crianças diagnosticadas com hiperatividade e constataram que em todas elas havia um investimento maciço do desejo materno em relação a elas e uma carência da função paterna no sentido de interditar esta relação. Estas crianças e adolescentes, excessivamente investidos pelo desejo materno, segundo as autoras, teriam dificuldades no processo de constituição de um espaço mental capaz de conter transbordamentos de angústia, gerando a (hiper) atividade. Da mesma forma que no caso citado pelas autoras, Carla parece de fato manter uma imagem desvalorizada da figura masculina e transmiti-la ao filho quando diz ao mesmo que seu pai era um “*traste*”, além de se manter intensamente vinculada a ele. De qualquer forma, tal consideração é apresentada somente como uma hipótese, já que não foi possível realizar uma verificação de confirmação ou refutação da mesma através do contato direto com Harry.

5. DISCUSSÃO

5.1 De filhas a mães

Klein (1975/1997) foi taxativa ao dizer que a mulher, quando engravida, irá reviver angústias e conflitivas do Édipo precoce que ela própria viveu como filha em relação a sua mãe. Winnicott (1956/2000), de outro modo, apontou que a maternidade é um momento peculiar em que a mulher vivencia o que ele chamou de *preocupação materna primária*. Trata-se de um estado mental de retraimento e de regressão, em que a atenção da mulher ficará voltada completamente para si e para o seu bebê. Segundo ele, esta vivência será fundamental para que a mãe se identifique com as necessidades físicas e emocionais urgentes de seu bebê, que se encontra num estado de completa dependência física e emocional do ambiente. Ainda segundo ele, muitas mulheres, por temerem a regressão, não conseguem permanecer neste estado, evadindo-se para a “sanidade”.

De qualquer modo, observa-se que o momento da gravidez e da maternidade é delicado e intenso para a mulher, pois esta irá reviver conflitivas emocionais primitivas, necessitando, por isso, ser amparada pelo seu entorno. Maldonado (1976) chega a situar a experiência da maternidade como um momento de crise, porque neste instante serão mobilizadas na mulher angústias primitivas que colocarão à prova o seu sistema defensivo até então operante. Assim, segundo ela, a maternidade pode ser encarada como uma verdadeira encruzilhada em termos de desorganização/reorganização do psiquismo.

No caso de Joana, ela conta que “*tinha pavor de ser mãe*”, sentindo ter “*rejeitado*” Pedrinho durante a gravidez, algo que associa à própria rejeição que sua mãe teve por ela, sendo a mesma fruto de uma gravidez não planejada e ocorrida no mesmo período em que sua mãe havia adotado um menino. Assim, ela própria relaciona as dificuldades para maternar seu filho às dificuldades emocionais precoces enfrentadas no início de seu desenvolvimento. Retomando a ideia que Freud (1914/1996) apresenta sobre a importância de o narcisismo materno/paterno ser investido no bebê, tornando o mesmo “sua majestade” pelo menos por alguns períodos, até que ele possa tolerar as frustrações inevitáveis do objeto, é possível pensar que Joana teve dificuldades em realizar este investimento, algo que provavelmente esteve ligado aos seus prejuízos iniciais. Nesse sentido, Magalhães

(2004) assevera que o narcisismo primário descrito por Freud deve ser investido pelo casal parental no bebê para que este possa vivenciar a transformação de um corpo biológico em um corpo erógeno. Entretanto, para ela, a mãe investirá tais catexias narcísicas em seu bebê de acordo com suas próprias vivências iniciais dessa natureza, ou seja, a partir do modo como seus próprios pais investiram nela enquanto bebê. Por isso, para Magalhães, o narcisismo primário seria anterior ao próprio sujeito, estando relacionado ao desejo que o outro (os pais) investe em seu bebê. Este narcisismo, portanto, estaria vinculado a um projeto parental que antecede a existência concreta do sujeito, embora o determine a partir daí. A autora assevera que este narcisismo parental estaria vinculado ao desejo idealizado dos pais de realizarem através de seu filho aquilo que não puderam fazer. Desta maneira, todos nascemos com um “projeto” desenhado que vai se incorporar estruturalmente em nós, na medida em que o casal parental passará a se relacionar com o bebê pautado por ele. Por outro lado, é deste investimento libidinal dos pais em seu filho que dependerá a sua transição de um corpo biológico para um corpo erógeno e, portanto, sexual. No caso de Joana, é possível hipotetizar que sua percepção das dificuldades que sua mãe teve ao engravidar, e que foram transmitidas implícita e explicitamente por esta última, levaram-na a sentir que algo muito vital lhe faltou, o que provavelmente está ligado à sua dificuldade de vivenciar relações afetivas próximas e íntimas com alguém. Apesar disso, ela conseguiu um nível razoável de adaptação em outros setores de sua vida, como no profissional e no social. Nesse sentido, hipotetiza-se que, ao engravidar de Pedrinho, embora a maternidade não estivesse em seus planos naquele instante, de alguma forma pôde encontrar nesta relação próxima com o filho a chance para resgatar a possibilidade de vivenciar uma relação afetiva e estável. Nesse sentido, foram inúmeros os momentos em que Joana expressou o seu desejo de ser mais amorosa e continente com o menino, apesar de sentir que lhe faltam recursos internos para isso.

No caso de Flora e Maria, a primeira almeja ser mãe, mas teme sentir as dores do parto/dores da separação e da regressão que a gravidez exigiria dela, algo que, em certa medida, é uma vivência comum a todas as mulheres que vão experienciar o delicado processo de maternidade. Apesar de seu temor, Flora demonstra ter muitos recursos internos para cuidar e ser empática com as crianças, algo que fica expresso particularmente no DF-E quando fala da flor viva e vibrante que possui nas mãos (expressando seus bons objetos internos). Entretanto, Maria fica sendo a responsável por viver os nove meses de

gestação, o momento do parto e da amamentação, vivências que mobilizam angústias intensas na mulher, embora também possam ser prazerosas, conforme descreveu Klein (1975/1997). Para ela, este momento especial do desenvolvimento da mulher irá depender das significações inconscientes associadas ao fato de se ter um bebê dentro de sua configuração edipiana. No caso de Maria, a mesma vivencia o momento da gestação, o parto e o cuidado dos bebês como algo que lhe traz grandes doses de sofrimento. Nesse sentido, ela relata que, durante a gravidez, sentiu dores intensas e alterações de humor bruscas, principalmente tendendo a estados depressivos que a faziam chorar ou ter acessos de fúria, o que pode estar relacionado ao momento da gestação que fez eclodir nela angústias intensas. Com o nascimento dos bebês, ambas são surpreendidas com uma dura realidade: Davi nasceu com um grave problema genético que lhe traz grandes limitações em termos do desenvolvimento. Ambas são mães muito zelosas e empenhadas com os dois filhos: abdicam dos seus trabalhos para se dedicarem integralmente a eles, particularmente a Davi. Entretanto, algumas peculiaridades da relação entre Maria e Beatriz e Maria e Davi merecem ser mencionadas. Chamou a atenção da pesquisadora, desde o início, o modo como Maria descreveu Beatriz: *“Ela é muito comilona. Rouba todo o leite de Davi”*; *“Ela é chatinha. Eu deixo ela chorando no berço. Ela precisa chorar para aprender a parar de fazer manha”*; *“Quero colocar a Beatriz logo na escolinha, mas a minha mãe acha muito cedo”*. Tais comunicações sugerem que Maria sente Beatriz como uma menina exigente e que lhe traz dificuldades para dedicar-se mais intensamente a Davi que, mais dependente dela, requer um vínculo um pouco mais indiferenciado. Nesse contexto, ela parece apresentar muito mais facilidade em atender a demanda de dependência absoluta de Davi, do que as exigências de dependência relativa de Beatriz. Assim, diante da espontaneidade da menina, Maria parece ficar ameaçada.

Em termos winnicottianos, pode-se pensar que Maria interfere nos gestos espontâneos de Beatriz (sugar o seio, explorar o ambiente), num momento em que estes possibilitariam à criança ser ao invés de reagir.

Da mesma forma, Carla comunica que não desejava ter ficado grávida de Harry, pois nunca quis ser mãe. Neste caso, apesar dela não fornecer informações mais precisas sobre sua história de vida, no DF-E ficou patente que um dos conflitos nodais de sua personalidade relaciona-se ao temor de vivenciar a separação de seus objetos, algo que provavelmente a faz evitar os vínculos e a dependência, o que fica expresso na relação

mantida com Sofia. Com o filho, o vínculo de dependência é vivido, embora se sinta ameaçada com o momento da partida dele, conforme expressou no DF-E.

Assim, de acordo com as considerações suscitadas acima é possível considerar que Joana, Maria e Carla apresentam certa dificuldade para suportar experiências de separação de seus filhos, que foi expresso nos resultados de todas elas, no instrumento projetivo. É possível hipotetizar ainda que a experiência de ter um filho, no caso delas, significou a possibilidade de retomar ligações emocionais significativas e estáveis, representando, portanto, vivências reparatórias em relação às experiências passadas. Entretanto, suas dificuldades relacionais também foram reatualizadas na relação materno-filial, fazendo reativar angústias primitivas.

No caso de Mônica, Flora e Sofia, parece haver uma maior tolerância às experiências de separação e, portanto, maior capacidade de empatia e acolhimento aos gestos espontâneos das crianças. Desta forma, Mônica é considerada por Joana como mais tolerante e acolhedora com Pedrinho do que ela própria. Por isso, diz que Mônica é mais mãe e ela mais pai do menino. Com isso, é Mônica a quem Pedrinho recorre nos momentos de maior angústia, e não à Joana. Também no caso de Flora, a mesma alega não conseguir deixar Beatriz chorando no berço, como Maria faz. Assim, enquanto esta última parece ficar irritada com o que ela considera “manhas” de Beatriz, Flora acode a menina nos momentos de maior angústia e não considera saudável deixá-la chorando até se cansar. Ela também é contra o desejo de Maria de colocar Beatriz na escolinha, pois diz que menina ainda é muito pequena para se separar delas. É somente no caso de Sofia que este posicionamento mais cuidador diante do filho da parceria é dificultado porque a mesma se sente excluída da relação entre Carla e ele. Por isso, parece se posicionar mais como uma irmã de Harry do que como uma figura adulta capaz de oferecer cuidados a ele. Apesar disso, Sofia parece encontrar nesta família o acolhimento e a compreensão que buscava até então.

É possível hipotetizar que Mônica, Flora e Sofia podem oferecer maior continência às crianças por terem conseguido aplacar, um pouco mais do que as parceiras, seus sentimentos de rivalidade e frustração em relação às figuras parentais (maior elaboração de vivências edípicas). Nos três casos, há uma identificação delas com a figura materna que elas sentem terem ficado danificadas pelo pai. Sendo assim, parece haver uma tentativa de elas próprias repararem os danos que sentem que os pais fizeram às mães. As três

descrevem, na entrevista e no DF-E, a vivência de decepção em idade precoce com seus pais, sentidos por elas como sendo pessoas egoístas, narcísicas e abandonantes. Essa hipótese, embora promissora, necessitaria, contudo, de investigações mais aprofundadas.

Buscando compreender um pouco mais desta identificação precoce da menina com a mãe, Klein (1975/1997) diz que o Édipo feminino pode ter duas resoluções: 1) se a menina se mantiver numa posição predominantemente feminina diante do pênis (alvo de desejo), poderá assumir uma postura de admiração pelo sexo masculino (pai); 2) por outro lado, se ela nutrir pelo pênis intensos sentimentos de ódio por sentir que este negou a ela as gratificações que ansiava, poderá assumir uma posição masculina, que poderá dar origem a sentimentos de inveja do pênis e à homossexualidade. Tudo irá depender, segundo Klein, da intensidade do sadismo oral da criança e dos elementos que o ambiente de cuidado oferecem no sentido desta resolução, ou seja, a relação que o pai estabelece com a sua esposa e com a filha. Segundo ela, se o sadismo da criança é intenso e se o pai não comparece nesta relação, a menina poderá encarar o pênis do pai dentro da mãe como algo a ser odiado, invejado e destruído, e isso pode culminar, na vida adulta, em graves danos ao seu desenvolvimento, como uma atitude distorcida em relação ao sexo masculino. É importante ressaltar que esta visão negativa do pai e dos homens em geral esteve presente no relato de cinco das participantes, embora apenas três delas (Mônica, Flora e Maria) tenham-na associado à “opção” pela homossexualidade. Carla e Mônica, por sua vez, não vinculam a influência desta imagem masculina sobre sua orientação sexual, uma delas afirmando que a homossexualidade não foi uma escolha e a outra não apresentando histórico de relacionamento heterossexual. Finalmente, no caso de Sofia não foi possível verificar a existência de uma imagem masculina denegrida, sendo que ela própria relata maior proximidade afetiva com o pai do que com a mãe.

Nesse sentido, os dados deste trabalho parecem indicar que a homossexualidade das participantes teria diferenças de acordo com cada caso, implicando na inadequação de teorias mais deterministas. Assim, é possível que a concepção kleiniana sobre a homossexualidade possa contribuir, mesmo de forma parcial, na compreensão dos três primeiros casos (Joana, Flora e Maria), mas não necessariamente contemplam os demais.

Na compreensão kleiniana da homossexualidade, conforme desenvolvida no contexto da situação edípica, considera-se como fundamental para a formação do superego,

bem como para o desenvolvimento da vida sexual da menina, se as fantasias prevalentes são as de um pênis bom ou de um pênis mau.

Klein (1975/1997) continua dizendo que a homossexualidade pode se instalar quando a menina passa a desejar um pênis mágico e poderoso para si a fim de restaurar os danos feitos ao casal parental, em fantasia. Assim, se a menina sente que o pai ficou incapacitado de ser restituído, seja porque ela acredita que o castrou ou porque o pai não é uma figura forte e presente, poderá ocupar uma posição homossexual diante do objeto materno. Outra consequência desta relação conflituosa com o pênis pode ser a frigidez, uma vez que mulher passa a negar a função deste de lhe oferecer prazer, permanecendo onipotentemente negando sua importância. Ou seja, a decisão pelo caráter masculino ou feminino da menina irá depender de suas tendências reativas, da estrutura e força de seu ego bem como da força de seus impulsos e de seu ambiente familiar. De qualquer forma, é interessante destacar que, mesmo fazendo escolhas homossexuais, todas as participantes investigadas não ficaram livres das agruras impostas pelas dores pouco toleradas da exclusão, do ódio e da rivalidade que inevitavelmente as vivências edípicas provocam.

Portanto, conclui-se que Joana e Carla, ao priorizarem as relações com seus filhos, em detrimento daquelas com as parceiras, avaliam a relação conjugal e filial na mesma escala de valores e negligenciam as diferenças qualitativas presentes nestes vínculos, o que traz a elas dificuldades no manejo da triangulação e contribui para a manutenção das rivalidades entre as parceiras e os filhos. Mesmo no caso de Flora e Maria, em que a rivalidade entre elas não está explicitada, é possível observar tal vivência quando dizem que evitam dar mais atenção a um bebê do que a outro (para que não fiquem enciumados, ou seja, para que não eclodam sentimentos de exclusão e competitividade entre eles). Desta forma, permanecem vinculadas aos filhos e temem o momento da separação, almejando que isso não ocorra, algo que ficou evidente em todos os DF-E.

É sabido que muitas mães, independente de suas orientações sexuais, realizam um intenso investimento narcísico em seus filhos e temem o momento da separação, em que ficará explicitado a elas que seus filhos cresceram e, portanto, são seres diferentes e com individualidades próprias. Portanto, o que foi exposto pelas participantes não é uma vivência exclusiva das mulheres homossexuais (Benhaim, 2004).

A partir do momento em que a relação conjugal e filial é colocada na mesma escala de valores, com a preferência recaindo sobre as segundas, a questão da possibilidade do

terceiro elemento ser capaz de rompê-la e, assim, autorizar a autonomia da criança (no caso, desempenhar a função paterna) merece atenção.

5.2 E o pai?

Com relação à discussão que os psicanalistas vêm realizando sobre as famílias homoparentais, retoma-se a existência de três vertentes principais conforme apresentaram Uziel (2006) e Perelson (2006). A primeira delas se coloca radicalmente contrária ao reconhecimento do casal homossexual, bem como da homoparentalidade, sendo um dos representantes deste posicionamento Pierre Legendre (2004). Este psicanalista reconhece a homossexualidade como uma perversão, sendo, portanto, inviável para ele a homoparentalidade. Um segundo movimento psicanalítico também se coloca contrário à esse arranjo parental e tem como principal representante Joel Dor (1991). Este autor, partindo de uma compreensão lacaniana, argumenta que a diferença entre os sexos é a base da constituição identitária do sujeito e que esta diferenciação não ocorreria na homoparentalidade, pois os homossexuais negam a diferença entre os sexos.

Compreendendo a homossexualidade como uma perversão, Andrade (1992), em acordo com Dor (1991), argumenta que o perverso se identifica imaginariamente com a mãe, acreditando ser seu único objeto de desejo e poder preencher sua falta. Assim, segundo Lacan (1956/1995), a solução satisfatória para o Édipo seria a criança (menino ou menina) suportar se perceber castrada, não sendo o objeto de desejo da mãe. Os perversos não aceitam a castração e, portanto, seguem negando a diferença entre os sexos. Lacan explica que a ilusão da criança de ser o único objeto do desejo da mãe só será abalada pela intrusão da seguinte realidade: a criança percebe que há um outro (o pai) que a mãe deseja e que não é ela própria, fazendo com que a criança tenha que aceitar a dura realidade de que está excluída desta parceria amorosa. É aí que se instaura a diferença entre os sexos porque a criança começará a perceber que a mãe deseja alguém diferente dela própria, alguém dotado de um falo que lhe falta. Mas Lacan (1956/1995) assevera que a função paterna será apresentada à criança mediante o discurso materno. Em outras palavras, o pai intervém como figura estruturante, na medida em que sua palavra é significada através do

discurso da mãe, enquanto instância terceira, mediadora do desejo dela. Num primeiro momento, a criança tenta negar que a mãe deseja o pai, acreditando que o pai é quem exige e obriga a mãe a se deitar com ele. Daí a importância das mensagens da mãe neste período que irão mostrar à criança que ela própria deseja o pai. Se por qualquer motivo estas mensagens maternas sobre o endereçamento de seu desejo ao pai (terceiro) ficam obstruídas, a dinâmica infantil tende a se cristalizar numa identificação perversa, em que ela própria acredita ser objeto de desejo materno, algo que a mãe vem confirmar. Nesse sentido, Lacan (1956/1995) e Dor (1991) apontam para a responsabilidade dos pais (particularmente da mãe) de auxiliar a criança na ultrapassagem deste processo. Ou seja, se a mãe tem uma cumplicidade libidinal com a criança, marcada por acenos sutis ou não de sedução, e se o pai acena com sua complacência pelo vínculo perverso mãe – criança, tornando-se omissor neste processo, a criança sozinha terá muita dificuldade de abandonar seu objeto amoroso prioritário (a mãe). É por isso que Dor (1991) vê como inviável a família homoparental, já que uma mulher homossexual que é mãe não terá como endereçar o seu desejo ao diferente (ao falo) por estar numa relação entre iguais. Além disso, parte do pressuposto que o próprio casal homossexual tem esta conformação relacional específica por ter negado a diferença entre os sexos.

Partindo das ideias concebidas por Dor (1991), não foi possível observar em nenhuma das participantes a negação das diferenças entre os sexos, uma vez que a decepção delas com relação aos homens era clara. Contudo, a preterimento das parceiras em relação ao filho, tornado explícito por elas em seu relacionamento com a criança, comprometia sobremaneira a possibilidade de que o terceiro elemento pudesse agir no sentido de efetuar a castração no vínculo mãe-filho. É possível hipotetizar que, mesmo no caso destas crianças estarem se desenvolvendo no contexto de uma família heterossexual, que tais dificuldades não deixariam de existir, dada a desvalorização que estas mulheres apresentavam diante da figura masculina. Assim, Carla apresentava o pai de Harry como um “*traste*”; Joana concebia o pai de Pedrinho como um erro do passado que deveria ser apagado; e Flora e Maria nutriam profunda decepção pelos homens.

Diante dos dados encontrados, é importante considerar que esta lógica do desejo materno que vê na criança a possibilidade de se sentir plena é presente no psiquismo de todas as mulheres, independente de serem heterossexuais ou homossexuais porque, como diria Freud (1931/1996), assumir a feminilidade implica em assumir-se faltante. Em acordo

com este pensamento, pode-se depreender que o impedimento que uma mulher pode fazer do acesso da criança ao pai ou à parceira poderia ocorrer em qualquer modalidade familiar, seja ela hetero ou homossexual, cabendo averiguar em cada caso qual a dinâmica inconsciente envolvida.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na investigação realizada, que foi composta pela exposição do material referente a três famílias homoparentais femininas, foi possível observar que o psicodinamismo das parceiras foi decisivo na forma como as mesmas vivenciaram a parentalidade. No que se refere aos apontamentos feitos por Dor (1991) e Legendre (2004) em relação à homoparentalidade, não se observou negações das participantes com relação à diferença entre os sexos, conforme asseveram os autores. Por outro lado, observou-se que houve o predomínio da manutenção de uma visão denegrida da figura masculina, particularmente no caso de Joana e Mônica, Flora e Maria e Carla. Entretanto, foi somente no caso de Flora e Maria que houve uma associação por parte delas entre a visão negativa mantida pelos homens e a suas homossexualidades. Este denegrimento da figura masculina, sentida por elas como abandonantes e pouco confiáveis, fez com que as mesmas tivessem dificuldades para propiciar e/ou manter o contato das crianças com seus pais. Desta forma, Joana tinha medo que o pai de Pedrinho não o reconhece como filho, embora ele próprio solicitasse ser apresentado ao menino, e Carla nomeava o pai de Harry como um “*traste*”.

Outro aspecto que foi observado diz a respeito às dificuldades que as participantes encontraram em permitir que o terceiro (no caso, as parceiras) realizassem a interdição na relação entre elas e seus filhos biológicos. Assim, tanto no caso de Joana e seu filho Pedrinho quanto no caso de Carla e Harry houve a menção por parte delas de que seus filhos vinham em primeiro lugar. Tal preterimento das parceiras em relação ao filho, tornado explícito por elas em seu relacionamento com a criança, comprometeu sobremaneira a possibilidade de que o terceiro elemento pudesse agir no sentido de efetuar a castração no vínculo mãe-filho. Embora este apego intenso pelo filho não seja incomum às mães em geral, nestes casos pairava sempre a ameaça de que a parceira poderia ser mandada embora a qualquer momento. Em virtude desta relação intensa mantida com os filhos, as participantes também expressaram o temor de se separarem dos mesmos, na medida em que eles crescessem e se tornassem cada vez mais autônomos e independentes. Tal temor foi expresso particularmente no DF-E e na EF-D de Joana em relação ao seu filho Pedrinho, no DF-E de Flora e Maria e no DF-E de Carla.

Ressalta-se, entretanto, que os resultados esboçados no presente estudo não se aplicam especificamente ao psicodinamismo de famílias homoparentais femininas,

podendo estar presentes em qualquer configuração familiar, inclusive em casais heterossexuais, pois conforme apontou Ferro (2008), o que importa é mais o funcionamento psíquico dos membros do casal e menos a sua orientação sexual propriamente dita. Além disso, pelas limitações metodológicas impostas pelo presente estudo, já que se tratou de estudos de caso, os resultados obtidos aqui não podem ser expandidos para outras famílias homoparentais, sendo restritos às famílias investigadas aqui. E ainda, há que se considerar que a aplicação do procedimento de Desenho de Família com Estórias sofreu alterações consideráveis neste estudo em função da dinâmica e do desejo dos casais, o que traz limitações dos resultados nele obtido.

Diante de tais achados, considera-se que este trabalho pôde contribuir para o entendimento e compreensão do psicodinamismo inconsciente das três famílias investigadas ao descrever, nestes casos, o lugar ocupado pela criança na constelação inconsciente do casal. Não é possível saber como Pedrinho, Davi, Beatriz e Harry irão lidar futuramente com este investimento materno, pois tudo dependerá da dialética complexa que se estabelece entre constituição e ambiente, tal como Freud (1916/1996) já havia nomeado em suas séries complementares. Mas, de qualquer forma, também não é possível negar que o ambiente, particularmente aquele oferecido por um cuidador estável e continente no início da vida de um bebê, não tenha interferências sólidas no desenvolvimento do indivíduo.

Como já dito acima, acredita-se que o presente estudo contribuiu para a compreensão da homoparentalidade feminina na medida em que apresenta um olhar mais microscópico sobre o psicodinamismo da mesma, diferindo de estudos atuais sobre o tema que enfatizam os aspectos sociais e políticos da questão. Portanto, concebe-se que a realização de investigações como a que foi empreendida aqui podem se somar àquelas que enfatizam aspectos sociais, culturais e jurídicos da homoparentalidade e não se contrapor a elas, já que tais dados podem ser de grande valia, por exemplo, no trabalho de psicólogos que atuam em Varas de Infância e Adolescência e são responsáveis pela elaboração de laudos e pareceres que versam sobre as possibilidades de um casal homoparental adotar uma criança, ou ainda em clínicas de fertilização que acolhem o desejo de duas mulheres terem um filho. Considera-se, nesse sentido, que os dados não devem ser interpretados e utilizados para endossar posturas avaliativas, condenatórias ou discriminatórias sobre as famílias homoparentais, mas podem ser muito úteis na instrumentalização dos profissionais

da saúde mental que trabalham oferecendo assistência, orientação e apoio a esta população, sob as quais ainda se centram opiniões do senso-comum pouco embasadas na realidade.

Da mesma forma, considera-se não caber à Psicanálise julgar a viabilidade ou não de uma família. Por outro lado, acredita-se que a ciência psicanalítica, cujo instrumental se mostra tão rico na compreensão dos fenômenos psíquicos, pode contribuir para o entendimento da intrincada rede relacional e de significações inconscientes que compõe o cenário familiar homoparental, algo que se buscou realizar no presente estudo.

REFERÊNCIAS⁸

- Abadi, S. (1997). A homossexualidade como formação falso self: uma compreensão winnicottiana da homossexualidade. In Outeiral, J. & Abadi, S. (coord.) *Donald Winnicott na América Latina: teoria e clínica psicanalítica*. (pp. 149-157). Rio de Janeiro: Revinter.
- Aberastury, A. (1986). *Psicanálise de crianças: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adena, M. S. & Speller, M. A. R. (2001). A Psicanálise e as novas configurações familiares. *Pulsional: revista de Psicanálise*, 14(144), 49-59.
- Aiello-Vaisberg, T. (2004). Uso de procedimentos projetivos na clínica winnicottiana. In Aiello-Vaisberg, T. *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Amazonas, M. C. L. A.; Braga, M. G. R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(2), 177-191.
- Andrade, L. F. G. (1992). Estrutura e perversão. *Trabalho apresentado na Jornada Científica do Círculo Psicanalítico de Pernambuco*. Disponível em: <http://www.escolafreudianajp.org/arquivos/trabalhos/Estrutura_e_perversao.pdf> Acesso em 30 de junho 2011.
- Arán, M.; Correa, M. V. (2004). Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 14(2), 329-341.
- Arán, M. (s/d). Políticas do desejo na atualidade: o reconhecimento social do casal homossexual. *IV Encontro dos Estados Gerais de Psicanálise*, Disponível em <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Marcia_Aran.pdf>. Acesso em 07 nov. 2009.
- Àries, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho originalmente publicado em 1973).

⁸ De acordo com estilo APA – American Psychological Association (2000)

Aulagnier, P. (2004). Que desejo, por que filho? *Revista Psicanálise e Universidade*, 21, set, 11-16.

Bailey, J. M. et al. (1995). Sexual orientation adult son of gay fathers. *Developmental Psychology*, 31, 124-129.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. São Paulo: Jorge Zahar.

Benhaim, M. (2004). A queixa materna. *Estilos da clínica*, 9(16), 36-49.

Bergeret, J. (1998). *A personalidade normal e patológica*. Porto Alegre: ArtMed.

Bergeret, J. (2004). Homossexualidade ou homoerotismo? Erotismo narcísico. *Livro anual de Psicanálise*, XVIII, 61-71.

Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).

Bion, W. R. (1973). *Atenção e Interpretação: uma compreensão científica à compreensão interna na Psicanálise e nos grupos*. Rio de Janeiro: Imago.

Bittencourt, A.M. L. (2003). O espaço potencial como campo germinativo do processo psicanalítico – caminhando entre Proust e a Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 37(2/3), 429-442.

Bollas, C. (1998). Atravessando a arena homossexual. In Bollas, C. *Sendo um personagem*. (pp. 115 – 131). Rio de Janeiro: Revinter.

Bonasia, E. (2003). Contratransferência: erótica, erotizada, perversa. *Livro Anual de Psicanálise*. XVII, 41-53.

Brasil. (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei no. 8.069/90.

Brasil (2001). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2000: famílias e domicílios (resultados da amostra)*. Rio de Janeiro, RJ (Brasil): IBGE.

Brasil *Código Civil*. Lei n. 10.406, de 10 jan. 2002. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/sal>>. Acesso em 12 dez. 2009.

Brauner, M. C. C. (2003). *Direito, sexualidade e reprodução humana: conquistas éticas e debate bioético*. Rio de Janeiro: Editora Renovar.

Butler, J. (2003). O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, 21, 219-260.

Castells, M. (2000). *A Sociedade em Rede*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra.

Conde, F. (1995a). Las perspectivas metodológicas cualitativa y cuantitativa en el contexto de la historia de las ciencias. In Delgado, J.M. & Gutiérrez, J. (Eds.) *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en Ciencias Sociales* (pp. 53-68). Madrid: Editorial Síntesis S.A.

Costa, J. F. (1983). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.

Delaissi de Parseval, G. (1999). La construction de la parentalité dans les couples de même sexe. In Borillo, D.; Fassin, E.; Iacub, M. (Orgs.). *Au-delà du PaCS: L'expertise familiale à l'épreuve de l'homosexualité*. (pp. 225-244). Paris: PUF.

Diniz, G, C, V. & Rocha, Z. (2006). As metamorfoses do espelho do rosto materno na constituição do self da criança. *Revista Mal-estar E Subjetividade*, VI (001), 125-142.

Dor, J. (1991). *O pai e sua função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Durham, E. R. (1983). Família e reprodução humana. In: Franchetto, M. Cavalcanti, M. L. V.C; Heilborn, L. C. (Orgs.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. (pp. 13 – 44). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Eugenio, F. (2002). De pais, mães e filho: discursos e reivindicações da homoparentalidade. *V Reunião de Antropologia do Mercosul – GT Homossexualidades, política e direitos*. Florianópolis.

Ferro, A. (1998). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago.

Ferro, A. (2008). As homossexualidades: um campo a ser arado. In Ferro, A. *Técnica e criatividade: o trabalho analítico*. (pp. 91 – 102). Rio de Janeiro: Imago.

Figueiredo, L. C. M. (2006). Pesquisa em psicanálise. Isso existe? *Ide*, 29 (42), 158-161.

Fonseca, C. (2008). Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 768-783.

Foucault, M. (1984). *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Graal.

Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 1, pp. 335 – 400). Rio de Janeiro: Imago, v. I. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 7, pp. 128 – 217). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1996). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 11, pp. 143 – 156). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 12, p. 15 – 92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 12, pp. 125 – 136). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 14, p. 81 – 110). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1996). Conferências introdutórias sobre Psicanálise. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 15, p. 13 – 24). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).

Freud, S. (1996). Sobre o ensino da Psicanálise nas Universidades. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 17, p. 185 – 192). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918).

Freud, S. (1996). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 18, p. 159 – 186). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 18, p. 13 – 156). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 28, p. 235 – 250). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922).

Freud, S. (1996). O Mal-estar na civilização. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 21, p. 67 – 148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

Freud, S. Sexualidade feminina. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 21, p. 231-254). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).

Garbar, C. & Theodore, F. (2000). *Família Mosaico – as novas constituições familiares*. São Paulo: Augustus editora.

Glover, E. (1933). The relations of perversion formation to the development of reality-sense. *International Journal of Psycho-Analysis*, XVI, 486-504.

Green, A. (1995). Sexualidade tem algo a ver com Psicanálise? *Psycho-anal*, 76(5), 38-43.

Green, A. (2000). Bissexualidade e homossexualidade-s. In Green, A. *As cadeias de Eros: actualidade do sexual*. (pp. 161 – 169). Lisboa: Climepsi.

Guiddens, A. (1993). *The transformation of intimacy: Love, sexuality and eroticism in modern societies*. Cambridge: Polity Press.

Golombok, S. (1996). Do parents influence the sexual orientation of the childrens? Finding from a longitudinal study of lesbian families. *Developmental Psychology*, 37(1), 3-11.

Golombok, S. (2002). Adoption by lesbian couples. *BMJ*, 321, 1407-1408.

Hermann, F. (1987). Quatro notas brevíssimas sobre o método psicanalítico. *Ide*, 14, 17-20.

Hermann, F. (1993). Uma aventura: A tese psicanalítica (Entrevista com Fábio Herrmann). In *Investigação e psicanálise*. (pp. 133 – 158). SP: Papirus.

Herrmann, F. & Lowenkron, T. (2004). *Pesquisando com o método psicanalítico*. Casa do Psicólogo: São Paulo.

Heimann, P. (1995). Sobre a contratransferência. *Revista de Psicanálise SPPA*, 2(1), 171-176. (Trabalho original publicado em 1950).

Héritier, F. (1996). *Masculin / Féminin. La pensée de la différence*. Paris: Editions. Odile Jacob.

Julien, D.; Dubé, M. & Gagnon, I. (2004). Le developpment des enfants de parents homossexuels compare à celui des enfants des parents hétérossexuels. *Revue Québécoise de Psychologie*, 15(3), 145-156.

Klein, M. (1997). Os efeitos das primeiras situações da angústia sobre o desenvolvimento sexual da menina. In Klein, M. *Psicanálise da criança*. (pp. 213 – 257). São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1932).

Klein, M. (1997). *A Psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975).

Kupfer, M. C. M. & Bernardino, L. M. F. (2009). As relações entre a construção da imagem corporal, função paterna e hiperatividade: reflexões a partir da pesquisa IRDI. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, 12(1), 45-58, 2009.

Jerusalinsky, A. (2000). Inventário de sintoma para iniciar o novo sintoma. *O outro milênio – correio da APPOA*, 76, 19-22.

Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956).

Legendre, P. (2004). Poder genealógico do Estado. In: Altoé, S. (Org.). *Sujeito do direito, sujeito do desejo: direito e Psicanálise*. (pp. 79 – 87). Rio de Janeiro: Revinter.

Lévi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares do parentesco*. Trad. M. Ferreira. Petrópolis: Vozes.

Lima, C. B. (1997). Desenvolvimento e atualização. In: Trinca, W. (Org). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias; procedimento de desenhos de famílias com estórias*. (pp. 217 – 254). São Paulo: Vetor.

Magalhães, M. C. R. (2004). Narcisismo primário e o desejo. *Pulsional Revista de Psicanálise*. XVII(178), 52-61.

Maldonado, M. T. P. (1976). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Petrópolis: Vozes.

Mc Dougall, J. (1987). Repensando Eva: dos componentes homossexuais da sexualidade feminina. In Mc Dougall, J. *Conferências brasileiras: corpo físico, corpo psíquico, corpo sexuado*. (pp. 103 – 124). Rio de Janeiro: Xenon.

Meltzer, D. (1971). *O Processo Psicanalítico da Criança ao Adulto*. Rio de Janeiro: Imago.

Mezan, R. (2004). Que significa “pesquisar” em Psicanálise? In Herrmann, F. & Lowenkron, T. *Pesquisando com o método psicanalítico*. (pp. 49 – 90). Casa do Psicólogo: São Paulo.

Migliavacca, E. M. (2001). A Psicanálise e a Universidade – Pesquisa. *Psicologia USP*, 12(2), 119-124.

Nascimento, A. M. (2006). População e família brasileira: ontem e hoje. In XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambú: MG, (Anais eletrônicos). Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_476.pdf>. Acesso em 27 junho 2010.

Netto, P. A. A. (1985). Por quem teria narciso, verdadeiramente, se apaixonado? *Reunião Científica da Sociedade de Psicanálise de São Paulo*. São Paulo.

Nogueira, L. C. (2004). A pesquisa em Psicanálise. *Psicologia USP*, São Paulo, 15(1/2), 83-103, 2004.

Organização Mundial da Saúde. (1997). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID 10*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Parseval, G. (1999). Préface. In: Dubreuil, E. *Des parentes de même sexe*. (pp. 9 – 17). Paris: Odile Jacob.

Passos, M. C. (2005). Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 17(2), 31-40.

Patterson, C. J. (2004). Résultats des recherches concernat L'homoparentalité. *Université de Virginie / APA*. Disponível em <<http://www.france.qrd.org/assocs/apgl/>>. Acesso em 10 fev. 2009.

Perelson, S. (2006). A parentalidade homossexual: uma exposição do debate psicanalítico no cenário francês atual. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(3), 709-730.

Pessoa, F. (2006). *Livro do desassossego*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho originalmente publicado em 1997).

Pinto, E. B. (2004). A pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica. *Psicologia USP*, 15(1/2), 71-80.

Politzer, G. (1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a Psicologia e a Psicanálise*. Portugal. Piracicaba: Editora Unimep. (Trabalho originalmente publicado em 1928).

Racker, H. (1982). Os significados e usos da contratransferência. In Racker, H. *Estudos sobre técnica psicanalítica*. (pp. 120 – 157). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1953).

Rezende, A. M. (2000). *O Paradoxo da Psicanálise: uma ciência pós-paradigmática*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria.

Rey, F. G. (1998). *Problemas epistemológicos de la Psicología*. La Habana: Academia.

Roudinesco, E. (2003) *A Família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho originalmente publicado em 1999).

Rosenfeld, H. (1965). Remarks on the relation of male homosexuality to paranoia, paranoid anxiety and narcissism. In Rosenfeld, H. *Psychotic States – a Psycho-Analytical Approach*. (pp. 34 – 51). England: The Hogarth Press. London. (Trabalho original publicado em 1949).

Samara, E. M. (2002). *A Família Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Singly, F. (2007). *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Stacey, J. & Biblarz, T. J. (2001). How does the sexual orientation of parent matter? *American Sociological Review*. 66, 159-183.

Stake, R. E. (2000). Case studies. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (ed). *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publication.

Soifer, R. (1982). *Psicodinamismos da Família com Crianças*. Petrópolis: Editora Vozes.

Souza, E. (2005). *Necessidade de filhos: maternidade, família e (homo) sexualidade*. 2005. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Tachibana, M. (2008). *O funeral do bebê: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem acerca da mulher que sofreu interrupção da gestação*. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Tarnovski, F. L. (2003). *Pais assumidos: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Trinca, W. (1997). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimentos de desenhos-histórias e procedimentos de desenhos de famílias com estórias*. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda.

Tort, M. (2000). Quelques conséquences de la differences psychanalytique des sexes. *Les temps modernes*, Paris, 154, 176-215.

Uziel, A. P. (2002). *Família e Homossexualidade: velhas questões, novos problemas*. 2002. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, Campinas.

Winnicott, D. W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In Winnicott, D. W. *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas*. (pp. 218 – 232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945).

Winnicott, D. W. (2000). Preocupação materna primária. In Winnicott, D. W. *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas*. (pp. 399 – 405). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (2000). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In Winnicott, D. W. *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas*. (pp. 316 – 331). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951).

Winnicott, D. W (1983). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In Winnicott, D. W. (Org.) *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp. 128 – 139). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960).

Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982. (Trabalho original publicado em 1965).

Winnicott, D. W. (1994). O valor da consulta terapêutica. In Winnicott, C. Sherperd, R. & Davis M. (Orgs.). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. (pp. 244 - 248). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965).

Winnicott, D. W. (1994). Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos. In Winnicott, C. Sherperd, R. & Davis M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 133 – 143). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1966).

Zambrano, E. (2006). *O Direito à Homoparentalidade – cartilha sobre as famílias cujos pais são homossexuais*. Porto Alegre: Ed. Vênus.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____ concordo em participar como voluntária na pesquisa “*Considerações sobre a homoparentalidade feminina: uma visão psicanalítica*”, desenvolvida pela pesquisadora Ana Laura Moraes Martinez, sob orientação da Profa. Dra. Valéria Barbieri, que tem como objetivo conhecer o psicodinamismo de casais de mulheres com filhos.

Fui informada de que este estudo pode auxiliar no entendimento dos processos de filiação homoparental e contribuir para que as pessoas tenham uma compreensão mais ampla com relação à homoparentalidade feminina. Para isso, concordo em participar das seguintes etapas: 1) responder a uma entrevista realizada pela pesquisadora; 2) responder a um instrumento de avaliação psicológica que consiste em confeccionar produções gráficas e verbais; 3) participar de uma entrevista familiar onde estarão presentes todos os membros que residam na casa; 4) participar de uma devolutiva a ser feita com o casal.

Fui informada de que minha participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Também fui informada de que será colocado à minha disposição apoio psicológico pela pesquisadora, caso, durante a coleta de dados, haja algum incômodo ou desconforto emocional provocado pelas entrevistas. Sei também que este estudo possui finalidade de pesquisa, sendo que os dados obtidos serão utilizados em publicações científicas, sem que minha identidade bem como de minha família sejam reveladas. Fui informada ainda que, caso haja necessidade de maiores informações, poderei entrar em contato com as pesquisadoras pelos telefones indicados neste termo.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2011.

Assinatura do (a) participante

Assinatura da psicóloga responsável
Ana Laura Moraes Martinez
Fone: (16)3024 1686

ANEXO B - Roteiro de entrevista semiestruturada

- 1) Aspectos da dinâmica do casal na visão de cada um (como se conheceram; desde quando estão juntos; como é a relação entre eles; como foi a aceitação da família em relação à homossexualidade e à união do casal; vivências de preconceito, etc.).
- 2) A vivência com a parentalidade (como se deu – adoção, gravidez, inseminação artificial, etc); como a família recebeu a criança e como foi a reação mediante o desejo do casal ter um filho; a chegada da criança na casa; os preparativos; medos, dificuldades e alegrias.
- 3) Os cuidados em relação à criança (como é a divisão de tarefas; negociações e conflitos nas atividades quotidianas ligadas ao cuidado da criança; dificuldades encontradas; como essa nova rotina interferiu na relação conjugal).
- 4) Significados da maternidade e paternidade e concepção de família (como cada um se vê como pai / mãe da criança e como cada um vê o(a) companheiro(a) nessa função; o que é ser uma boa mãe e um bom pai na concepção de cada um; o que é ser uma família.